

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM  
HISTÓRIA

**RICIERI ALBERICI NETO**

**A FEB E A CRUZ  
A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA BRASILEIRA  
NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Niterói  
2020

**RICIERI ALBERICI NETO**

**POLÍTICA, MOVIMENTOS SOCIAIS E MEMÓRIA**

**A FEB E A CRUZ  
A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA BRASILEIRA NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: MARCELO DA SILVA  
TIMÓTHEO DA COSTA

Niterói  
2020

### **CIP - Catalogação na Publicação**

Alberici Neto, Ricieri

A331 A FEB e a cruz: assistência religiosa brasileira na 2ª Guerra Mundial. / Ricieri Alberici Neto. -- Niterói, RJ, 2020.

x, 1-122p.; tabs.

[Numeração da publicação: [1]-10; 1-122].

Referências: P. 118-122.

Orientador: PhD. Marcelo da Silva Timóteo da Costa.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2020.

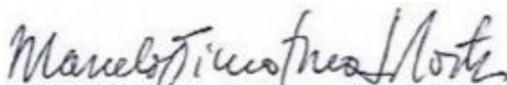
1. Força Expedicionária Brasileira – FEB - História. 2. 2ª Guerra Mundial - História. 3. Religião. I. TÍTULO.

CDD 940.5381

RICIERI ALBERICI NETO

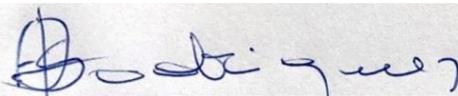
**A FEB E A CRUZ**  
**A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA BRASILEIRA NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 21 de agosto de 2020 pela banca examinadora, composta pelos professores:



---

**Prof. Dr. Marcelo da Silva Timótheo da Costa**  
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira



---

**Prof. Dr. Fernando da Silva Rodrigues**  
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira



---

**Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas**  
Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus porque tudo tornou possível, a minha esposa Rosineide e filhas Letícia e Júlia pelo apoio nas leituras e paciência nas horas de ausência, aos meus pais Ricieri e Maria que desde o início de minha vida investiram constantes sacrifícios, a Fundação Osorio onde trabalho como professor por disponibilizar o tempo precioso necessário à pesquisa e às aulas do Mestrado, e ao meu professor orientador Marcelo Timotheo por acreditar na viabilidade desse projeto e conduzi-lo pelo melhor caminho possível, caminhamos juntos com incrível afetuosidade.

## **ABREVIACÕES**

AHEx – Arquivo Histórico do Exército

BIBLIEx – Biblioteca do Exército

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CPOR - Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FGV – Fundação Getúlio Vargas

RI – Regimento de Infantaria

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Navios mercantes afundados por torpedos .....	15
<b>Tabela 2:</b> Indicativo das baixas da FEB na Itália em 1944/45 .....	42
<b>Tabela 3:</b> Objetos encontrados com os mortos da FEB .....	74
<b>Tabela 4:</b> Relação dos capelães .....	86

## RESUMO

Durante a guerra os homens precisam de apoio moral para enfrentar as dificuldades pertinentes do combate prolongado. O Serviço de Assistência Religiosa foi criado para acompanhar os combatentes nos teatros de operações. Seu trabalho estava focado sobre o moral dos exércitos, buscando compreender a alma do homem que lutava defendendo os interesses de sua nação. Não foi diferente no Brasil que organizou a Força Expedicionária Brasileira para representá-lo na 2ª Guerra Mundial em 1944. Os capelães exerceram relevante função para manter elevado o moral da tropa que não tinha o treinamento e a instrução adequados para enfrentar as tropas do Eixo que imperavam no Teatro Italiano. Por diversas vezes os capelães se arriscaram no *front* aliando os elementos da caserna com a religiosidade do brasileiro, para celebrar missas, levar socorro a feridos ou ainda ministrar coragem ao guerreiro que se preparava para entrar em combate.

Palavras-chave: História Militar. Guerra. Religião

## **ABSTRACT**

During the war men need moral support to address the problems relevant to the prolonged fighting. The Office of Pastoral Care was created to accompany the fighters in the theaters of operations. His work was focused on the morale of armies, trying to understand the soul of the man who fought to defend the interests of their nation. It was no different in Brazil, which hosted the Brazilian Expeditionary Force to represent him at the 2nd World War in 1944. The chaplains have had important role to maintain the high morale of the troops who had no training and education appropriate to meet the Axis troops who prevailed in the Italian Theatre. Several times the chaplains have ventured in front combining the elements of the barracks with the religiosity of the Brazilian, to celebrate masses, bring aid to injured or even give courage to the warrior who was preparing to enter combat.

Key words: Military History. War. Religious Support

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I - O Envolvimento do Brasil na 2ª Guerra Mundial e o moral da Força Expedicionária Brasileira</b> .....	7
1.1 A entrada do Brasil da II Guerra Mundial.....	7
1.2 O Recrutamento da FEB.....	18
1.3 As precárias condições de saúde dos selecionados para a FEB.....	23
1.4 A instrução insuficiente.....	27
1.4.2 Dificuldades específicas na instrução moral do expedicionário.....	34
1.5 Imposições da guerra para o expedicionário.....	38
<b>Capítulo II - Guerra, religião e moral</b> .....	46
2.1 Considerações iniciais.....	46
2.2 Os deuses na guerra: a contínua relação entre religião e guerra.....	47
2.3 Moral – Combustível humano, força emocional para o combate e suas deficiências.....	51
2.4 Problemas que corroem o moral em combate.....	55
2.5 O esgotamento do moral provocado pelo medo de matar e de morrer: agentes provocadores de baixas psiquiátricas.....	57
2.5.1 O medo de matar.....	57
2.5.2 O medo de morrer – refletindo sobre a contribuição de Philippe Ariès.....	64
<b>Capítulo III - O apego ao sagrado, a devoção dos militares e o trabalho do capelão na guerra</b> .....	69
3.1 Considerações sobre as experiências do trabalho religioso em guerras.....	70
3.2 A proximidade com o divino concretizada nos objetos sagrados.....	73
3.3 Criação do Serviço de Assistência Religiosa.....	82
3.4 O Trabalho do Capelão.....	87
3.4.1 As Missas e os cultos, orações e cânticos – o reconhecimento das práticas litúrgicas na guerra para elevar o moral dos combatentes.....	94
3.4.2 Visita aos Hospitais – o diálogo e o aconselhamento.....	105
3.4.3 Correspondências.....	109
3.5 À guisa de conclusão.....	111
<b>Conclusão</b> .....	113
<b>Fonte</b> .....	118
<b>Bibliografia</b> .....	119

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa destina-se a estudar o trabalho da Assistência Religiosa, através do Capelão Militar da Força Expedicionária Brasileira, durante a 2ª Guerra Mundial, mais exatamente nos anos de 1944 e 1945.

O foco principal está direcionado para as ações dos capelães, trabalho esse que buscou manter o moral da tropa, suporte espiritual que se revelou necessário para que os pracinhas suportassem as adversidades próprias do combate.

A assistência religiosa foi iniciada ainda na concentração da Força Expedicionária Brasileira, na Vila Militar do Rio de Janeiro, no local à época denominado Morro do Capistrano. No entanto, o espaço principal de seu trabalho foi o teatro de operações italiano, onde acompanhou-se a assistiu-se os expedicionários nos combates travados.

Para atuar junto aos integrantes da FEB no esforço de guerra, o quadro da Assistência Religiosa precisou ser reorganizado. O Brasil chegou a ter capelães na Guerra do Paraguai, porém, no pós guerra, o quadro foi dissolvido. Essa reorganização não era novidade, o quadro também existia nos países Aliados, como nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Mas tal assistência expunha civis que desconheciam a vida na caserna, uma vez que eram sacerdotes comuns sem preparação militar. Apresentando-se a necessidade do Exército mobilizar os sacerdotes, tornou-se igualmente necessário prepará-los para o *front*, organizá-los administrativamente em postos do oficialato, entre outras preocupações de um quadro novo que se criava.

No teatro de operações italiano, os capelães precisaram fazer mais do que ministrar a *extrema unção* aos feridos de morte. Por isso, é relevante pesquisar se o capelão conseguiu influenciar o moral da tropa e quais os aspectos positivos que gerou para os integrantes da FEB.

A questão é identificar em que a religião, nesse caso o cristianismo por ser a principal expressão de fé do brasileiro, ajudou os combatentes no *front*. Propõe-se, portanto, aqui esclarecer a influência da assistência religiosa sobre o moral da tropa, contribuindo na disciplina e na resistência da mesma, entre outros possíveis aspectos. Dessa forma, buscou-se considerar as crenças individuais e coletivas e suas relações com os valores militares do soldado principalmente quando os homens estão expostos ao risco de morte imediata, em conjunto ou individualmente.

Os caminhos para esclarecer as questões apresentadas se dividem em duas principais análises. Primeiro para as dificuldades enfrentadas pelos convocados, desde sua mobilização

até ao teatro de operações italiano. Entre os principais problemas estavam a instrução e o treinamento incompletos, doenças, intempéries, terreno desconhecido, risco de morte e a saudade de casa. Tais elementos provocavam desgaste emocional e psicológico, reduzindo, portanto, o moral dos homens.

Em segundo, busca-se conhecer o comportamento do expedicionário já em combate, na Itália, e como o capelão trabalhou na tentativa de amenizar suas dores e mantê-lo atuante na guerra. Para isso é preciso refazer a história do Serviço de Assistência Religiosa, verificando como seu trabalho conseguiu contribuir para a vitória final da FEB e dos Aliados.

Na metodologia é necessário estruturar como ocorreu a mobilização dos expedicionários para depois chegar no específico, analisando a organização e o desenvolvimento das relações dos oficiais capelães com os demais integrantes da FEB.

As fontes selecionadas são os relatórios dos capelães militares, informando sobre suas atividades na guerra junto à tropa. Documentação atualmente guardada no Arquivo Histórico do Exército (AHEx).

Os relatórios produzidos pelo Pelotão de Sepultamento também foram relevantes para esta pesquisa. Esses recolheram e catalogaram objetos religiosos que os militares portavam ao morrer e que revelaram sua religiosidade. Tais fontes já foram trabalhadas pela historiadora Adriane Piovezan<sup>1</sup>, no AHEx.

Os diários e a pesquisa bibliográfica são fundamentais e também servem para reconstruir esse importante momento para a história militar e religiosa dos brasileiros. São diversas obras que hoje compõem o estudo sobre a FEB. Foi necessário pesquisar a bibliografia geral para depois chegarmos às específicas, observando as dificuldades dos militares brasileiros na guerra.

As fontes indicadas são trabalhadas de forma quantitativa, como no número de missas celebradas, militares nelas presentes e os objetos religiosos encontrados com os mortos porque demonstravam sua crença no divino. Mas também de forma qualitativa, ao se analisar os relatos dos ex-combatentes e as mensagens dos capelães, esforçando-se para alcançar a íntima relação entre o guerreiro, a religião e o moral no combate.

Na obra *História, Novos Objetos*, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora<sup>2</sup>, Jacques Revel e Jean-Pierre Peter abordam a história da doença, a morbidade e o sentimento de medo que acometem os homens.

---

<sup>1</sup> PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na Guerra*. Curitiba: CRV, 2017.

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

[...] desde a origem da crônica, o historiador fez da doença uma das passagens obrigatórias de sua narrativa. De Tucídides a Gregório de Tours e aos inumeráveis *Relatórios sobre a doença*, anônimos que comentam as pestes da idade moderna, o hábito conservou-se; é encontrado sem surpresa na imagem que o jornal hoje dá da epidemia ou do fantasma da epidemia. É reconhecido em todos esses textos de seqüências semelhantes. Um ator histórico (o chefe, a cidade, o povo cristão, a nação) recebe do exterior (Deus, o Oriente, os judeus) seu mal (castigo, provação, vingança), porém deve procurar nele mesmo o remédio (no arrependimento, na prece, no isolamento)<sup>3</sup>

Foi verificado que parte significativa dos soldados mobilizados para compor a Força Expedicionária Brasileira era composta por populações do interior que, em muitos casos, viviam em precárias condições. Eram vítimas das doenças que também estavam relacionadas com a falta de costumes de higiene, comuns na época. Mesmo assim, devido às necessidades de organização da FEB, muitos doentes foram aprovados nos exames médicos e enviados para a Itália. Conforme citado no texto acima “*mesmo doente, todo homem é um homem.*”<sup>4</sup>

Nos séculos passados, o homem observava a doença pela ótica do sobrenatural. Exemplo disso foram as respostas dadas para a Peste Negra, na Baixa Idade Média. No mundo moderno, foi a ciência que procurou estudar o corpo e suas doenças. O destaque ficou para a medicina no tratamento das mazelas do corpo. Para isso era preciso que o médico observasse a doença em seus sintomas somáticos, acompanhando o paciente. Assim, conhecia-se a doença através de suas manifestações.

Contudo, nem todas as mazelas podiam ser explicadas pela medicina. Os doentes que não encontravam recurso nela precisavam procurar alívio em outra área. O homem, que na Idade Média procurava a religião, a Igreja e o padre, voltou a fazê-lo mais tarde, em momentos de crise e provação, quando a ciência não pode lhe favorecer com a cura para os problemas por ele vivenciados.

Isso não era uma novidade, François Lebrun<sup>5</sup> tentou explicar atitudes populares diante da doença e da morte, através da doutrina da Igreja e das ideias científicas.

Ao final de um sólido recenseamento demográfico e epidemiológico, François Lebrun, para explicar as atitudes populares diante da doença e da morte, as afere segundo sua concordância com a doutrina da Igreja de um lado e com o ideal científico do outro. Procurava-se, nos campos, consolação, proteção ou terapias outras fora da medicina (...)<sup>6</sup>

<sup>3</sup> Ibid., p. 142

<sup>4</sup> REVEL, Jacques e PETER, Jean Pierre. *O Corpo, o homem doente e sua história*. In LE GOFF, Novos Objetos... p. 144.

<sup>5</sup> FRANÇOIS Lebrun. *Les hommes et la mort en Anjou aux XVI et XVIII siècles*, Paris, 1971. Apud. LE GOFF, *Novos Objetos...* p. 152.

<sup>6</sup> Ibid. p. 152.

Para Revel e Peter, o historiador não pode fazer a história das doenças apenas analisando os sintomas somáticos ou orientados exclusivamente pela medicina. É preciso perceber os acontecimentos em volta do homem.<sup>7</sup> Depois de Sigmund Freud, a história não pode mais abrir mão do psicoemocional, da alma e do espírito humano.

É todavia um corpo silencioso aquele que os arquivos fornecem ao historiador para ler. Relatórios médicos ou comunicações administrativas, pesquisas judiciárias ou manuais eclesiásticos convidam o historiador a retomar por sua própria conta as palavras que dão objetividade a esses textos e a usar também do direito de observar.<sup>8</sup>

Na guerra, as doenças psicológicas e emocionais são muito frequentes entre os homens lançados ao campo de batalha. Os combatentes manifestam dificuldade de resistir à realidade da morte imediata ou de estarem face a face com ela. Isso degenerava seu moral para continuar na batalha. Torna-se imperioso amenizar o impacto que a guerra traz ao homem, buscando-se, por exemplo, dentro dele mesmo o suporte para enfrentar a situação.

É o caso do apelo à religião. Valendo-se da fé e da crença interior, – por intermédio de celebrações, ritos e acompanhamento espiritual –, torna-se possível ajudar o homem que combate a se manter mais equilibrado e com moral preservada nas situações que, em muitos casos, o levava ao limite de suas forças externas e internas.

A medicina trata das perturbações do corpo. Na guerra, os médicos socorrem os soldados em risco de perder a vida. Mas, com o corpo em agonia, muitos soldados em dificuldade para lidar com seus males internos buscam auxílio em seus sofrimentos psicoemocionais com capelão, amenizando um quadro interior de estresse profundo que poderia se tornar esgotamento moral.

Usando as palavras de Michelet, Le Goff diz que é papel do historiador desvendar “*as palavras que permanecem no fundo do coração.*”<sup>9</sup> Referiu-se ao pensamento humano, quando esse é expresso nas atitudes comportamentais, podendo ser traduzido no papel, no documento. O desespero e o medo são produtos reais das situações que envolvem os homens na guerra e também podem ser apreendidos e analisados pela História.

Retorne-se ao estudo aqui apresentado. Na bibliografia nele arrolada, estão presentes obras como: *A FEB por seu Comandante*, do Marechal Mascarenhas de Moraes<sup>10</sup>; as

---

<sup>7</sup> Ibid. p. 157, 158.

<sup>8</sup> Ibid. p. 147.

<sup>9</sup> LE GOFF, *Novos Objetos*, p. 154.

<sup>10</sup> MORAES, J. B. Mascarenhas de. *A FEB por seu Comandante*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2005.

pesquisas de Alcemar Ferreira Junior<sup>11</sup>, sobre o recrutamento; as análises de Francisco César Alves Ferraz<sup>12</sup>, que deram origem ao livro *Os Brasileiros e a II Guerra Mundial*; o singular trabalho de Adriane Pivezan<sup>13</sup>, *Morrer na Guerra*; e a contribuição de Dave Grossman<sup>14</sup> com o livro *Matar, Um Estudo Sobre o Ato de Matar*.

Entre as obras de memórias, estão a biografia escrita por Gentil Palhares<sup>15</sup>, do capelão Frei Orlando; o livro *Estou Ferido*, de Joaquim J. Dourado<sup>16</sup> e a obra de Emílio Jacob Schneider<sup>17</sup>, *Vivência de um Ex-Capelão da FEB*. Alguns desses autores estiveram nos combates e acompanharam, como testemunhas, o sofrimento provocado pela guerra.

Já o Mal. Mascarenhas de Moraes forneceu dados sobre as dificuldades da mobilização, o estado de saúde da tropa e os reveses iniciais sofridos pela FEB. Seu relato expressa a visão do comandante sobre a participação dos expedicionários no esforço de guerra. Alcemar Ferreira Junior trabalhou com a organização do recrutamento da FEB. Questões como o clientelismo e os apadrinhamentos para escapar da guerra e o insuficiente estado de saúde do brasileiro, atrapalharam a formação da tropa expedicionária. O texto de Ferraz acrescenta o desenrolar dos acontecimentos que introduziram o Brasil na 2ª Guerra Mundial. Adriane Pivezan usou os relatórios individuais do Pelotão de Sepultamento da FEB para estudar a religiosidade dos expedicionários. Seu trabalho, bastante inovador, mostrou que o avanço da laicização próprio da modernidade não fez declinar a fé do brasileiro enviado a lutar na Itália. Na guerra, o medo da morte aproximou o homem do divino, sendo esse movimento aproveitado pelos capelães, principalmente sobre aqueles que estavam na frente do combate e com risco de morrer. Também entre as fontes escritas aqui utilizadas, encontram-se os testemunhos de Dourado e Jacob Schneider, padres, capelães militares que escreveram diários sobre suas experiências na guerra. Juntos com Palhares, que era tenente do mesmo regimento de Frei Orlando e biógrafo do mesmo, os sacerdotes forneceram relevantes informações sobre o trabalho diário dos capelães militares e sua convivência com os pracinhas. Há harmonia no diálogo entre os autores de forma que concordam, mesmo sob diferentes pontos de vista, sobre a importância do acompanhamento religioso para elevar ou recuperar o moral da tropa.

Procurou-se levar em conta a voz de outros profissionais empenhados no atendimento

---

<sup>11</sup> FERREIRA JUNIOR, Alcemar. *Uma visceral rebeldia: clientelismo e isenções no recrutamento da Força Expedicionária Brasileira (1943-1944)*. Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2006.

<sup>12</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. São Paulo: USP, 2003.

<sup>13</sup> PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na Guerra*. Curitiba: CRV, 2017.

<sup>14</sup> GROSSMAN, Dave. *Matar, Um Estudo Sobre o Ato de Matar*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2007.

<sup>15</sup> PALHARES, Gentil. *Frei Orlando, O Capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1982.

<sup>16</sup> DOURADO, J.J. *Estou Ferido*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1945.

<sup>17</sup> SCHNEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um Ex-Capelão da FEB*. Curitiba: Rosário, 1983.

aos pracinhas. A respeito dos feridos internados, foi possível colher informações a partir do testemunho das enfermeiras brasileiras que deles cuidaram, relacionando o apurado com os dados fornecidos pelos capelães que visitavam as instalações hospitalares.

Quanto a ensaios mais teóricos pertinentes ao tema a ser tratado nas linhas seguintes, consultou-se a obra de Dave Grossman. Nela, seu autor, dando exemplos de casos ocorridos na 2ª Guerra Mundial, tratou do estado psicológico dos homens na guerra, escrevendo sobre as dificuldades encontradas quando do combate, notadamente aquela mais aguda, a de se matar outro ser humano. O livro de Grossman também mostrou as consequências do impacto da exaustão, produzido pelas adversidades da guerra, sobre o moral dos combatentes. Igualmente importante para a abordagem teórica de nosso estudo é como, ao lado do medo de matar, estava o medo de morrer. Valeu-se aqui da obra de Philippe Ariès<sup>18</sup>, que analisa a história da morte e suas transformações na percepção da cultura ocidental.

Ao mencionar a bibliografia acessada para a escrita dessa dissertação de mestrado, caberia realizar um último movimento. Registrar, ainda que brevemente, no que este estudo poderá contribuir, ele próprio, para a bibliografia específica sobre a participação brasileira na 2ª. Guerra Mundial. A bibliografia existente sobre essa importante experiência histórica privilegia principalmente seus aspectos políticos. Pouco nos diz sobre temas relativos à História Cultural. Assim que se decidiu propor abordagem que se inserisse no campo das sensibilidades religiosas, mesmo que para isso seja necessário, na contextualização, explorar alguns elementos sócio-econômicos da época. Para a sociedade brasileira sempre será importante entender a magnitude da participação de seus homens e mulheres na 2ª Guerra Mundial. Entendimento esse que fica um pouco mais completo quando se avalia, sem promover apologia de qualquer doutrina religiosa, o serviço de capelania da FEB no teatro de operações italiano, nos últimos anos do maior conflito bélico da história mundial.

---

<sup>18</sup> ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

## Capítulo I - O Envolvimento do Brasil na 2ª Guerra Mundial e o moral da Força Expedicionária Brasileira

### 1.1 A entrada do Brasil da 2ª Guerra Mundial

Não é conveniente estudar a experiência brasileira na 2ª Guerra Mundial, mesmo que a análise não seja um panorama geral, mas um corte específico, sem antes contextualizar brevemente os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que operaram sobre a nação na época.

No final da década de 1930, o mundo europeu vivia uma tensão que oferecia a possibilidade de um novo conflito bélico de proporções mundiais, como ocorreu na 1ª Guerra entre os anos de 1914 e 1918. Era a guerra total, um conceito moderno para explicar a mobilização de todos os meios existentes no país para o esforço bélico, tanto o material quanto o humano.<sup>19</sup>

O Brasil entrou na Primeira Guerra Mundial após o torpedeamento dos seus navios mercantes por submarinos alemães. A participação ocorreu por meio de uma Divisão Naval, aviadores e médicos.

Ao chegar os anos 1930, apesar de estar geograficamente distante da Europa, autoridades governamentais brasileiras conjecturavam sobre a possibilidade de nova guerra de grandes proporções deflagrada no Velho Continente. Mas essa hipótese, debatida por lideranças políticas do governo de Getúlio Vargas, do grupo militar e alguns dos mais interessados no contexto político internacional, não se tornou preocupação da sociedade brasileira, que só deu atenção ao grande evento quando o conflito chegou à costa nacional, com o torpedeamento, por submarinos alemães, de navios mercantes brasileiros e a consequente perda de vidas humanas.<sup>20</sup>

Com o disparar da guerra em setembro de 1939, quando a Alemanha de Hitler invadiu a Polônia, e provocou a declaração de guerra por parte da França e Reino Unido, o Brasil, sob o governo de Vargas, conseguiu manter a neutralidade por quase três anos, devido a vários interesses.

Vargas sabia que, que se apoiasse os Aliados, estaria em contradição com sua própria ditadura, desgastando-se internamente. Por outro lado, se apoiasse o Eixo estaria desafiando os Estados Unidos que era a maior potência da América e abastecia os ingleses.

---

<sup>19</sup> HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 90.

<sup>20</sup> PAULA, Luiz C. de. *História Militar Brasileira: período republicano*. Palhoça: Unisul, 2010, p.251, 290.

A respeito do poder político centralizador de Vargas, houve um debate que não acompanharemos nessas linhas porque escapa ao objetivo do presente trabalho. Optamos pelo regime ditatorial posto que, no fechamento do congresso em 1937, direitos foram retirados enquanto deputados eram cassados. O fechamento do parlamento caracteriza o regime ditatorial. Vargas atuou com o apoio de seguimentos das forças armadas, entre outros aliados. Autores como R. S. Rouse<sup>21</sup> e Maria Helena Capelato<sup>22</sup> estabeleceram o debate e caracterizaram o regime político varguista como ditatorial.<sup>23</sup>

A nova Carta do país [Constituição de 1937] dava munição legal ao Estado Novo. Quando e onde fosse necessário, a lei permitia ao presidente usar e interpretar a vontade todo-poderosa do povo brasileiro. Para salvaguardar esse pacto entre ambos, Getúlio declarou que a hora exigia a implantação de um estado de emergência no país. Consequentemente, ele se concedia poderes ditatoriais e considerava aconselhável: fechar o Congresso, proclamar todos os partidos políticos obsoletos, prolongar seu mandato até 1943, ou mais além, anular os direitos civis (particularmente os que envolviam crítica ao governo), promulgar a pena de morte, formalizar a censura e exigir que um de seus retratos estivesse sempre à mostra em todo e qualquer lugar público.<sup>24</sup>

De forma semelhante Maria Helena Capelato classifica o Estado Novo de ditadura. A autora afirma que a ditadura estadonovista tinha *modus operandi* autoritário, mas é classificado como regime ditatorial.<sup>25</sup>

No plano econômico, segundo Francisco Ferraz, o Brasil fazia parte de um grupo de países interessados em fornecer matérias-primas aos Estados envolvidos diretamente no conflito, em condições vantajosas<sup>26</sup>.

Com a Itália, o Brasil tinha um acordo para comprar submarinos<sup>27</sup> pagando com algodão, enquanto importava armamento da Alemanha. O navio brasileiro Siqueira Campos, chegou a ser interceptado pelos britânicos porque trazia armamento comprado dos alemães para o Brasil. O veterano da FEB, capitão da reserva Demócrito Cavalcante de Arruda,

<sup>21</sup> ROSE, R.S. *Uma das coisas esquecidas*. Getúlio Vargas e controle social no Brasil – 1930-1954. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.

<sup>22</sup> CAPELATO, M.H. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, J. & DELGADO, Lucila (Orgs). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>23</sup> Para o debate sobre autoritarismo e ditadura da era Vargas consultar também COLLIER, David. Resumo do modelo autoritário-burocrático. In: \_\_\_\_\_. (org.). *O novo autoritarismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 27-39.

<sup>24</sup> ROSE, *Uma das coisas...* p. 150.

<sup>25</sup> CAPELATO, *O Estado Novo...* p. 136.

<sup>26</sup> FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. São Paulo: USP, 2003.

<sup>27</sup> VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A Evolução do Pensamento Estratégico Naval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985, p. 110.p. 81.

informou: “(...) encomendas vultuosas de armamento, pagas antecipadamente, iam alimentar a indústria do agressor-mor, a Alemanha hitlerista”<sup>28</sup>. O capitão ainda revelou que comissões de compras permaneciam na Alemanha visitando a muralha nazista do Atlântico em 1940. Segundo Fernando da Silva Rodrigues<sup>29</sup>, ainda em 1938, o Brasil firmou contrato com a empresa alemã Fried Krupp A.G. de Essen, para a compra de material bélico. Uma Comissão Militar Brasileira foi enviada à Alemanha para fiscalizar o material, onde permaneceu entre os anos de 1940 a 1942, encerrando os trabalhos devido ao rompimento das relações diplomáticas entre os dois países.

Percebe-se, assim, a intensa relação comercial entre Brasil e Alemanha com o objetivo de observar e comprar material bélico ocorria em pleno desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, pois somente após o rompimento da relação diplomática que a Comissão retornou ao Brasil.<sup>30</sup>

As relações com a Alemanha iniciaram décadas antes da guerra, com a chamada “reforma Hermes” em 1908, que reestruturou o Exército. O Marechal Hermes da Fonseca foi ministro da Guerra no governo Afonso Pena. Era admirador de Bismarck e do exército prussiano. Afirmava que “nosso Exército só estaria em perfeitas condições quando atingisse o nível do germânico (...)”<sup>31</sup>. Hermes viajou para a Europa adquirindo da Alemanha 400 mil fuzis Mauser e os canhões Krupp, que equiparam o Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, entre outros armamentos da época.

Ainda mais relevante foi a designação de oficiais brasileiros para estagiar e estudar na Alemanha, através do Decreto nº 2.050, de dezembro de 1908. Ao retornar esses oficiais ficaram conhecidos como “Jovens Turcos” e influenciaram a oficialidade brasileira até a I Guerra Mundial. Sua criação literária foi a revista *A Defesa Nacional*, que enaltecia o conhecimento bélico e a organização do exército alemão.

Some-se ainda um complicador quanto ao cenário interno de então. Em significativas porções do país, havia imigrantes ou seus descendentes de origem alemã, italiana e japonesa, culturalmente ligados aos estados beligerantes do chamado Eixo. Em várias comunidades fechadas no Rio Grande do Sul, por exemplo, predominava o idioma germânico e sua cultura era mantida em contraste com a brasileira. Devido às origens culturais, tais imigrantes e descendentes simpatizavam com seus países de origem. Sobre o tema, Boris

---

<sup>28</sup> ARRUDA, Demócrito C. *et. al. Nossa participação na I e II Guerras Mundiais*. In. *et. al. Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial, 1949, p. 29.

<sup>29</sup> RODRIGUES, Fernando da Silva. O Posicionamento Militar Brasileiro Durante a Segunda Guerra Mundial: Aproximação com a Alemanha e Alinhamento com os Estados Unidos da América (1934-1942). *Revista da Escola Superior de Guerra*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 46-62, jan./jun. 2012.

<sup>30</sup> RODRIGUES, *O Posicionamento Militar Brasileiro...* p. 56.

<sup>31</sup> PAULA, *História Militar...* p. 97.

Fausto se expressou da seguinte forma:

A princípio, a maioria da população não mostrou preferência por um dos campos de luta. Isto só aconteceu com integrantes das etnias envolvidas no conflito, caso por exemplo dos italianos e dos japoneses que simpatizavam com seus países de origem ou apoiavam abertamente sua ação. (...) Este quadro só mudou a partir da ruptura de relações do Brasil com os países do Eixo em janeiro de 1942, mas tarde, a declaração de guerra.<sup>32</sup>

O Brasil manteve uma política dúbia no início da Segunda Guerra pois, ao mesmo tempo que poderia ganhar economicamente por meio de um comércio cujas relações já existiam com os europeus, tinha conhecimento de que possuía uma posição estratégica, devido a seu extenso litoral Atlântico.

No campo ideológico, Vargas e os integralistas<sup>33</sup> eram simpatizantes dos regimes totalitários da Europa, porque representavam um governo forte, que centraliza o poder, enaltece o Estado e o líder, cultuam valores cívicos ao mesmo tempo em que usam todos os meios possíveis para alcançar seus objetivos, como a imprensa, a educação, a censura, o policiamento e as ações de vigilância sobre os diversos grupos sociais.<sup>34</sup>

A aproximação e a simpatia do governo Vargas com tais regimes era evidente. Em seu discurso do dia 2 de junho de 1940, no Arsenal da Marinha, Vargas dizia:

Sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio. Não é, porém, como pretendem os pessimistas e os conservadores empedernidos, o fim da civilização mas o início, tumultuoso e fecundo, de uma era nova. Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo das suas aspirações em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruína. É preciso, portanto, compreender a nossa época e remover o entulho das idéias mortas e dos ideais estéreis.<sup>35</sup>

O presidente falava, implicitamente e com empolgação, das primeiras derrotas das democracias liberais europeias. Nessa época a França foi invadida pelos alemães e a Inglaterra, acuada, sentia o peso da ofensiva e das vitórias alemães. Não foi segredo que Vargas mostrava simpatia pelos sistemas totalitários da Europa,<sup>36</sup> e o próprio Estado Novo

<sup>32</sup> FAUSTO, B. *Lembranças da guerra na periferia*. Revista USP, nº 26, 1995, p. 17.

<sup>33</sup> Ação Integralista Brasileira foi um movimento político, fundado por Plínio Salgado em 1932, com inspiração no fascismo italiano de Benito Mussolini. Era caracterizado pelo nacionalismo exacerbado e pelo conservadorismo da extrema-direita. Sua extinção ocorreu em 10 de novembro de 1937.

<sup>34</sup> SACCOMANI, Edda. *Fascismo*. In BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. São Paulo: Editora UnB. 2004.

<sup>35</sup> ARRUDA, Demócrito C. *et. al. Nossa participação na...* In. *et. al. Depoimento de...* São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial, 1949, p. 31.

<sup>36</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor, americanização do Brasil na época da 2ª guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 27 e 28 (Conforme diz TOTA, esse discurso provocou inquietação no governo de Roosevelt, por potencializar uma aproximação iminente entre Getúlio e Reich).

respaldava essa aproximação. Neste trecho, Vargas demonstrou sua confiança na vitória do Eixo sobre os Aliados e em uma nova era dominada pela forma de governo totalitário. O presidente chegou a enviar ao Fuehrer felicitações pela passagem de datas festivas, como o 1º de maio de 1941.

Além do presidente, alguns chefes militares também eram próximos dos alemães. Oficiais brasileiros foram condecorados pelo embaixador alemão no Brasil, e uma missão do Estado-Maior do Exército estava agendada para viajar para a Alemanha, sendo evitada pelo ataque japonês a Pearl Harbor e o conseqüente rompimento das relações entre os dois países.

Apesar da admiração de muitos à organização alemã, historicamente a doutrina militar brasileira veio da influência da Missão Militar Francesa,<sup>37</sup> a partir de 1919, estendida até a Segunda Guerra Mundial. Uma nova organização militar surgiu. Entre as realizações foi organizado o Conselho de Segurança Nacional, o grupo de combate, o Estado Maior General, a regulamentação da mobilização, a Escola de Aviação e o Curso de Preparação de Oficiais da Reserva. Além dessas inovações os franceses influenciaram na preparação dos regulamentos militares brasileiros e na redistribuição da tropa entre as brigadas.<sup>38</sup>

Assim, o modelo militar do Exército Brasileiro se respaldava no Europeu e não no americano. Foram as necessidades da guerra e o lado escolhido para apoiar, que provocaram uma mudança repentina e completa que exigiu sacrifícios durante a luta no teatro de operações italiano, como veremos mais adiante.

Visualizando a complexidade da guerra, os avanços do Eixo e seus interesses no plano internacional, os EUA e o Brasil mantinham uma perigosa neutralidade porque se inclinavam para lados opostos. O primeiro comercializava com a Inglaterra, enquanto o segundo com a Alemanha e a Itália. A política de se manter neutro estava mais no plano teórico do que baseada na real preocupação de evitar atos que provocassem hostilidades dos beligerantes.

Para o Brasil, qualquer relação com o Eixo começou a se tornar difícil. Entre junho e agosto de 1940, a Conferência de Havana declarava que qualquer agressão de um Estado não americano contra a integridade ou soberania de um Estado americano, seria considerada como uma agressão contra todos os demais. Mas do que esse acerto diplomático, a conferência tentava afirmar ideais pan-americanos que foram discutidos nas conferências anteriores, como em Buenos Aires em 1936, Lima 1938 e Panamá em 1939.

Os ideais pan-americanos tentavam trazer princípios de solidariedade entre os Estados americanos. Afirmavam “traços de identidade entre as nações do continente, a fé nas

---

<sup>37</sup> Contratada em 1919, pelo governo brasileiro, para auxiliar na instrução e modernização do Exército. Estendeu-se até 1940 e terminou com a ocupação da França na 2ª Guerra Mundial.

<sup>38</sup> PAULA, *História Militar...* p. 200-204.

instituições republicanas, a aspiração à democracia, a crença na solução pacífica das disputas e a soberania igual dos Estados”<sup>39</sup>.

Essa generalização foi usada para tentar unir os povos das Américas, articulando plataforma de defesa conjunta diante da II Guerra Mundial, congregando diferentes regimes políticos, como a ditadura getulista e a democracia liberal americana. Apoiar os Estados Unidos, agredido pelo Japão, em Pearl Harbor, em 1941, significava mais do que cumprir um acordo, era a reafirmação de uma ideologia mais antiga: “a América para os americanos”<sup>40</sup>. Os Estados se uniam para a defesa do território com a primazia dos Estados Unidos.

O Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira, escreveu em sua obra que “as Américas buscavam a unidade espiritual”<sup>41</sup>. A falta de preparação militar e bélica dos estados americanos, com exceção dos Estados Unidos, contribuía para essa união solidária caso o conflito europeu envolvesse as Américas. Por sua vez, mesmo em melhor situação econômica, o povo da América do Norte precisava dessa solidariedade dos demais para tornar mais eficiente sua defesa geográfica.

Se o plano político da Conferência de Havana possuía traços culturais, ao menos anunciados pelos norte americanos, no econômico também encontramos razões que pressionaram o governo Vargas a aderir aos Aliados, no esforço de guerra.

Em março de 1942, através dos Acordos de Washington,<sup>42</sup> os Estados Unidos emprestaram milhões de dólares ao Brasil para a implantação do programa siderúrgico brasileiro. Nascia a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que apoiaria os americanos com aço para a guerra e impulsionaria a industrialização do Brasil.<sup>43</sup>

Os Estados Unidos haviam entrado na guerra em 1941 e precisavam do apoio brasileiro, principalmente por questões logísticas. Por sua vez, o Brasil importava a maior parte do aço usado e a criação da CSN era uma necessidade urgente.

A usina não foi apenas um grande marco econômico do Brasil da época, mas sua construção teve significativo impacto no orgulho nacional. O depoimento de um de seus engenheiros, dado ao CPDOC da FGV, dizia:

Havia muito entusiasmo. Volta Redonda era muito importante para o Brasil, todo mundo, de modo geral, estava orgulhoso. O sujeito enchia a boca

<sup>39</sup> CPDOC/FGV, Diretrizes do Estado Novo 1937–1945, Conferências interamericanas.

<sup>40</sup> Doutrina Monroe, 1823. A expressão afirmava a posição dos Estados Unidos contra o colonialismo europeu. Fez parte do discurso do presidente James Monroe ao Congresso norte-americano.

<sup>41</sup> MORAES, J. B. Mascarenhas de. *A FEB por seu Comandante*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2005.

<sup>42</sup> ABREU, Marcelo de Paiva. *A economia brasileira e a segunda guerra mundial: o setor externo*. In: *ECONOMIA brasileira: uma visão histórica*. Org. por Paulo Neuhaus. Rio de Janeiro : Campus, 1980. p. 357-386.

<sup>43</sup> *Ibid.* p. 357-386.

quando falava: 'trabalho em Volta Redonda, sou de Volta Redonda. Era um nome que o Brasil inteiro respeitava, admirava. Era um serviço pesado, mas que se fazia com satisfação, com interesse e satisfação. Tinha o lado profissional e tinha o lado patriótico.<sup>44</sup>

O mesmo depoente ainda revelou que a Companhia representava parte do esforço de guerra e, se algum funcionário a abandonasse, podia ser considerado desertor. A CSN, além de fundamental no plano econômico, fortaleceu o espírito e o moral do brasileiro que começou a se ver capaz de produzir a industrialização necessária ao crescimento do país. O empréstimo americano foi fundamental para aquela construção, influenciando o governo brasileiro a entrar na guerra ao lado dos Aliados, quando isso tornou-se necessário.<sup>45</sup>

Na prática, as conferências e os planos de empréstimos para o Brasil, traduziram a percepção norte americana da política dúbia de neutralidade brasileira. Os Estados Unidos perceberam o risco do Brasil pender para a esfera alemã. Essa preocupação americana era justificável porque remetia para a importância geopolítica do Brasil para os Estados Unidos e para os alemães.

No Nordeste brasileiro, localizava-se o melhor e mais próximo ponto para se desenvolver as bases de operações no Atlântico Sul. O litoral nordestino também era de fundamental importância para os norte-americanos porque poderiam projetar sua força aérea no Atlântico Sul para a defesa do Continente e do Canal do Panamá, fundamental para o comércio marítimo mundial. As bases no Nordeste ainda tornavam operacionalmente possíveis os planos de invasão aliada ao Norte da África, então ocupado por tropas do Eixo.

Para o Brasil, as rotas marítimas eram importantes para a comunicação e para o comércio. Desde o período colonial, as capitânicas hereditárias e depois as províncias se comunicavam mais com Lisboa do que com o Governo Geral. As distâncias eram grandes e o caminho pelo interior era difícil. Pouco havia de comunicação através do território e o país dependia da navegação para o comércio nacional e internacional. Ficar com as rotas marítimas comprometidas significava prejuízo comercial nas exportações e importações e dificuldades de ligação com os demais Estados, principalmente o Nordeste.

Contudo, o litoral brasileiro não era guardado a altura de sua necessidade. Os motivos se ligavam a própria extensão geográfica, que dificultava o policiamento, e a deficiência de um plano de defesa nacional. Desde a I Guerra Mundial, os alemães já sabiam da fragilidade e importância dessas rotas marítimas para o Brasil e do potencial de ação que o Atlântico Sul representava.

---

<sup>44</sup> ALBERTI, Verena. *A construção da grande siderurgia e o orgulho de ser brasileiro: entrevistas com pioneiros e construtores da CSN*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1999, p. 4.

<sup>45</sup> *Ibid*, p. 2.

Ao verificar a situação da Marinha, observou-se que o poder marítimo<sup>46</sup> brasileiro, especificamente a Marinha Mercante nas vésperas da eclosão da guerra, somava 652.100 toneladas de arqueação. Era considerada pequena e antiquada diante das grandes potências, mas essencial para a economia do país.<sup>47</sup>

O poder naval<sup>48</sup>, ou seja, a Marinha de Guerra, somava 60.921 toneladas aproximadamente. Era menor que a marinha chilena, com 79.426 toneladas, e a argentina, com 138.985 toneladas.<sup>49</sup> Desta forma, a Marinha brasileira estava defasada e seu material ainda era proveniente dos investimentos do início do século.

Por vários motivos, o Brasil foi obrigado a deixar a neutralidade e a posição ambígua para apoiar os Aliados na guerra contra o Eixo.

Em 7 de dezembro de 1941, o Japão realizou um ataque à base americana em Pearl Harbor. A ilha era um importante ponto estratégico que os Estados Unidos mantinham no Pacífico, mas ao mesmo tempo, representava um desafio à hegemonia do Japão. Com a morte de cerca de 2.000 militares e as relevantes perdas materiais, os americanos entraram na guerra ao lado dos ingleses.

O Brasil, cumprindo obrigações firmadas nas citadas conferências das nações americanas, apresentou seu apoio ao governo norte-americano. Na reunião de 28 de janeiro de 1942, decidiu-se pelo rompimento das relações diplomáticas com o Eixo. A neutralidade estava encerrada, mas ainda não havia uma declaração de guerra, esta só chegaria com a ofensa direta da Alemanha, através do torpedeamento dos navios mercantes brasileiros.

Logo após a manifestação de apoio aos Estados Unidos e o fim das relações com o Eixo, os submarinos alemães começaram a guerra nas águas brasileiras, afundando os navios mercantes, alguns, inclusive, próximos ao litoral.

Roberto Sander, na obra *O Brasil na mira de Hitler*<sup>50</sup>, listou 34 navios mercantes afundados por torpedos de submarinos alemães. Apesar de haver discordâncias entre os autores sobre esse número, uma tabela com os principais eventos pode ser montada:

---

<sup>46</sup> O poder marítimo se refere a todo o potencial que um país detém no aproveitamento de sua hidrografia: frota mercante, frota naval, estaleiros, portos, entre outros.

<sup>47</sup> PAULA, *História Militar* ... p. 287.

<sup>48</sup> O poder naval se refere ao potencial da Marinha de Guerra (Armada).

<sup>49</sup> ARRUDA, *Nossa participação na...* In. *et. al.* Depoimento de... p. 35.

<sup>50</sup> SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do bombardeio de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

**Tabela 1 - Navios mercantes afundados por torpedos**

NAVIO	MORTOS	SALVOS	NAVIO	MORTOS	SALVOS
1. Buarque	1	64	18. Arará	20	15
2. Olinda	-	46	19. Jacira	-	6
3. Cabedello	64	-	20. Osório	5	34
4. Arabutan	1	50	21. Lajes	3	46
5. Cayrú	53	86	22. Antonico	16	24
6. Parnahyba	7	65	23. Porto Alegre	1	40
7. Com. Lyra	2	50	24. Apalóide	3	52
8. Gonçalves Dias	6	46	25. Brasilóide	-	50
9. Alegrete	-	64	26. Affonso Penna	125	117
10. Pedrinhas	-	48	27. Tutóya	7	30
11. Tamandaré	4	48	28. Pelotaslóide	5	37
12. Piave	1	34	29. Shangri-lá	10	-
13. Barbacena	6	56	30. Bagé	26	106
14. Baependy	270	36	31. Itapagé	22	84
15. Araraquara	131	11	32. Cisne Branco	4	6
16. Annibal Benévolo	130	4	33. Campos	12	51
17. Itagiba	36	145	34. Vital de Oliveira	99	145

(Fonte: <http://www.2guerra.com.br/sgm>)

Pode-se tecer algumas considerações sobre os problemas provocados por esses torpedeamentos. Próximo a Sergipe, o navio Baependi foi um dos torpedeados, no dia 15 de agosto de 1942. Ao amanhecer, os corpos dos 270 mortos com seus pertences foram trazidos pela correnteza para a praia próxima a Vila de Mosqueiro. Em outro navio torpedeado, morreram religiosos que viajavam em romaria, entre eles muitas mulheres e crianças.<sup>51</sup>

Nos casos do Baependi e do Itagiba, havia um grupamento militar que compunha a lista de passageiros. Todos faziam parte do 7º Grupo de Artilharia de Dorso do Exército, que viajava para reforçar a defesa do Nordeste.

Os navios afundavam rapidamente, fruto da estratégia dos submarinos alemães de lançar dois torpedos, em ataques noturnos. Agravando a situação, o mercante brasileiro Antonico, depois de torpedeado, teve seus naufragos metralhados pelo submarino alemão U-516. O número de vítimas no mar ultrapassava as que a Força Expedicionária teria nos combates no teatro de operações italiano.<sup>52</sup>

Nessas ações de guerra, foram perdidos cerca de 21% do total, em toneladas, de

<sup>51</sup> SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um Soldado*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2001, p. 40.

<sup>52</sup> 33 navios mercantes brasileiros afundaram devido ao ataque de submarinos inimigos, morrendo 480 tripulantes e 502 passageiros, totalizando 982 pessoas. PAULA, *História militar...* p. 287.

arqueação da Marinha Mercante brasileira e quase mil vidas foram perdidas, divididas em 480 tripulantes e 502 passageiros. A Marinha exercia função fundamental na economia nacional com o transporte de cargas para a exportação e na cabotagem com o fluxo comercial entre as regiões, devido à deficiência das rodovias e ferrovias. Em decorrência dos ataques, houve a quase paralisação desse importante comércio marítimo. Em relação ao transporte marítimo nacional, Arruda explicou que:

(...) o espectro da fome pairando sobre as populações; o norte separado do sul, um abarrotado, por exemplo, de açúcar, enquanto as populações da outra parte se martirizavam nas filas de racionamento, com a produção industrial do sul sem poder escoar-se para as regiões setentrionais.<sup>53</sup>

A falta de reabastecimento dos produtos oriundos do Sul e Sudeste sacrificou a população nordestina, chegando-se a uma escassez que ameaçava de fome e racionamento forçado considerável número de pessoas. O litoral nordestino foi a região mais atingida.

Antes ainda do reconhecimento do estado de beligerância com as forças do Eixo, foram torpedeados cerca de 20 navios mercantes brasileiros, somente após o afundamento da Barçaça Jacira, em 22 de agosto de 1942, o governo brasileiro declarou estado de beligerância contra a Alemanha e, no dia 31 do mesmo mês, veio a declaração de guerra contra as forças do Eixo. Ferraz expõe essa posição da seguinte forma:

Outras embarcações brasileiras já haviam sido postas a pique pela guerra submarina do Eixo, entre fevereiro e agosto de 1942. A declaração de estado de beligerância só foi efetuada quando a guerra estava próxima demais para ser ignorada, com a invasão de águas brasileiras.<sup>54</sup>

O impacto na opinião pública brasileira foi intenso. Os protestos diplomáticos não surtiam efeito. Houve consternação entre o povo brasileiro, que exigiu uma dura resposta do governo Vargas ao afundamento dos mercantes.<sup>55</sup>

A oficialização do estado de beligerância e, por fim, de guerra, deu-se quando não havia outra opção ao governo nacional, pois a soberania já havia sido ameaçada pela invasão submarina das águas nacionais.

O sentimento de indignação, apesar de ter existido, como pode ser percebido em manifestações públicas da época, não ressoou por muito tempo, nem se instalou no íntimo daqueles que, posteriormente, seriam convocados para compor a Força Expedicionária

---

<sup>53</sup> ARRUDA, *Nossa participação na...* In. *et. al.* Depoimento de... p. 35.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 67.

<sup>55</sup> PAULA, *História Militar...* p. 251, 290.

Brasileira, como veremos mais adiante ao falar sobre o recrutamento. As reações populares foram diversas e variaram da exaltação à submissão aos acontecimentos, conforme a região e os seguimentos sociais da população, ficando mais concentradas nas áreas urbanas. As manifestações também foram submetidas e canalizadas pelo governo varguista na defesa do Estado Novo, através da imprensa sob controle do DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda. Não se pode esquecer que o Brasil vivia uma ditadura interna, e, contraditoriamente, iniciava um combate à regimes totalitaristas. Era a defesa da democracia externa, não vivida internamente, conforme Roney Cytrynowicz bem explicou ao mostrar que havia um *front* interno e outro *front externo*, ambos ideologicamente diferentes.<sup>56</sup>

Assim, em resumo, os motivos que levaram o Brasil ao estado de beligerância contra o Eixo foram variados conforme as análises realizadas: econômica com os prejuízos acumulados pela interrupção do comércio nacional e internacional; políticos devido aos acordos pan-americanos e ao ataque a Pearl Harbor que provocou a entrada dos Estados Unidos na guerra; e ao inicial sentimento da nação ferida em sua soberania e desejosa de responder à altura as mortes provocadas pelos submarinos alemães.

Os norte-americanos souberam atrair e envolver o governo brasileiro no intuito de trazê-lo para o lado dos Aliados. Isso ocorreu através dos empréstimos e com a ideia do pan-americanismo, expressa nos acordos diplomáticos. No entanto, foram os torpedeamentos e as mortes por naufrágio que mais provocaram o sentimento nacional e criaram a força, nesse momento mais cívica do que militar, para a guerra.

Quando o Norte da África foi conquistado pelos aliados, que expulsaram alemães e italianos, começou-se a pensar em uma participação direta do Brasil na guerra ao lado dos Estados Unidos. A FEB foi pensada pelas lideranças militares brasileiras e pelos americanos, não pelo povo que, apesar da inicial consternação com os ataques alemães e o desejo de responder a altura a ofensa, esquivou-se, em especial as classes médias e altas, no momento de enviar seus filhos para o sacrifício, como pode-se perceber no estudo sobre o recrutamento.<sup>57</sup>

A seguir, começamos a analisar, mesmo de forma breve, a montagem da Força Expedicionária Brasileira. Trataremos também dos elementos que contribuíam para abalar a moral dos combatentes tais como os efeitos do recrutamento, as precárias condições de saúde, a instrução insuficiente, as dificuldades específicas no moral da tropa e as imposições da guerra para o expedicionário.

---

<sup>56</sup> Apud FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 68.

<sup>57</sup> FERREIRA JUNIOR, Alcemar. *Uma visceral rebeldia: clientelismo e isenções no recrutamento da Força Expedicionária Brasileira (1943-1944)*. Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2006, p. 5.

## 1.2 O Recrutamento da FEB

O planejamento inicial era que a Força Expedicionária Brasileira fosse composta por 60.000 homens com três divisões de Infantaria. No entanto, partiram para a guerra pouco mais de 25.000. Castelo Branco mostrou que o efetivo da época era de cerca de 90.000<sup>58</sup>, portanto 60.000, como pretendido, seria uma cifra demasiadamente ambiciosa para enviar à Europa. Apesar do pequeno efetivo em relação às potências envolvidas na guerra, outras condicionantes foram preponderantes para dificultar a captação dos reservistas e a formação da Força Expedicionária. Primeiro, veremos como eram as leis do serviço militar.

Ferraz discorre, em um breve histórico, sobre o serviço militar obrigatório, iniciado com a Lei de 1874, mas pouco observada. Seguiram-se alterações em 1908, depois em 1916, com Olavo Bilac, que esclarecia sobre os benefícios dos ensinamentos cívicos para os conscritos e para o gozo da plena cidadania.<sup>59</sup> Para Bilac, o serviço militar nivelava as classes sociais pois todos passariam por um período de vida comum na caserna. O plano de Bilac não obteve grandes resultados pois as pesquisas de Frank McCann e José Murilo de Carvalho<sup>60</sup>, revelam que eram as classes mais desfavorecidas e grande número de analfabetos que faziam a composição dos efetivos militares.

Todas essas leis sobre o serviço militar previam isenções que observavam costumes de séculos anteriores. Como observou Fábio Mendes:

(...) caixeiros de loja de bebida e tavernas, homens casados, o irmão mais velho de órfãos; o filho único de viúva, o filho único de lavrador; o feitor ou administrador de fazenda de mais de seis escravos, tropeiros, boiadeiros, mestres de ofício, pedreiros, carpinteiros, canteiros, pescadores e marinheiros; milicianos devidamente alistados, contratadores de rendas e seus sócios; aprendizes da Imprensa Régia, tesoureiros menores da Bula da Cruzada; estudantes e eclesiásticos; fabricante de cartas de jogar do Rio de Janeiro; (...) maridos e filhos de ama de expostos; capatazis das alfândegas; cegos do olho direito; etc.<sup>61</sup>

Nas adaptações e novos códigos de leis publicados posteriormente, os diversos estudos mostram que as camadas médias e altas da sociedade isentavam-se do serviço militar, como pode ser observado nos trabalhos de Frank MacCann.<sup>62</sup>

<sup>58</sup> CASTELO BRANCO, M. T. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960, p. 124, 125.

<sup>59</sup> FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 79.

<sup>60</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política, 1930-1945*. In: *A Revolução de 30: Seminário Internacional*. Brasília: Ed. da UnB, 1980. Apud FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 79, nota 113.

<sup>61</sup> MENDES, Fábio Farias. *Encargos, privilégios e direitos: o recrutamento militar no Brasil nos séculos XVIII e XIX*. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (Org). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: 2004, p. 122.

<sup>62</sup> McCANN, Frank D. *A Nação Armada*. Recife: Guararapes, 1982. Apud FERREIRA JUNIOR, *Uma visceral rebeldia...* p. 2.

Em 1939, houve a publicação da última Lei do Serviço Militar antes da II Guerra Mundial. Nesse documento, ficavam previstas as isenções somente para dois grupos: os incapacitados físicos permanentes e os sacerdotes, mas em caso de guerra esse dispositivo legal poderia ser alterado e aproveitar a todos dentro de suas habilidades ou capacitações.

Quando se iniciaram as convocações, foram notados alguns problemas que atrapalharam a formação da FEB. Primeiro, os militares profissionais de carreira ou aqueles soldados que, no momento das convocações, estavam prestando o serviço militar procuraram escapar das Unidades convocadas para a guerra. Vários artifícios eram usados como os pedidos de transferência para outras Unidades não convocadas ou o licenciamento. Ao analisar fontes do Centro de Recompentamento de Pessoal-Inclusão/Exclusão do Acervo da FEB, Ferreira Junior observou que, em um efetivo de 1.491 homens, ocorreram 558 transferências para outras unidades não expedicionárias, o que correspondia a 37,42% do efetivo.<sup>63</sup> Em especial, no efetivo do 9º Batalhão de Engenharia, foram efetuadas 201 transferências, o que correspondia a 36,88% no efetivo de 545 soldados.<sup>64</sup> As isenções, somadas as inspeções de saúde, dispensaram 800 militares do 6º Regimento de Infantaria que, posteriormente, foram substituídos por convocados sem treinamento ou experiência.<sup>65</sup>

As isenções previstas na Lei de 1939 foram suspensas, pois, no caso de guerra, a própria lei já previa alterações. Reintroduziram-se as práticas dos períodos anteriores, até mesmo do século XIX. Apelava-se para todo o tipo de isenção usando o clientelismo e o apadrinhamento com bem expôs Ferreira Júnior. O conceito de clientelismo neste trabalho deve ser entendido segundo a exposição de José Murilo de Carvalho.<sup>66</sup>

Os casos das isenções, concedidas e registradas no Decreto n 10.451, de setembro de 1942 e nos avisos que o seguiram no mesmo ano, dispensavam os “arrimos de família”, adiavam a incorporação de quem já tivessem irmão convocado, os casados, aqueles que sustentassem filhos, e os funcionários públicos. Em 1944, houve ordem para que os policiais militares e os bombeiros permanecessem em suas funções normais.<sup>67</sup>

Aproveitando-se das brechas legais muitos convocados contraíram matrimônio para escapar da FEB. Outros não faziam os tratamentos médicos para continuarem inaptos, o que depois foi apurado e corrigido pelo comando.

Para Ferreira Junior, os casos de clientelismo se manifestavam nas empresas que

---

<sup>63</sup> FERREIRA JUNIOR, *Uma visceral rebeldia...* p. 6.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 6, nota 53.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>66</sup> CARVALHO, José Murilo de. “*Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual.*” In. *Dados, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 40, n. 2, 1997, p. 229-250.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 4 e 5.

negociavam a liberação de seus funcionários como ocorreu nos seguintes casos:

Por acordo entre o Comando da 9ª Região Militar e a Diretoria da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, responsável pelo transporte das Unidades enviadas para o Mato Grosso na época da guerra, todos os empregados dessa empresa foram licenciados a fim de não interromper o fluxo de tropas. Esse mesmo Comandante licenciou todos os funcionários do Banco do Brasil que tinham sido incorporados no Mato Grosso. Prova eloqüente do clientelismo é a do Diretor do Banco do Brasil que solicitou o licenciamento desses funcionários, alegando que não havia qualquer amparo legal para tal ato, mas como já havia outros precedentes então ele se sentia seguro para fazer a solicitação e assim mesmo foi atendido.<sup>68</sup>

Observando as sucessivas e abundantes dispensas dos companheiros de ir para o *front*, os demais soldados não contemplados ficavam com a moral debilitada, como afirma Mario Amaral:

O soldado também raciocina e enxerga. (...) Dentro do próprio quartel, encontrou exemplos que o desanimavam, vendo, diariamente, transferidos para Unidades não-expedicionárias, vários oficiais e praças que, além do mais, faziam alarde de que não iriam para a guerra por serem amigos de altas autoridades, que lhes facilitavam deixar a tropa expedicionária.<sup>69</sup>

Os homens começaram a se tornar indisciplinados, cometendo toda a sorte de transgressões e até crimes militares, pois aqueles que estivessem classificados no comportamento “insuficiente” ou “mau” não poderiam compor a FEB. No 9º Batalhão de Infantaria, por exemplo, 470 militares dos 5.020 provocaram punições, aparentemente com esse propósito. Ferreira fornece uma lista dessas ações:

Vários deles se envolviam em arruaças, deserção e até praticavam crimes. Há na documentação de fevereiro de 1944 quatro casos de arruaças por parte de soldados de diversas unidades da FEB, vários casos de deserção ou de crimes pelos desesperados. Entre 20 e 30 de junho de 1944, portanto, às vésperas do primeiro embarque de tropas para a Itália, 15 soldados desertaram do Batalhão de trabalhadores. Manter a disciplina nos quartéis tornou-se uma tarefa quase impossível. No 9º Batalhão de Engenharia de um efetivo de praças de 521 soldados, cabos e sargentos, quatrocentos e setenta e quatro foram punidos em 1943 por diversos motivos como porte ilegal de armas, tentativa de homicídio, furtos, avarias em armamentos, embriague, desrespeito a superior, resistência à prisão, desacato, distúrbios no rancho e em ruas da cidade, etc. De acordo com o coronel Machado Lopes quando foi designado para comandar o 9º Batalhão de Engenharia em 1944, o foi por causa da precária situação disciplinar do Batalhão e não para adequá-lo aos moldes americanos. Ele entregou em cerimônia pública um conhecido assassino que era Cabo do Exército. Embora Mascarenhas tenha dito que vários deles foram para a Europa.<sup>70</sup>

<sup>68</sup> FERREIRA JUNIOR, *Uma visceral rebeldia...* p. 3.

<sup>69</sup> AMARAL, Mário *et. al. A Instrução da FEB. In: et. al, Depoimentos de...* p. 172.

<sup>70</sup> FERREIRA JUNIOR, *Uma visceral rebeldia...* p. 9.

Mascarenhas de Moraes afirmou: “observa-se a preocupação dos homens de esquivarem-se de suas unidades por qualquer processo.”<sup>71</sup> Diante dos problemas e observando tais ações para escapar das responsabilidades da guerra, o Comando da FEB tomou várias medidas, como tornar sem efeito a classificação do comportamento.<sup>72</sup>

No lugar dos soldados que já haviam escapado, muitas outras convocações se fizeram necessárias. Exemplo disso foram os 2.000 convocados no lugar dos 800 militares do 6º Regimento de Infantaria que conseguiram o benefício das isenções.

Muitos daqueles que foram forçados a ir para a guerra, principalmente os que tinham comportamentos inapropriados, provocaram problemas no seio da tropa e para seus comandantes de frações. O Coronel Octávio Costa, Comandante do 11º regimento de Infantaria, descreveu que “ao ver a indisciplina e a revolta dessa noite de chegada, tremi de pensar que aqueles seriam os nossos combatentes”<sup>73</sup>

As classes mais altas e médias usavam do clientelismo e apadrinhamentos para escaparem do recrutamento, e os militares profissionais usavam das transferências, licenciamentos e isenções. No lugar de todos esses “escapes”, foram as camadas mais pobres que predominaram na montagem da Força Expedicionária Brasileira. Essa composição, todavia, contou com alguns necessários especialistas devido às exigências das posições que ocupariam no teatro de operações de guerra em diversas áreas. Esses foram encontrados principalmente em áreas mais urbanas, como no Rio de Janeiro. Também havia voluntários, que eram mais exceções do que a regra geral. O grosso da tropa era composto pelos mais pobres como relatado abaixo por Cássio Viotti:

Muitos chegavam da roça descalços, Mal vestiam uma calça cerca-frango, curta pela canela, e uma camisa miserável, ambas de brim, já rotas. Grande parte deles, desdentados, ou com grandes falhas de dentes, Havia os papudos, os enfeados, os nanicos, todos crianças imberbes, cabeludos (não tinham dinheiro para cortar os cabelos), bobos, gagos, grande número de analfabetos.<sup>74</sup>

Ferreira Junior continua:

De um modo geral, nas Unidades mineiras (11º Regimento de Infantaria e 1º Batalhão de trabalhadores) permaneciam sempre os mais pobres após os licenciamentos como nos mostra as profissões dos 380 soldados do 1º

<sup>71</sup> MORAES, J. B. Mascarenhas de. Relatório Secreto da Campanha da Itália, p. 19. Acervo FEB-AS-AHEX. Apud FERREIRA JUNIOR, Op. cit., p. 1, nota 3.

<sup>72</sup> FERREIRA JUNIOR, *Uma visceral rebeldia...* p. 93, nota 73.

<sup>73</sup> COSTA, Octávio. *Trinta anos depois da volta*. Rio de Janeiro: BIBLIEx Editora, 1976, p.61. Apud FERREIRA JUNIOR, *Uma visceral rebeldia...* p. 6 nota 52.

<sup>74</sup> VIOTTI, Cássio A. *A Consciência*. In: *Crônicas de Guerra. A Força Expedicionária Brasileira na Itália*. Belo Horizonte: sem editora, 1998, p.16. Apud FERREIRA JUNIOR, *Uma visceral rebeldia...* p. 6.

Batalhão de Trabalhadores da FEB. Todas as praças dessa unidade tinha profissões simples: 139 lavradores, 62 operários, 24 caixeiros, 19 motoristas e os restantes eram barbeiros, sapateiros, boiadeiros, garçons, padeiros, etc.<sup>75</sup>

Diante de todas as dificuldades do Brasil para se convocar elementos para a guerra na Itália, o mesmo autor nos informa que o recrutamento foi fruto de uma difícil negociação do Exército com os grupos sociais.<sup>76</sup> No desespero para escapar das convocações, ocorreram até mesmo denúncias de pagamentos de propina. Portanto, o esforço foi grande para alcançar a cifra dos 25.000 expedicionários enviados.

Aqueles que não conseguiram escapar do recrutamento, seja por transferências, isenções, apadrinhamentos, clientelismo, licenciamentos, deserções ou excluídos por mau comportamento, foram para a guerra sentindo-se castigados.

Na mentalidade e no imaginário de muitos brasileiros, servir ao exército lembrava submeter-se a uma vida rigorosa que remontava os tempos passados da escravidão. Exemplo disso estava nas punições que incluíam privações físicas e o “estaqueamento”, prática narrada pelo sargento expedicionário Leonércio Soares:

(...) os pulsos e os pés amarrados a estacas (...) esticados. Ficavam em posição horizontal, com o corpo suspenso no solo. E nessa posição permaneciam horas sob o sol escaldante e, não raro, atravessavam a noite com sentinelas de baioneta a distância, para que todos vissem e ninguém pudesse se aproximar.<sup>77</sup>

O expedicionário ainda nos informa que o oficial que criou tal castigo dizia que na Itália, ao invés de “estanquear”, fuzilaria os soldados que transgredissem.

José de Andrade, ao escrever um capítulo em *Depoimentos de Oficiais da Reserva* disse que “O elemento disciplinador dominante era o medo, o receio do castigo, o estabelecimento, enfim, de um modus vivendi desigual para uns e para outros; e condição de senhor, de subordinado com suas regalias e desvantagens.”<sup>78</sup>

O esforço das autoridades brasileiras, principalmente durante os primeiros anos da República e até próximo da Segunda Guerra Mundial, em tornar obrigatório o serviço militar, relacionando-o com os efeitos da cidadania – “soldado-cidadão”<sup>79</sup> – ainda não tinha surtido todo o efeito desejado. Se o homem via a vida na caserna como uma difícil fase que teria que

<sup>75</sup> FERREIRA JUNIOR. *Uma visceral rebeldia...* p. 5.

<sup>76</sup> Ibid.

<sup>77</sup> SOARES, Leonércio. *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba, Ed. do autor, 1985. Apud FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 78, nota 110.

<sup>78</sup> ANDRADE, José X. Gois de. *O Espírito da FEB e espírito do 'Caxias*. In: ARRUDA, *Depoimento de Oficiais...* p. 314, 315.

<sup>79</sup> Para maiores informações consultar CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

enfrentar, ir à uma guerra era o castigo final para sua vida. Resignados e com baixa moral restava enfrentar o treinamento, a viagem para a Europa e o combate.

### 1.3 As precárias condições de saúde dos selecionados para a FEB

Outro problema que afetou o moral da Força Expedicionária Brasileira foi a situação de saúde da tropa. Desde o recrutamento, as juntas médicas enfrentavam dificuldades na seleção dos efetivos.

Havia um padrão de saúde, norteado pelo americano<sup>80</sup>, apesar de não ser rigidamente obrigatório, para ser aprovado na seleção médica. Devido a precariedade das condições de saúde do povo brasileiro à época, sua má alimentação e deficientes hábitos de higiene, os soldados chegaram ao teatro de operações italiano com diversas doenças. Casos graves como tuberculose, úlcera no estômago, epilepsia, problemas cardíacos, varicela, caxumba, sarampo e falta de dentição conseguiram passar pelo exame médico e chegar a Itália.<sup>81</sup> Paiva Gonçalves acrescenta a essa lista casos como daltonismo, desvios de coluna, doenças respiratórias, hanseníase e várias psicoses.<sup>82</sup> Segundo o oficial médico José Alfio Piason, havia uma idéia de que os convocados, para fugir às responsabilidades da guerra, apelavam para simular doenças que não existiam. Por isso, o número de homens com problemas de saúde aprovados pelas juntas médias aumentou.<sup>83</sup>

A situação precária de saúde da tropa, antes mesmo da seleção médica, já era visível na designação das unidades militares que foram escolhidas para compor a FEB. Os infantes mais treinados e aparelhados estavam no Nordeste, no entanto, não foram enviados para compor os efetivos enviados para a Europa, pois não atendiam os requisitos de alfabetização e, principalmente, a adequação física. Ferraz também sugere que havia uma preocupação em manter o litoral nordestino protegido contra possíveis ataques dos submarinos alemães. Não nos prendemos a esta última hipótese devido a presença da base americana na região e a responsabilidade da Marinha de Guerra que comboiava os mercantes brasileiros naquelas águas para evitar seu torpedeamento.<sup>84</sup>

Logo foi percebido que, em se seguindo a orientação do padrão de saúde norte-

---

<sup>80</sup> Inicialmente, o padrão de saúde dizia que era necessário ter no mínimo 26 dentes, 1,60cm de altura, 60kg. Os índices não são rigorosamente os norte-americanos, sofrendo adaptações entre nós. FERRAZ, Francisco César Alves. *Polêmicas historiográficas sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial*, p. 5. Apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História-ANPUH. Natal, 2013.

<sup>81</sup> GARCIA, Clóvis *et. al.* *A Batalha de Monte Castelo: os primeiros ataques*. In: *et. al.* *Depoimentos de...* p. 266 e 267.

<sup>82</sup> GONÇALVES, Carlos Paiva. *Seleção Médica do Pessoal da FEB, História, funcionamento e dados estatísticos*. Rio de Janeiro, BIBLIEX, 1951.

<sup>83</sup> PIASON, José Alfio *et. al.* *Alguns erros fundamentais observados na FEB*. In: *et.al.* *Depoimentos de...* p. 84.

<sup>84</sup> PAULA, *História Militar...* p. 253.

americano, não se alcançaria o efetivo desejado para a guerra. Logo, foi preciso baixar o nível das exigências médicas para os expedicionários brasileiros.<sup>85</sup> Como a seleção dos componentes da FEB ocorreu em diversas regiões do Brasil, houve também variedade de critérios para a mesma.

O Padre Manuel Inocêncio L. Santos, 1º Ten Capelão na época, registrou que, em São Paulo, uma dentadura imperfeita ou incompleta era suficiente para se rejeitar um candidato. Enquanto isso, os dentistas da FEB trabalhavam incansavelmente em dezenas de extrações chegando a ser necessário o apoio de oficiais combatentes que exerciam a profissão de dentista antes da mobilização. Segundo relato da enfermeira Elza Cansação Medeiros, foram realizadas vinte mil extrações dentárias ainda durante a viagem do Brasil para a Itália.<sup>86</sup>

Boris Schnaideerman relatou que um dos expedicionários que conheceu na viagem para a Itália recebeu o apelido de Vovô porque, três dias antes do embarque, adquiriu uma infecção na boca que o fez perder todos os dentes no Hospital Central do Exército. Mesmo assim, e contradizendo as orientações mínimas do padrão de saúde, embarcou para o teatro de operações. Sua preocupação era como se alimentar.

Encolhido num canto, molha vagarosamente pedaço de pão no café com leite e deixa-os cair na boca. O balanço do navio e a fome permanente dão-lhe tontura, tremem-lhe as pernas. Ao mesmo tempo, sente-se assaltado por preocupações. Como há de se alimentar em campanha? Se a comida for americana, ainda poderá manter-se com sopas e mingaus. Mas, que fazer se a tropa voltar ao regime de feijão com arroz e carne seca com abóbora?<sup>87</sup>

As doenças venéreas eram também comuns no soldado brasileiro da época. Era um problema cultural e decorrente do baixo nível de instrução. O jovem, recém saído da adolescência, procurava se afirmar como homem. Dentro dos quartéis a situação piorava conforme padre Inocêncio relatou:

(...) corre entre a rapaziada dos quartéis máximas simplesmente revoltantes, como aquela, segundo a qual o homem só se torna digno deste nome depois que teve a primeira doença venérea! O caboclinho criado sempre em ambiente de grande recato, é vítima inerme da corrupção do quartel, e vai muitas vezes, verdadeiro saco de sífilis, infeccionar irremediavelmente a família que mais tarde constitui.<sup>88</sup>

O padre ainda observou que o soldado recrutado na zona rural era a vítima mais comum das doenças venéreas. O problema abundou no Morro do Capistrano, local da

<sup>85</sup> FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 85.

<sup>86</sup> Revista do Exército Brasileiro, Vol 146, p. 5.

<sup>87</sup> SHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em Surdina*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 41.

<sup>88</sup> SANTOS, Manuel Inocêncio *et. al. Recordações de um capelão da FEB*. In *et. al. Depoimentos de...* p. 36.

concentração da FEB no Rio de Janeiro, pois nas licenças, os soldados que estavam distantes da família, podiam visitar os prostíbulos da cidade. Como somente através da manifestação dos sintomas a medicina podia tratar esses males, muitos soldados embarcaram com o problema venéreo, manifestando-o já a caminho da Itália. Em Nápoles, precisaram ficar aos cuidados do PRO-STATIONS, o serviço americano de profilaxia que tentava remediar os muitos casos de doenças sexualmente transmissíveis entre os pracinhas.

Os problemas de saúde obrigaram a diversas internações nos hospitais americanos na Itália. Segundo o relato do Tenente Clóvis Garcia, só no 1º Escalão de desembarque em Nápoles, foram mais de uma centena de soldados doentes.<sup>89</sup> Outros autores relataram que esse número chegou a trezentos no momento do primeiro desembarque. Com a superlotação do hospital foi expedida uma ordem proibindo internar mais brasileiros para que os leitos estivessem disponíveis para os feridos em combate.

Ainda durante a primeira quinzena de permanência no Teatro de Operações italiano, as revistas médicas diárias encontraram cerca de duzentos expedicionários doentes, inclusive oficiais. Segundo o Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, os males podiam até ameaçar o equilíbrio físico da tropa além de causar má impressão para as autoridades sanitárias norte-americanas.<sup>90</sup>

A consequência disso foi a permanência de doentes no seio da tropa ameaçando seu rendimento, conforme registro do tenente Garcia.

Com a ordem sobrevinda, proibindo baixar os doentes, para não superlotar com brasileiros, apenas recém chegados, os hospitais americanos, a situação ficou aflitiva. Um soldado do meu pelotão esteve doente vários dias, com febre acima de 39°, dormindo numa desconfortável barraca. O que nos valeu foi a pequena farmácia individual, composta de comprimidos e desinfetantes, que a experiência de manobras no Brasil nos aconselhara a levar.<sup>91</sup>

Além das doenças trazidas do Brasil, havia aquelas adquiridas na Itália. Após a conquista de Castelnuovo, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), iniciava uma fase de reajustamento quando pode obter um balanço das perdas humanas. Além dos mortos, feridos, acidentados e extraviados, encontraram quase mil doentes, número que se manteve como média mensal até o fim da guerra.

O problema do expedicionário não estava relacionado à falta de resistência. A maior

---

<sup>89</sup> GARCIA, Clóvis *et. al.* *A Batalha de Monte Castelo: os primeiros ataques.* In: *et. al. Depoimentos de...* p. 265.

<sup>90</sup> MORAES, *A FEB por seu ...* p. 48.

<sup>91</sup> GARCIA, *A Batalha de Monte...: os primeiros ataques.* In: *et. al. Depoimentos de...* p. 267.

parte do efetivo procedia das cidades do interior do Brasil. Os soldados estavam acostumados à vida sacrificada do sertão, longas caminhadas sob o Sol, má alimentação e, em muitas regiões, sofria-se com falta de água. O que faltava aos brasileiros, quando comparado aos militares norte-americanos e europeus, era a robustez e a saúde.

A robustez se referia ao tipo físico do homem, sua força e vigor. Enquanto a resistência era a qualidade de suportar a exaustão, a fome, o esforço característico da guerra. Acreditava-se, na época, que a robustez era fundamental para os homens que iriam para o combate.

Observou-se que os norte-americanos se adaptavam a qualquer região ou clima sem perda do rendimento físico e cumprindo as missões que lhes eram atribuídas. Os alemães eram também um povo robusto, mais alto e mais forte que o brasileiro que ainda teria que enfrentar um clima adverso ao que conheciam, no rigoroso inverno do Velho Continente.

Reconhecendo a importância da resistência sobre os demais atributos dos combatentes, Napoleão Bonaparte dizia: “A primeira virtude do soldado é a constância na resistência à fadiga e às privações. A coragem só aparece em segundo lugar. A pobreza, as privações e a penúria são a escola do bom soldado”. A seguir esse raciocínio, a maior escola do expedicionário foi aquela representada por suas dificuldades na dura vida de sertanejo, no interior do Brasil.

Dave Grossman, ao analisar as causas da exaustão e do desgaste emocional dos combatentes na guerra, chegou a seguinte conclusão:

No entanto, a doença constitui-se no mais mortífero de todos esses inimigos naturais. Até a Segunda Guerra Mundial, em todos os conflitos dos quais os Estados Unidos participaram, morreram mais soldados vitimados por doenças do que pela ação do inimigo.<sup>92</sup>

O mesmo autor ainda conclui dizendo: “Essa carga, precisa ser levada em conta como capaz de predispor a mente do soldado a buscar refúgio dos sofrimentos que o cercam.”<sup>93</sup> O refúgio ao qual Grossman se refere não é o dos hospitais ou mesmo o tratamento físico da doença, mas é aquele das ações subjetivas que atingem o moral abalado da tropa. Daí advém a necessidade do apoio realizado pela Assistência Religiosa na preparação da viagem e no teatro de operações, que também se estendia aos hospitais, conforme abordagem posterior.

---

<sup>92</sup> GROSSMAN, Dave. *Matar, um estudo...* p. 121.

<sup>93</sup> *Ibid.* p. 121.

## 1.4 A instrução insuficiente

Ao estourar a II Guerra Mundial, faltavam ao Brasil estruturas políticas, econômicas e sociais para enfrentar um conflito bélico de tamanha magnitude. O “Brasil não estava preparado para uma guerra. Aliás, nunca esteve. (...) Quanto a logística, nem se fale!”<sup>94</sup> Vários fatores explicam esse despreparo.

Mesmo após a 1ª Guerra Mundial e o tenso período do entre guerras, o Brasil não conseguiu adequar suas forças armadas aos novos tempos, onde os conflitos bélicos tomavam dimensões mundiais. A Missão Militar Francesa<sup>95</sup> foi contratada para auxiliar a modernização do Exército. Todavia, os esforços, principalmente os orçamentários no período entre guerras, não foram suficientes e contemplavam a preocupação com o enfrentamento das questões internas, como o ocorrido na Revolução constitucionalista de 1932. Na mesma época, exemplificando a falta de adequação do equipamento à grandes conflitos bélicos mundiais, a Marinha, por meio do seu ministro, reclamava a morte da esquadra, que agonizava pela idade com seus navios de 1910.<sup>96</sup>

Nos anos mais próximos da II Guerra Mundial, a instrução, o adestramento e as necessidades da tropa estavam negligenciados. Um dos motivos para tanto foi a extinção das Inspetorias de Grupos de Regiões,<sup>97</sup> criados por influência da Missão Francesa. Essas Inspetorias serviam para acompanhar as ações operacionais das tropas, mensurando sua capacidade de ação em situação de guerra, levantando os possíveis teatros de operações.

Os possíveis inimigos estariam nas fronteiras, por isso havia uma preocupação em vigiar e demarcar os limites, como ocorreu na época de Rondon. O aparelhamento militar brasileiro era para enfrentar, em caso de necessidade, uma possível situação conflituosa com os países vizinhos.

No momento da eclosão da II Guerra, o Brasil tinha um núcleo militar profissional relativamente pequeno e faltava à sociedade um espírito de formação tradicionalmente militar. O brasileiro não desejava se armar para expandir seu Estado, como ocorria entre os alemães, convencidos por Hitler. As mobilizações se destinavam a manter a ordem interna, quando ocorriam convulsões e revoltas. No imaginário brasileiro, como já se disse antes, o conflito

---

<sup>94</sup> PAULA, *História Militar* ... p. 250.

<sup>95</sup> Apesar de auxiliar na reorganização do Exército, a missão foi interrompida pela invasão da Alemanha Nazista sobre a França, em 10 de Maio de 1940, e seu modelo não se adequava mas ao enfrentamento da 2ª Guerra Mundial. Para saber mais consultar BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)*. Brasília: UnB, 2009.

<sup>96</sup> Relatório do Ministro da Marinha, Almirante Protógenes Pereira Guimarães, junho de 1932. Apud. PAULA, *História Militar*... p. 284.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 204.

estava muito distante, concentrado em especial na Europa.<sup>98</sup>

Como dito acima, somente após os torpedeamentos dos mercantes nacionais e a declaração de guerra contra o Eixo, houve a preocupação de uma mobilização militar para enviar uma representação ao teatro de operações europeu em conjunto com as tropas norte-americanas.

Logo, como também já registrado, em sua organização, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) enfrentou dificuldades que os exércitos europeus em guerra não viviam. O problema era causado porque a maior parte dos efetivos não tinha instrução ou adestramento militar adequado para uma guerra. Em acréscimo, o Brasil iniciou a mobilização de reservistas tardiamente.

O problema da mobilização e do adestramento também era provocado pela fragmentação de algumas unidades militares. Arruda, ao comentar sobre a mobilização para a guerra, ilustrou o fato mostrando a “situação anormal de um regimento”. Ele deu como exemplo um regimento que tinha apenas um batalhão em sua sede, na cidade de Caçapava no Vale do Paraíba, outro em Taubaté, a 25 quilômetros de distância e o terceiro batalhão em Lins, a 686 quilômetros pela ferrovia.<sup>99</sup>

Essa fragmentação das tropas era intencional para a melhor ação militar do Exército nos problemas internos do país, mas prejudicial para a instrução, adestramento, ações em conjunto e principalmente para o moral da tropa. A falta de conhecimento entre os militares, recrutados nas diversas regiões do país, gerava ausência do espírito de corpo. Conhecendo pouco aqueles que lutavam juntos, a lealdade, importante valor militar, ficava comprometida, gerando falta de sincronia entre as tropas. A não construção de um espírito de corpo aumentava a possibilidade de deserções no caso de guerra.

Somente na concentração da Força Expedicionária Brasileira as tropas se conheceram melhor para cimentar o espírito de corpo e a coesão. Mesmo assim, para Arruda, foi somente “nos acampamentos da Itália que o regimento iria conhecer a vida em comum das suas subunidades.”<sup>100</sup> A FEB foi constituída por uma Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), uma infantaria divisionária composta por três regimentos: 1º RI, 6º RI e 11º RI; uma artilharia divisionária composta por quatro grupos de artilharia; um batalhão de engenharia (9º BE); um batalhão de saúde; um esquadrão de reconhecimento motomecanizado, uma companhia de transmissões, companhia de manutenção e outra de intendência; um pelotão de

---

<sup>98</sup> FERREIRA JUNIOR. *Uma visceral rebeldia...* p. 2, nota 17.

<sup>99</sup> ARRUDA, Demócrito C. *et. al. Nossa participação na...* In. *et. al. Depoimento de...* p. 38.

<sup>100</sup> *Ibid*, p. 38.

sepultamento, pelotão de polícia, além de uma esquadrilha de aviação.<sup>101</sup>

Enquanto havia naturais dificuldades de relacionamentos, resolvidos somente quando a tropa estava reunida, ocorreu também a falta de prática com o armamento e material que foram empregados no combate. Esse material foi fornecido pelos EUA, mas seu atraso provocou o retardamento da instrução para o expedicionário. Mesmo quando havia material, este era em pequena quantidade e não suficiente para os efetivos. O Capitão Mário Amaral, que seguiu no primeiro escalão da FEB como comandante de pelotão de fuzileiros, ao ministrar instrução, registrou o seguinte:

Aguardamos com intensa ansiedade a propalada chegada de abundante material com o qual poderíamos então dar à tropa o preparo necessário e cumprir a missão que lhe era imposta; o material chegou, mas em doses homeopáticas e insuficiente, para que todos os soldados e oficiais pudessem ter a oportunidade de com ele travar um mínimo de conhecimento exigível para utilizá-lo convenientemente.<sup>102</sup>

Antes mesmo de começarem os preparativos para a guerra, algumas restrições comprometiam a preparação do Exército. Em 1936, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), Mário Amaral, como aluno, observava que não havia material suficiente para a prática do tiro, conforme explicou:

Com o decorrer do tempo, já no terceiro ano e, portanto, prestes a sermos declarados aspirante a oficial, verificamos dolorosamente que ainda não tínhamos travado conhecimento com um morteiro e somente nos últimos dias do nosso curso, nos foi permitido atirar com a metralhadora Hotchkis, na totalidade de 15 tiros.<sup>103</sup>

Esses oficiais, anos depois, foram reconvocados para dar instrução aos soldados que partiram para a Itália. Constataram a continuada falta de material. O expedicionário só completou sua instrução na Itália e muitos contingentes entraram em combate sem o adestramento completo. A FEB foi dividida em cinco escalões. Segundo Ferraz, apenas o primeiro escalão recebeu, em curto tempo e já na Itália, treinamento, armas, equipamentos e adaptação ao terreno antes do choque com o inimigo. Os demais escalões não tiveram esse tempo e receberam seu batismo de fogo contra o profissional exército alemão sem o devido e necessário preparo completo.<sup>104</sup>

---

<sup>101</sup> RODRIGUES, Fernando da Silva. *Organização, Preparação e Atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Centro de Estudos Estratégicos do Exército, Vol 12 (2) Mar/Maio 2019, p. 42. Este trabalho tratará apenas das unidades expedicionárias, por isso as demais não foram listadas.

<sup>102</sup> AMARAL, Mário *et. al.* *A Instrução da FEB*. In: *et. al., Depoimentos de...* p. 150.

<sup>103</sup> *Ibid*, p. 149.

<sup>104</sup> FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 101.

O Exército Brasileiro, pautado nos moldes da Missão Militar Francesa que melhor se adequava aos interesses defensivos em relação aos países vizinhos, precisou se adaptar urgentemente ao modelo norte-americano. Os oficiais que receberam essa instrução nos EUA eram insuficientes e os americanos que vieram ao Brasil pouco sabiam o português para garantir uma instrução adequada.<sup>105</sup> O material bélico usado no Brasil, como já informado anteriormente, era de origem européia e somente uma minoria de oficiais tivera contato com o material americano antes da guerra, enquanto os soldados o desconheciam por completo.

Na Itália, no acampamento de Bagnoli, o primeiro mês não avançou nada em termos de instrução devido ao atraso dos americanos na entrega do material. Segundo o Marechal Mascarenhas de Moraes, práticas desportivas, marchas e ordem unida eram organizadas para tentar manter a disciplina e a coesão da tropa.

Mário Amaral considerou uma falha na instrução não ensinar os métodos empregados pelos inimigos. Até mesmo os uniformes brasileiros eram semelhantes aos dos alemães. O capitão registrou que um soldado alemão, querendo se render, apresentou-se aos expedicionários que não o identificaram, ignorando sua presença. Esse alemão estava desarmado e pediu para ser levado ao comandante do grupamento. Somente o oficial, verificando a situação, mandou que o prendessem.<sup>106</sup>

A FEB, dentre tropas de várias nacionalidades, foi a única que compunha a força americana na Itália sem a devida instrução. Quando o primeiro escalão chegou à Itália, os chefes americanos de menor graduação questionavam as vantagens do uso da tropa brasileira. O Marechal Mascarenhas registrou que a situação foi “*desagradável e vexatória*”, resolvida depois pelas altas autoridades americanas e através das ações de combate do próprio expedicionário.<sup>107</sup>

Ao mesmo tempo em que apareceram as dificuldades da instrução e do adestramento, a FEB estava diante do exército alemão, considerado um dos mais profissionais da Europa. Apesar disso o expedicionário tinha que operar seu armamento, com pouca prática e em combate real.

Para o comandante da FEB, o problema do adestramento repercutiu negativamente sobre o moral dos expedicionários levando-os até aos primeiros reveses, conforme registrou em sua obra:

---

<sup>105</sup> Ibid., p. 86.

<sup>106</sup> AMARAL *et. al.*, *A Instrução da FEB*. In: *et. al. Depoimentos de...* p. 156, 157.

<sup>107</sup> MORAES, *A FEB por seu Comandante...* p. 19.

Se em nossa pátria as dificuldades de organização, a seleção física, a escassez de material e fatores outros impediram que alcançássemos os objetivos finais da instrução, na Itália o retardamento da entrega do material e as necessidades prementes da frente de combate forçaram a nossa DI a entrar em linha num estado de adestramento reconhecidamente incompleto. Sobrevieram, sem dúvida, consequências imponderáveis na formação tática e psicológica de nossa tropa. Amargávamos, nessa aprendizagem, alguns reveses decerto inevitáveis.<sup>108</sup>

A instrução da FEB só se completou no combate prejudicando o desempenho moral e psicológico da tropa, conforme citado acima pelo comandante.

O revés ao qual o comandante da FEB se referiu foi um exemplo prático dessa deficiência provocada pela entrega atrasada do material americano. Ele ocorreu em 31 de outubro de 1944, quando companhias do 6º Regimento de Infantaria (RI), partiram da base de Sommocolonia, para tentar tomar a cota 906, rumo a Castelnuovo di Garfagnana.

A posição foi tomada e feito os primeiros prisioneiros, um cabo e seis soldados que formavam um posto avançado. Eram italianos da divisão fascista Monte Rosa. No entanto, as medidas de segurança da companhia ainda não estavam completas e a frente de combate era relativamente grande, ficando lacunas entre pelotões, o que facilitava a penetração inimiga, principalmente nos flancos.

No dia seguinte, houve contra-ataque alemão para retomar a cota 906, onde estava o 1º Pelotão, da 1ª Companhia do 6º RI. Mesmo dispondo de pouca munição, o grupo resistiu a três investidas, porém, após o silenciar do terceiro choque, o pelotão fez sua retirada, recuando para a base da companhia em Sommocolonia.

Abaixo segue a comunicação telefônica do Tenente Carrão, que comandava o I Pelotão no momento do combate, ao Capitão de sua companhia.

A essa altura, o Capitão naturalmente atraído pelo barulho na 906 pelo telefone procura inteirar-se do que ocorre com seus pelotões. Pelo Tenente do 1º Pelotão é-lhe dado conta da situação – a mais crítica possível. Seus homens, não possuindo senão reduzida quantidade de munição (o que foi possível transportar lá para cima), não poderiam suportar o combate por muito tempo. Impunha-se, portanto, imediata remessa desse alimento para as armas, sem o que elas teriam que silenciar. Entretanto, por mais incrível que pareça, o Capitão não demorou em responder que se pusesse a margem qualquer esperança nesse sentido, pois, tendo havido qualquer anormalidade nos serviços de remuniamento do Batalhão ou Regimento, estava a Cia desprovida desse material. Além do mais, não dispunha ela, e muito menos o Batalhão, das mulas indispensáveis para aquele fim. (...) ainda não estava terminada a conversa e eis que os alemães voltam a carga!<sup>109</sup>

---

<sup>108</sup> Ibid, p. 64.

<sup>109</sup> GONÇALVES, José *et. al.* *Nosso revés em Somacolonía*. In: *et. al.* *Depoimentos de...* pp. 178-180.

Analisando mais detidamente o fato, o comandante da força atribuiu o revés a diversos fatores, não apenas à falta de munição para a tropa. Primeiro, ao cansaço da tropa, que havia enfrentado longa jornada de marcha sob intensa chuva e em terreno acidentado; segundo, a crença que o inimigo alojado na região não tinha poder combativo; terceiro, as medidas de segurança não completadas; e, em quarto lugar, a falta do plano de fogos.<sup>110</sup> Este último provocou a falta de munição.

Segundo o Tenente José Gonçalves, integrante do 6º RI na época, “o abatimento moral era grande e as fisionomias de todos estampavam cansaço e sofrimento.”<sup>111</sup>

O 1º Batalhão não perdeu nenhum de seus homens, não houve baixa. O que os desanimou moralmente foi o fato de terem conseguido a primeira vitória, ocupando a cota 906, fazendo os primeiros prisioneiros, e, depois, serem obrigados a perder a posição por falta de munição. Frustração ainda aumentada pelo fato da retirada ter sido feito depois que o inimigo havia silenciado e não tentava mais resistir, mesmo assim, não se poderia correr riscos e a posição fora abandonada.

Outro problema decorrente da instrução e do adestramento insuficientes ocorreu nos primeiros choques com o inimigo e consistia na dificuldade em matar. Segundo o estudo de Dave Grossman o homem normal e equilibrado resiste ao ato de matar, mesmo em combate. Isso é atribuído a vários fatores: “instintivos, racionais, ambientais, hereditários, culturais e sociais”.<sup>112</sup>

William Manchester, fuzileiro norte americano, veterano na 2ª Guerra Mundial, dizia que matar, mesmo no combate, era trair tudo o que ele havia aprendido em sua vida.<sup>113</sup>

O general e estudioso norte americano da 2ª Guerra Mundial S.L.A. Marshall,<sup>114</sup> em suas pesquisas de campo, atestou esse fenômeno entrevistando seus soldados. Constatou que a cada 100 homens na linha de frente, somente 15 a 20% atiravam contra o inimigo. As pesquisas se estenderam a um universo maior sempre encontrando os mesmos percentuais. Os homens que não atiravam também não fugiam, preferindo socorrer companheiros feridos, remunciar armas descarregadas ou conduzir mensagens.<sup>115</sup>

Outros relatos e pesquisas atestaram para o mesmo fenômeno na 1ª Guerra Mundial. O Coronel norte americano Milton Mater colheu exemplos de veteranos que falavam dos “não atiradores”. Ao entrevistar um desses homens, Mater registrou:

<sup>110</sup> MORAES, *A FEB por seu Comandante...* p. 91.

<sup>111</sup> GONÇALVES, José *et. al. Nosso revés em...* In: *et. al, Depoimentos de...* p. 181.

<sup>112</sup> GROSSMAN, *Matar, Um estudo...* p. 85.

<sup>113</sup> *Ibid.* p. 137.

<sup>114</sup> O general S.L.A. Marshall foi veterano da 1ª Guerra Mundial, além de acompanhar e estudar os eventos da 2ª Guerra. Suas pesquisas foram utilizadas por Grossman na obra *Matar, Um estudo...* p. 59.

<sup>115</sup> Apud GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 66 e 69.

Fiquei admirado ao descobrir que a experiência mais marcante em sua mente era a existência de soldados que não atiravam (...) em seu entender, se não atirassem nos alemães, os alemães não atirariam neles<sup>116</sup>.

Não apenas nas duas grandes guerras mundiais, mas nas guerras anteriores também há relatos da presença daqueles que não desejavam matar no combate. Para Grossman, existe a falta de entusiasmo em tirar a vida do inimigo, o que nos remete a problemas quanto a moral da tropa, e a *força* “psicológica no campo de batalha que podem proporcionar novos enfoques à História Militar, à natureza da guerra e à natureza do homem.”<sup>117</sup>

Para resolver o problema dos não atiradores e fazer com que cumprissem sua missão, os combatentes eram submetidos a longo período de instruções. Esse tipo de adestramento não era novidade. Desde a antiguidade, na falange grega, nas legiões romanas, no exército de Frederico o Grande ou ainda no de Napoleão, o treinamento era intensivo com o objetivo de condicionar o homem guerreiro para lutar até a morte no campo de batalha.

Grossman expressa essa idéia ao dizer:

O objetivo da instrução era transformar o soldado em uma pequena engrenagem de uma máquina que dispararia rajada após rajada contra o inimigo. Aqueles repetitivos exercícios eram o principal instrumento à disposição dos chefes para assegurar que os homens cumpririam sua missão no campo de batalha.<sup>118</sup>

Com a instrução, o soldado ficava automatizado em suas funções. Era esse adestramento que faltava para o expedicionário brasileiro. O fenômeno pode ser percebido nos primeiros embates contra os alemães narrado pelo Tenente José Gonçalves:

Um tiro ecoou no espaço e daí então começou o inferno. Numa algazarra de vozes e atirando granadas de mão sobre nós, de todos os pontos surgiam os atacantes! Embora toda a dramaticidade da situação, perfeitamente podíamos vê-los em seus uniformes verde oliva, na cor e feitio idênticos aos nossos! Não traziam seus tradicionais capacetes de aço, usando em seu lugar gorros sem pala (em seus gorros via-se perfeitamente a figura de uma caveira, conhecida por todos como o dístico dos 'SS'). Corriam para nossas posições ao mesmo tempo em que descarregavam suas 'lourdinhas'. Felizmente, nossos homens abrigados em suas posições de tiro não chegaram a ser atingidos nesse ataque. Entretanto, parecendo imobilizados pelo quadro de estupefação oferecido por aqueles fanáticos, não responderam de pronto ao fogo deles. Essa hesitação, porém, foi momentânea. Um F.M. Abriu fogo e, ato contínuo as longas rajadas de uma 'ponto 30' fizeram-se ouvir também. Outras se lhes seguiram num crepitar ensurdecedor e então, via-se os mais audaciosos caírem quase em cima de nossas posições!<sup>119</sup>

<sup>116</sup> Ibid... p. 85.

<sup>117</sup> Ibid... p. 73.

<sup>118</sup> Ibid., p. 61.

<sup>119</sup> GONÇALVES, José *et. al.* *Nosso revés em...* In: *et. al.* *Depoimentos de...* p. 179.

Algo semelhante ocorreu no batismo de fogo do 1º Batalhão, do 11º RI. Ao chegar na localidade de Sila, em 2 de dezembro de 1944, por ocasião da ofensiva a Monte Castelo, os expedicionários foram fortemente atacados pela artilharia alemã, conforme o tenente Palhares narrou:

O ataque continuava. Em dado momento as nossas linhas clareavam! O inimigo empregava “very-lights” e as temidas “lourdinhas” não paravam de espocar, partindo tiros de todos os lados. Por ser o nosso “batismo de fogo, veio o pânico, o pavor ao inimigo!” O 1º Batalhão do nosso Regimento, sob o comando do valoroso Major Jacy Guimarães, não resistiu a ação desencadeada. Debandou a 1ª Cia, seguida da 2ª; o Comandante do Batalhão tudo fez para dominar o caos: como louco, gritava a todos que cumprissem o seu dever, mantivessem serenidade! Tudo debalde; percebeu que agia inutilmente.<sup>120</sup>

Esse ataque foi repellido com o apoio do 2º Batalhão do 6º RI e por remanescentes do próprio grupamento atingido. O problema foi provocado pela falta de experiência em combate do 1º Batalhão, consequência do adestramento insuficiente.

O atraso do material americano e a instrução incompleta da FEB prejudicaram o condicionamento do expedicionário trazendo prejuízos para o moral da tropa. Essas dificuldades só começaram a ser solucionadas no combate real, nos campos da Itália, em contato com os nazi-fascistas.

#### **1.4.1 Dificuldades específicas na instrução moral do expedicionário**

Além da instrução prática, havia dificuldades no preparo moral da tropa. Preocupada com problemas internos e sempre defendendo a neutralidade, a sociedade brasileira não se condicionou para qualquer eventualidade que envolvesse o país nos acontecimentos conflituosos da Europa.

Ainda no Brasil, o moral da FEB foi atacado por elementos da chamada Quinta Coluna.<sup>121</sup> Em suas ações usavam ideologias, espalhavam boatos, como os que chegavam aos pracinhas dizendo: “para que vai você lutar e morrer longe de sua pátria para a liberdade, se dentro de sua própria terra vive amarrado por uma ditadura?” Ainda faziam uma comparação entre o totalitarismo europeu e o governo ditatorial de Vargas para tentar desestimular os

<sup>120</sup> PALHARES, *O Capelão que...* p. 130.

<sup>121</sup> A expressão nasceu na Guerra Civil Espanhola para denominar um quinto exército apoiador de Franco. No Brasil, os acusados de defenderem ideias nazi-fascistas eram chamados de quinta-coluna e passaram a ser considerados inimigos traidores da pátria. CORDEIRO, P. M. N. *Guerra de Palavras: a construção do inimigo “Quinta Coluna” pela imprensa pernambucana durante a Segunda Guerra Mundial*. Revista de História e Estudos Culturais Jan/Fev/Mar 2009 Vol. 6 Ano VI nº 1, p. 2.

expedicionários. Havia o slogan “a guerra não é nossa, nada temos com isso, e os americanos que se arranjam por lá.”<sup>122</sup> No seio da tropa era comum dizer que “havia sido vendidos por dólares,”<sup>123</sup> provavelmente fazendo alusão aos investimentos americanos no Brasil.

Por ocasião do anúncio da visita do Gen Mark Clark, a tropa recebeu a letra da canção “Deus salve a América” para cantar, porém, no primeiro ensaio geral grande parte se recusou a entoar o mencionado hino patriótico.

O general comandou: “Sexto Regimento!” O sargento ergueu a batuta, mas nenhuma voz se ergueu. Os soldados recusavam-se a entoar aquela canção em louvor à América, evidentemente América do Norte e não do Sul. O general bateu os pés: “Canta, Sexto Regimento!” Mas a tropa continuava muda. O general parecia em vias de explodir, o seu rosto ficou roxo, congestionado. “Canta, canta, Sexto Regimento!” Finalmente, umas poucas vozes desafinadas e de má vontade obedeceram ao comando. “Segundo de Artilharia!” Nós, isto é, alguns oficiais, uns escassos estudantes da Bateria de tiro, ficamos esgoelando-nos, procurando cobrir o silêncio geral da tropa, “Isso! Canta, escravo!” – gritou alguém atrás de mim, deixando-me com as orelhas em fogo.<sup>124</sup>

Para os membros da Quinta Coluna, o envolvimento do Brasil na guerra só seria justificável se o território nacional fosse palco dos combates. Ocorria a tentativa ideológica de minar na base as forças morais da FEB, impedindo sua partida para o teatro de operações.

Para o homem do interior, sem participação política, em precárias condições sociais e com pouca instrução intelectual e cívico-militar, a influência da Quinta Coluna operava negativamente em sua moral.

O pracinha desconhecia sua missão em detalhes, pois faltava-lhe o discernimento para entender a dimensão da guerra e sua complexidade, devido ao baixo nível instrução.

A falta de informação, apesar de gerar ansiedade, era devido aos cuidados com a segurança das manobras. Ouvindo tais argumentos e sem instrução moral, muitos convocados sentiam-se vítimas, não entendiam o porquê da guerra. Muitos soldados só entenderam quando lhes disseram que lutariam contra um novo tipo de escravidão.<sup>125</sup>

Mesmo os grupos que, logo após os torpedeamentos dos mercantes brasileiros, desejavam a guerra, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), que na época organizou passeatas exigindo a declaração de guerra e ridicularizando as figuras dos ditadores europeus, não eram suficientes para influenciar a grande parcela dos “escolhidos” para fazer lutar na guerra. Os reservistas mobilizados foram pouco atingidos pelas justificativas que defendiam

<sup>122</sup> Ibid, p. 96.

<sup>123</sup> SCHNAIDERMAN, *Guerra em Surdina...* p. 43, 44.

<sup>124</sup> Ibid, p. 79, 80.

<sup>125</sup> SANTOS, *Recordações de um ...* In *et. al, Depoimentos de...* p. 365.

o envolvimento do Brasil no conflito europeu.

Com a proximidade do embarque, a ação da Quinta Coluna ajudou a aumentar as deserções. Elas ocorriam ainda quando os soldados, que estavam acampados no Morro do Capistrano, conseguiam uma licença para visitar a família e não retornavam. Outros não aguardavam as licenças e voltavam para casa sem permissão.

Schnaiderman narra que, por ocasião de uma inspeção à tropa, provavelmente para verificar seu moral, um oficial do Estado-Maior fazia piadas e ironias ao interrogar os soldados, que tentavam responder conforme a ética e o respeito ao oficial. Porém, em uma de suas perguntas soltou-se um desabafo na resposta:

Pouco adiante, um rapaz pálido e cabisbaixo esperava a vez de enfrentar as ironias do oficial.

- Então, quer ir para a guerra?

- Não quero, estou sendo obrigado, mas, enquanto puder, vou gritar que esta guerra é um absurdo, e que não temos nada com a briga.<sup>126</sup>

Entre a própria população, mesmo a urbana, havia descrença no valor do homem brasileiro, na condição de “mestiço”, para enfrentar o alemão. Suposição baseada na ideologia pregada pelo nazismo sobre a suposta superioridade ariana. Lembre-se que, ainda no século XIX, uma das razões para trazer imigrantes era o “branquiamento racial”, que aceleraria o progresso no Brasil.<sup>127</sup>

Ferraz narra que se espalhou um boato de que o Brasil “só conseguiria enviar seus homens para a guerra no dia em que uma cobra fumasse.”<sup>128</sup> Piada que afetava diretamente os *brios* dos expedicionários. Por esta razão, foi confeccionado o distintivo com o bordado de uma cobra fumando para ser costurado no fardamento da FEB.

Era comum entre os praças, sobretudo os soldados, duvidarem que iriam mesmo para a guerra. Essas dúvidas começaram a se dissipar quando receberam os sacos A e B<sup>129</sup> que carregam os materiais de uso pessoal dos combatentes. Para Schnaiderman, a certeza chegou com a distribuição das plaquinhas de identificação, conforme narrado abaixo:

Finalmente, foram distribuídas umas plaquinhas com o nome de cada um, o número convencional, o tipo de sangue e o ano em que se recebera vacina antitetânica. Pareciam plaquinhas de cachorro grã-fino, dessas que se pregam na coleira, como o número de registro da prefeitura. Cada praça tinha de usar

<sup>126</sup> SCHNAIDERMAN, *Guerra em Surdina...* p. 90.

<sup>127</sup> ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo*. São Paulo: Edusc, 1998, p. 98.

<sup>128</sup> FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 87.

<sup>129</sup> Outro indício evidente de embarque próximo foi de materiais individuais para uso em campanha. Os de aplicação imediata iriam para o saco A, os de reserva ficariam no saco B. O primeiro seria levado pelos praças nas costas, o segundo se destinava ao porão do navio, e depois, em todas as ocasiões ficaria num lugar mais afastado. (SCHNAIDERMAN, *Guerra em Surdina...* p. 24).

ao pescoço duas dessas placas: em caso de morte, uma iria para a cruz de madeira, a outra seria remetida à família. Ninguém mais tinha dúvida: ia-se embarcar dentro de dias, de horas talvez.<sup>130</sup>

As desconfianças de muitos sobre as condições do combatente brasileiro ainda eram fomentadas devido ao conturbado recrutamento, com tantos apadrinhamentos e isenções que deixavam evidentes a “fuga” ou “escape” dos homens à guerra. Também a difícil seleção médica por causa das precárias condições de saúde dos homens e a falta de material adequado à guerra de tão grande proporção, fundamentavam mais o descrédito em relação aos que se preparavam para o embarque.

Foi nesse clima que os expedicionários brasileiros se preparam para embarcar para o desconhecido. Seu desempenho era uma incógnita, inclusive para seus chefes. Apesar da seleção prévia, sua escolaridade era baixa e poucos possuíam habilitações técnicas aproveitáveis numa guerra cada vez mais mecanizada. Não tinham treinamento para manobras em médias e grandes unidades. Jamais tinham saído do país e, portanto, jamais conhecido os rigores e dificuldades das ações em terrenos inóspitos com neve e montanhas íngremes. Era esse contingente, despreparado para ações militares de tamanha envergadura, heterogêneo em todos os sentidos – estado de origem, etnia, grau de instrução, posses, crenças políticas, religião – que embarcou, em cinco escalões, para a guerra na Europa. (...) Mas para todos eles, o que vivenciarão a partir de então seria algo inteiramente novo.<sup>131</sup>

Tal descrédito ainda foi possível de se observar fora do Brasil, quando ouviram soldados americanos dizer que o brasileiro canta samba, não faz guerra.<sup>132</sup>

Um dos problemas provocado pela falta de preparo daqueles que iriam combater foi o abalo psicológico de que não retornariam ao Brasil. Durante a viagem, muitos desabafavam com Schnaiderman, na certeza de que não retornariam ao Brasil: “Há momentos de confissão completa, alguns estão certos de que vão morrer e desabafam com uma facilidade incrível.”<sup>133</sup>

Outro problema relatado pelo mesmo autor era a degradação moral, que começava por pequenos roubos, de peças pequenas como o cantil. Depois, usando a ilustração de uma escada, os homens desciam para outros deslizos como a prática do câmbio negro, perversões sexuais e, “muitas vezes chega-se à violência, ao crime.”<sup>134</sup>

A instrução mais difícil de ser ministrada era a moral. Como fazer tantos homens entenderem o porquê e contra quem lutariam? Como trabalhar tais questões entre efetivo onde a maior parte de soldados era analfabeta e pertencente à zona rural.

<sup>130</sup> SCHNAIDERMAN, *Guerra em Surdina...* p. 28.

<sup>131</sup> FERRAZ, *A Guerra que não acabou...* p. 90.

<sup>132</sup> SCHNAIDERMAN, *Guerra em Surdina...* p. 108.

<sup>133</sup> *Ibid*, p. 41.

<sup>134</sup> *Ibid*, p. 44.

Por seu cunho subjetivo, o sucesso da instrução moral precisava de mais tempo para colher resultados positivos. Na preparação brasileira para a guerra, usou pouco desse tempo para o esclarecimento e fortalecimento interior dos futuros expedicionários.

### 1.5 Imposições da guerra para o expedicionário

As imposições comuns da guerra começam desde sua mobilização. Ainda nessa fase, Boris Schnaiderman narrou que as primeiras apresentações no Ministério da Guerra foram fruto de convocações, em muitos casos, por jornais.

Pálidos, nervosos, abatidos, os homens apinhavam-se no saguão do Ministério da Guerra. Foram convocados por jornal, ao acaso segundo parecia. (...) e os convocados não compreendiam por que a sorte recaía justamente sobre eles. Mais rapazes chegavam a cada instante. Colocavam-se entre a multidão, e a espera prosseguia. Ninguém sabia quando ia durar aquilo. (...) Faz calor. Os homens suam. E a espera continua. Alguns já estão ali há mais de três horas.<sup>135</sup>

Os expedicionários tinham em geral entre 20 a 30 anos de idade. Havia percorrido de 400 até 1000 quilômetros para serem examinados e selecionados para a composição da FEB. Isso ocorreu porque não houve grande diversificação dos postos onde ocorriam os exames médicos, para se evitar subornos e corrupções. Havia uma equipe médica em locais específicos, para onde os convocados se dirigiam.<sup>136</sup>

No início, parte dos homens selecionados eram casados, precisando deixar esposa e filhos para partir rumo a guerra. Outros eram até sitiante sustentadores de numerosos familiares no campo. Quanto à profissão, a maioria era agricultor ou contratado por dia de trabalho, embora existissem operários urbanos e empregados do comércio.

Mais tarde, percebendo as dificuldades criadas por esse tipo de mobilização, uma portaria ministerial tentou desconvocar aqueles que não tinham condições de seguir com a FEB. Tentava-se desmobilizar os casados do interior cujas famílias não tinham condições de sobrevivência. No entanto, Demócrito Cavalcanti de Arruda registrou que muitos eram apenas casados no religioso sem a documentação devida e, por isso, não foram alcançados pelo benefício da lei.<sup>137</sup>

O local de reunião da Força Expedicionária Brasileira foi o Morro do Capistrano, na Vila Militar, Rio de Janeiro. Ali, foram dispostos uma série de barracões onde a tropa esteve

---

<sup>135</sup> Ibid, p. 7.

<sup>136</sup> Ibid, pp. 1-7.

<sup>137</sup> ARRUDA, *Nossa participação...* In. *et. al. Depoimentos de...* p. 39.

reunida de 03 de março a 21 de setembro de 1944. Outros ainda permaneceram até novembro daquele ano.

O Ten Gentil Palhares caracterizou o Morro do Capistrano como uma “*guerra de nervos*.”<sup>138</sup> O local concentrava a tropa, que ainda mal se conhecia, precisando ainda criar coesão. Eram realizados exercícios, principalmente os que simulavam os possíveis problemas no mar durante a travessia do Atlântico. Chegaram a ocorrer mortes por queda de homens que simulavam o abandono dos navios.

O maior problema era a data do embarque que poderia ocorrer a qualquer momento. Havia sigilo absoluto, dúvidas eram propositalmente implantadas, ameaças de saída para o porto, falsas despedidas e até envio de tropa para locais específicos para desviar a atenção do verdadeiro embarque nos navios norte-americanos que vinham buscar a FEB. O vai- não-vai provocava suspense e agia sobre o psicológico dos homens.<sup>139</sup>

O calor sufocante da Vila Militar, naquele período, já desafiava a capacidade de adaptação daqueles que vinham de diversas regiões do Brasil.

Durante a viagem no navio de transporte General Man, dificuldades também foram enfrentadas. Houve susto provocado por ameaça de torpedeamentos dos submarinos alemães. Diariamente manobras eram realizadas e os expedicionários eram submetidos a medidas preventivas para a segurança da travessia oceânica. Entre essas, a bibliografia existente sobre o episódio fez questão de mencionar o escurecimento do navio durante a noite e o fechamento de todos os compartimentos, para evitar que qualquer réstia de luz permitisse sua identificação para os inimigos.

Segundo registro do Marechal Mascarenhas de Moraes:

Com a efetivação de tal medida, todo pessoal embarcado era empilhado nos alojamentos, que se fechavam para impedir a filtração da mais fraca réstia de luz. Desagradáveis, insuportáveis mesmo, eram essas noites, quentes e infundáveis, vividas em compartimentos abafados e lotados até o teto.<sup>140</sup>

A alimentação não era ruim. Havia o problema da diferença dos costumes alimentares brasileiros com os americanos. Eram servidas apenas duas vezes ao dia e enjôos, provocados pelo balanço do mar, tornavam a viagem e a vida nos alojamentos difíceis.<sup>141</sup>

Além dos desconfortos comuns da viagem em um navio de guerra, o psicológico dos homens era frequentemente abalado pelo próprio destino do deslocamento, o teatro de

<sup>138</sup> PALHARES, *O Capelão que não voltou...* p. 110.

<sup>139</sup> Ibid, pp. 112-115.

<sup>140</sup> MORAES, *A FEB por seu Comandante...* p.41.

<sup>141</sup> Ibid, pp. 42-45.

operações europeu, onde a regra era matar ou morrer.

Após o desembarque, o primeiro acampamento de um dos escalões da FEB, foi na cratera de um vulcão extinto, o que impactou moralmente a tropa. Sobre isso Schnaiderman disse:

Os homens, que já se sentiam esquecidos pela pátria, abandonados por todos, tiveram este sentimento reforçado pelos vinte dias que passaram na cratera do vulcão extinto. Quase isolados do mundo exterior, condenados à inatividade, não dispendo de armamento de qualquer espécie e não compreendendo o porquê daquele campo de concentração, em território recém conquistado ao inimigo, pareciam tudo, menos uma tropa destinada a entrar brevemente em combate.<sup>142</sup>

A Itália tinha clima adverso para o brasileiro. Mesmo os filhos do Sul não estavam acostumados às baixas temperaturas do inverno europeu. Predominava na paisagem gelo e neve. Palhares informou que a temperatura era de 25 graus abaixo de zero e “tudo era sangue e neve, gemidos, dores e lágrimas, confusão.” “Tinha-se a impressão de que fugia o nosso raciocínio, a nossa capacidade de pensar e de agir, como se num relaxamento ou num abandono da própria vontade, ali aniquilada, vencida!”<sup>143</sup> Mesmo quando da chegada do seu grupamento, quando desembarcou em Nápoles, a FEB não encontrou barracas para praças, e teve que bivaquear em “uma noite terrivelmente fria, o que constituiu um rude teste para a nossa gente.”<sup>144</sup> No inverno, os combatentes enfrentaram mais de um metro de neve no terreno para qualquer deslocamento, por isso ocorreu a estabilização das atividades.

Problema constante desse estado foi o “*pé-de-trincheira*”. Era uma espécie de granguena provocada pelo gelo e neve nos pés daqueles que permaneciam por certo tempo dentro dos “fox-hole” (trincheiras). O sofrimento não era apenas físico, mas também moral. Muitos precisavam ser levados aos hospitais de campanha de Livorno ou Pistóia. Muitas vezes saíam das trincheiras nos ombros de outros se contorcendo de dor. Vários não retornavam podendo ter perdido os membros inferiores. Os que permaneciam ficavam emocionalmente abalados vendo a situação dos companheiros e temendo em sofrer o mesmo mal. Para amenizar o problema do frio, o pracinha colocava capim seco dentro dos galochões, dos pés até o joelho, sendo logo imitado pelos americanos.

Outro exemplo do impacto sobre o moral da tropa pode ser verificado em uma noite de combate contra alemães. Vários feridos caíram pelo caminho enquanto uma patrulha retornava ao acampamento base. Os feridos não puderam ser imediatamente recolhidos devido ao fogo inimigo. Os que escaparam passaram a noite ouvindo os gemidos dos

<sup>142</sup> SCHNAIDERMAN, *Guerra em Surdina...* p. 52.

<sup>143</sup> PALHARES, *O Capelão que não voltou...* p. 140.

<sup>144</sup> MORAES, *A FEB por seu Comandante...* p. 45.

companheiros caídos, mas não podiam retornar ao caminho próximo para resgatá-los. Exposto ao frio e a vários diferentes sentimentos que se misturavam, Schnaiderman narrou que “Um frio corre-me pela espinha. Não adiantava ocultar o meu ato de covardia. Mas ali, diante do abrigo coletivo, eu sentia algo parecido com dor física, como se uma lâmina aguçada me estivesse dilacerando o peito.”<sup>145</sup>

Na guerra, existe um medo que, mesmo sendo subjetivo, consegue transformar-se quase em dor física, é um medo que os homens dizem ser contínuo, como a dor de dente.<sup>146</sup>

O frio intenso prejudicou as operações e estendeu a guerra na região. A conquista de Monte Castelo, por exemplo, precisou ser interrompida devido ao rude inverno e recomeçada após passarem o frio e a neve.

Outra dificuldade era a geografia italiana. Os montes eram abundantes e os alemães dominadores das melhores posições defensivas. Tinham uma visão privilegiada por estarem em suas casamatas no alto desses montes. Os aliados que subiam tornavam-se alvos fáceis. Isso ocorreu nos ataques a Monte Castelo, que era formado por um conjunto de planaltos fortemente defendidos pelos alemães no topo. Além das privilegiadas posições defensivas alemães, toda área estava minada.

O terreno e as estradas também não ajudavam. Em Sommocolonia, o deslocamento, para atacar a cota 906, foi feito debaixo de chuva torrencial. Parte do percurso foi realizado em marcha por estradas íngremes ou, fora delas, em caminhos tortuosos. O Tenente José Gonçalves, comandante de pelotão, expressou a cena dizendo que havia “escorregões e tombos (...) provocando iras e palavrões!”<sup>147</sup> Nessa operação, os homens carregavam caixas de material e munição. Mesmo quando as marchas eram feitas pelo interior das cidades, o caminho era percorrido com tensão e sob bombardeio inimigo. Os esforços eram sobre-humanos, porém, comuns nas ações de guerra.

Mesmo quando a tropa usava os caminhões, havia dificuldades no transporte. Os veículos só chegaram nas vésperas dos deslocamentos e os motoristas não estavam acostumados aos longos percursos noturnos. As estradas estavam sacrificadas pela guerra e os comboios precisavam circular com os faróis apagados por motivo de segurança, desafiando a habilidade dos motoristas. Exemplo de um desses momentos foi o deslocamento da FEB, entre os dias 4 e 9 de novembro de 1944, quando se seguia para o vale do Pó. O percurso de Barga-Luca-Pistóia-Porretta Terme tinha 120 Km, feito em rampas, curvas perigosas, estradas

---

<sup>145</sup> SCHNAIDERMAN, *Guerra em Surdina...* p. 132.

<sup>146</sup> *Ibid*, p. 129.

<sup>147</sup> GONÇALVES, *Nosso revés em...* In: *et. al. Depoimentos de...* p. 173.

de traçado serpenteante, que beiravam precipícios.<sup>148</sup>

Desta forma o número de acidentados era grande, foram contabilizados os seguintes números:

**Tabela 2 - indicativa das baixas da FEB na Itália em 1944/45**

Até 31 de outubro de 1944:

<b>Mortos</b>	<b>Feridos em ação</b>	<b>Extraviados</b>	<b>Acidentados</b>	<b>Total de baixados</b>
13	87	7	183 a 215	290 a 322

Até 31 de março de 1945:

<b>Mortos</b>	<b>Feridos em ação</b>	<b>Extraviados</b>	<b>Acidentados</b>	<b>Total de baixados</b>
285	1.087	52	728	2.152

Fonte: (MORAES, 2005, p. 92 e notas das páginas 98 e 152)

Nos meses iniciais, após o desembarque, foi grande o número de acidentados. Para os meses seguintes, precisou-se observar a relação tempo-espço e a intensidade das manobras que aumentaram. Percebe-se que, no primeiro quadro, o número de acidentados era maior do que os feridos ou mortos em ações e desproporcional ao total de homens postos fora de ação. Isso se explicava com a instrução incompleta, a falta de treinamento com o material americano, recebido com atraso, e as dificuldades que a região impunha às manobras.

Embora o número de acidentados fosse grande, o pior da guerra está em seus mortos e feridos, justificáveis pelo combate. Dois exemplos podem ser extraídos da experiência da FEB para demonstrar a rudeza dos embates. Em dois episódios, os reveses contribuíram para baixar o moral dos expedicionários. Foram eles as tentativas fracassadas para conquistar Monte Castelo (antes do inverno) e o episódio de Sommocolonia.

Este último, já abordado neste trabalho e por isso não mais explorado, consistiu em golpe de mão dos alemães para retomar uma posição conquistada por pelotões da FEB, que deixaram suas posições e recuaram para a base devido a absoluta falta de munição.

Já a primeira ofensiva a Monte Castelo ocorreu em 29 de novembro de 1944. Os inimigos estavam defendidos por artilharia e abrigados em casamatas. Minas também estavam por toda a parte, dificultando o escalonamento do morro. O terreno era escarpado e escorregadio, muitas chuvas haviam caído nas vésperas, produzindo lama em grande quantidade.

<sup>148</sup> MORAES, A *FEB por seu Comandante...* p. 98 .

Os preparativos para o ataque se fizeram em sigilo, mas com grave dificuldade. Por ordem direta do comando brasileiro, para a surpresa do inimigo, tudo se processou na noite do dia 28, em escuridão e silêncio. Assim, as tropas marcharam 17 quilômetros, por 7 horas, chegando à base de partida às 04 horas, para um ataque previsto para às 06 horas da manhã.

As operações duraram todo o dia 29. Os expedicionários subiram Monte Castelo debaixo de forte fogo da artilharia alemã, que provocava baixas nos batalhões do 1º RI e do 11º RI. Ao escurecer, houve ordem de recuo para a base de partida.

Em 12 de dezembro, novo ataque foi realizado contra Monte Castelo. Como da primeira tentativa, chuvas torrenciais inundaram o terreno nas vésperas. Forte nevoeiro dificultava a visibilidade e o efeito surpresa já havia se perdido devido aos tiros da artilharia norte americana contra Belvedere.

Também nessa segunda ofensiva, houve forte hostilização inimiga através de fogos de artilharia, morteiros e metralhadoras. Soldados, componentes do Batalhão do Major Franklin (I/1º RI), chegaram ao topo do morro, mas foram alvejados pelos fogos de curta distância. Alguns corpos permaneceram na região durante dois meses, sendo sepultados somente quando a FEB conquistou Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945.<sup>149</sup> Essa última ofensiva antes do inverno durou do amanhecer até às 15 horas, quando foi dada a ordem de retorno para as posições de partida.

Sobre os resultados dessas ofensivas, o comandante da FEB relatou:

Trágica e impressionante foi a volta dessa unidade do Regimento Sampaio (...) dolorosa jornada a desse infrutífero ataque, que clareou de 140 companheiros as fileiras dos dois batalhões atacantes. (...) O revés que a tropa brasileira amargou nessa dolorosa jornada, contudo, foi pródigo de ensinamentos.<sup>150</sup>

Em muitas ocasiões, as tropas ficavam submetidas a intenso bombardeio inimigo, ataques que duravam dias. Adicione-se a esta situação a aspereza do terreno, do clima, e o estresse da situação. Chegou-se a registrar, no segundo ataque a Monte Castelo, um atraso do Batalhão Syzeno (II/1º RI) devido ao cansaço dos homens.

Os reveses sofridos pela FEB e o fato de Monte Castelo já ter sido palco de ataques anteriores da Task Force 45, tropa norte americana, sem sucesso, construíram o mito da impossibilidade de se tomar aquela região e da invencibilidade alemã. Os *tedescos*, além de serem bem equipados (exemplo disso eram suas abundantes metralhadoras apelidadas pelo

---

<sup>149</sup> MORAES, A FEB por seu Comandante... p. 118, nota 73.

<sup>150</sup> Ibid, p. 119.

pracinha de *lurdinha*), formavam um exército profissional com alto nível de instrução.<sup>151</sup>

As derrotas aliadas elevaram o moral das tropas alemães que foram identificadas como 232ª Divisão de Infantaria, além de abrir graves claros nas fileiras do efetivo da FEB. Houve repercussão negativa para a moral dos expedicionários e a consequência natural de todo esse esforço sem êxito foi a exaustão.<sup>152</sup>

O psicólogo F.C. Bartlétia chamou o esgotamento provocado pelas ações de combate de “peso da exaustão.”<sup>153</sup> Bartlétia enumerou quatro fatores que, atuando em conjunto e em tempo prolongado, contribuem para o extremo cansaço e a redução do moral dos combatentes. São eles: as consequências das tensões da situação de ter que lutar ou fugir, que agem sobre a atividade fisiológica dos indivíduos; o efeito cumulativo da perda de sono; a redução do consumo de calorias; e as intempéries como o frio, calor, chuva e escuridão.

É possível analisar mais profundamente dois desses fatores devido a sua maior evidência nos campo de combate: a falta de sono e as intempéries.

Nos estudos de Grossman, 31% dos combatentes da 2ª Guerra Mundial na Itália dormiam menos de quatro horas por dia e 54% menos de seis horas. Os homens que estavam na linha de frente, provavelmente, dormiam menos ainda, o que contribuía para provocar as baixas psicológicas.<sup>154</sup> A falta de sono podia, inclusive, provocar alucinações.

A chuva, o frio intenso e a escuridão fazem parte da vida do soldado. Mas esses elementos naturais podem causar “uma sensação de desamparo em grau de intensidade jamais imaginado por aqueles que nunca a conheceram”. Para Simon Murry, militar francês veterano da Argélia, 'o frio era o inimigo número um. “O sofrimento de enfiar-se, em plena escuridão e no topo de uma elevação, num saco de dormir encharcado, debaixo de chuva torrencial, produzia sensação de desalento sem paralelo.”<sup>155</sup>

Lorde Moran dizia:

Os exércitos definham, quando expostos à fúria dos elementos (...) a cruel violência do inverno (...) capaz de revelar fraquezas até em homens selecionados; os homens ficam tão enferrujados pela umidade quanto os fuzis só que mais lenta e profundamente.<sup>156</sup>

O desgaste emocional provocado pelo combate levava o indivíduo a buscar refúgio para de seus sofrimentos e, se não o encontrasse, podia se tornar baixa psiquiátrica ou até

<sup>151</sup> GONÇALVES, *Nosso revés em...* In: *et. al. Depoimentos de...* p. 175-180.

<sup>152</sup> GROSSMAN, *Matar, um estudo sobre...* p. 116-119.

<sup>153</sup> BARTLÉTIA, F.C. Apud GROSSMAN, *Matar, um estudo sobre...* p. 116.

<sup>154</sup> GROSSMAN, *Matar, um estudo sobre...* p. 119.

<sup>155</sup> *Ibid*, p. 121.

<sup>156</sup> Apud. GROSSMAN, *Um Estudo sobre...* p. 121.

desertor.

Não eram apenas os fatores físicos que abalavam o moral dos combatentes, mas também tudo que seus sentidos captavam sobre os perigos da batalha e da morte. A violência e o impacto de sua proximidade eram detonadores para crises emocionais dos homens.

William Manchester narra o horror da guerra no seguinte trecho:

Você tropeçava em tripas com cinco metros de comprimento e em corpos cortados ao meio pela cintura. Braços, pernas e cabeças que não iam além do pescoço estavam a pouco mais de 15 metros dos troncos mais próximos. E quando a noite caía, a cabeça recendia com o mau cheiro de carne queimada.<sup>157</sup>

As piores ações sofridas foram as provocadas pela artilharia. Gemidos, lamentações, barulho insuportável, gosto de sangue e lágrimas, contemplação de amigos violentamente mortos e a sensação da iminência da própria morte são os sentidos captados pelo combatente no *front*.<sup>158</sup>

Os campos minados e as armadilhas, além da artilharia inimiga, eram também dolorosos e mortais, faziam com que os combatentes visualizassem a concretização da morte que ocorria a todo o momento.<sup>159</sup>

O trabalho desenvolvido pela Assistência Religiosa, através do capelão militar, objeto de análise dos capítulos seguintes, atuava para que o combatente não se tornasse doente psiquiátrico. Ao mesmo tempo, suas ações mantinham elevado o moral daqueles que estavam diretamente envolvidos no combate.

---

<sup>157</sup> MANCHESTER, William. *Goodbye, Darkness: A Memoir of the Pacific War*. 2002, apud GROSSMAN, *Um Estudo sobre...* p. 119.

<sup>158</sup> GROSSMAN, *Um Estudo sobre...* p. 122.

<sup>159</sup> *Ibid.* p. 122.

## CAPÍTULO 2

### GUERRA, RELIGIÃO E MORAL

#### 2.1 Considerações iniciais

Neste segundo capítulo, para entender o trabalho da Assistência Religiosa na guerra, faz-se necessário uma análise sobre duas questões preeminentes que se apresentam nos combates: o medo de matar e o medo de morrer. O primeiro tema, pouco abordado e até desconhecido do senso comum, foi observado por estudiosos que viveram a experiência da guerra e produziram registros de memória ou posteriores trabalhos acadêmicos. Alguns especialistas, como David Grossman, acreditam que o medo de matar esteja no centro do desgaste emocional e da baixa psiquiátrica de muitos combatentes. Acionar o gatilho para matar o semelhante, do qual não se tem raiva ou desejo de enfrentamento, é mais difícil do que parece mesmo para o militar treinado para tanto. Matar contraria princípios culturalmente estabelecidos. Nesse sentido, o trabalho de Grossman é inovador e nos serve de base para entender a necessidade do trabalho religioso para proteger a saúde psíquica dos homens na guerra.

Para o medo de morrer, usamos o trabalho de Philippe Ariès<sup>160</sup>, que analisa as atitudes do homem diante da morte, da Idade Média ao século XX. Suas análises relacionam o aspecto religioso, o cristianismo em especial, por ser a principal religião do Ocidente, com as atitudes do homem diante da morte. Em sua obra *História da morte no Ocidente*, Ariès ressaltou as transformações sobre as percepções da morte que os homens foram construindo ao longo dos séculos. O argumento central do historiador francês é construído a partir do seguinte movimento: para Ariès, a maneira como o homem ocidental encarou a morte muda radicalmente de fenômeno familiar, simples e aceito como natural pelos homens medievais, inseridos na coletividade que conhece o seu fim inevitável, ela, gradativamente, adquire, no período contemporâneo, um caráter de negação e interdição. Isso ocorre principalmente devido ao processo de individualização. A partir de então, a morte passou a ser percebida pela sociedade como uma privação da felicidade e o moribundo alguém que perde as novidades que o progresso traz em um mundo de rápidas mudanças.

Contudo, antes de passarmos a tais análises sobre o medo da morte, cabem algumas considerações sobre a relação entre guerra e religião. Paradoxalmente, essa relação, íntima e comum na Antiguidade, se transformou nos longos séculos de expansão do cristianismo e,

---

<sup>160</sup> ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

mais profundamente, em um contínuo movimento provocado pela laicidade e dessacralização, iniciado na modernidade. Mesmo considerando tal movimento, pode-se verificar que o homem de nossas atuais sociedades, na guerra, continua necessitado do apoio religioso.

## 2.2 Os deuses na guerra: a contínua relação entre religião e guerra

Sem considerar as guerras religiosas, como a Guerra dos Trinta Anos, entre católicos e protestantes, ou o esforço de expansão e conversão de “infieis”, na *Jihad* dos muçulmanos, por exemplo, a religião sempre esteve presente antes, durante e após os combates. Na Antiguidade, diversos povos apelavam para os deuses nos momentos de guerras. No monoteísmo judaico, a narrativa bíblica revela as consultas de Israel a Javé para entrar em combate.

André Corvisier<sup>161</sup> chama a atenção para o momento em que os hebreus, sob a liderança de Josué, tornaram-se guerreiros e, a partir de então, todo um ritual foi elaborado, no livro de Deuterônimo, para a convocação à guerra.

Na narrativa bíblica, observa-se um povo que saiu do Egito como escravo, peregrinou cerca de quarenta anos no deserto do Sinai até chegar a Canaã<sup>162</sup>, com a promessa divina que receberia aquela terra para ser sua casa permanente. No entanto, ao enviar espiões àquela região, o moral do povo e o ânimo dos homens foram frustrados, devido ao porte físico dos habitantes da terra que precisavam derrotar.

1. E o Senhor disse a Moisés:
2. envie alguns homens em missão de reconhecimento à terra de Canaã, terra que dou aos israelitas. Envie um líder de cada tribo dos seus antepassados.
3. Assim Moisés os enviou do deserto de Parã, conforme a ordem do Senhor. Todos eles eram chefes dos israelitas.
17. Quando Moisés os enviou para observarem Canaã, disse: "Subam pelo Neguebe e prossigam até a região montanhosa.
18. Vejam como é a terra e se o povo que vive lá é forte ou fraco, se são muitos ou poucos;
19. se a terra em que habitam é boa ou ruim; se as cidades em que vivem são cidades sem muros ou fortificadas;
20. se o solo é fértil ou pobre; se existe ali floresta ou não. Sejam corajosos! Tragam alguns frutos da terra". Era a época do início da colheita das uvas.
21. Eles subiram e observaram a terra desde o deserto de Zim até Reobe, na direção de Lebo-Hamate.
25. Ao fim de quarenta dias eles voltaram da missão de reconhecimento

<sup>161</sup> CORVISIER, André. *A Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

<sup>162</sup> Canaã, nome usado na Antiguidade. A terra que, segundo a Bíblia, foi povoada por Cam, filho de Noé, após o dilúvio. Atualmente, é a Palestina, nome dado pelos gregos.

daquela terra.

26. Eles então retornaram a Moisés e a Arão e a toda a comunidade de Israel em Cades, no deserto de Parã, onde prestaram relatório a eles e a toda a comunidade de Israel, e lhes mostraram os frutos da terra.

27. E deram o seguinte relatório a Moisés: Entramos na terra à qual você nos enviou, onde manam leite e mel! Aqui estão alguns frutos dela.

28. Mas o povo que lá vive é poderoso, e as cidades são fortificadas e muito grandes. Também vimos descendentes de Enaque.

29. Os amalequitas vivem no Neguebe; os hititas, os jebuseus e os amorreus vivem na região montanhosa; os cananeus vivem perto do mar e junto ao Jordão.

30. Então Calebe fez o povo calar-se perante Moisés e disse: Subamos e tomemos posse da terra. É certo que venceremos!

31. Mas os homens que tinham ido com ele disseram: "Não podemos atacar aquele povo; é mais forte do que nós.

32. E espalharam entre os israelitas um relatório negativo acerca daquela terra. Disseram: A terra para a qual fomos em missão de reconhecimento devora os que nela vivem. Todos os que vimos são de grande estatura.

33. Vimos também os gigantes, os descendentes de Enaque, diante de quem parecíamos gafanhotos, a nós e a eles.<sup>163</sup>

A geração anterior dos hebreus ficou condicionada ao trabalho compulsório no Egito. A narrativa bíblica pouco registrou sobre enfrentamentos no deserto durante sua peregrinação rumo à Canaã. Sabe-se que eram um povo pastoril. O que os fez travar as guerras de dominação sobre os cananeus, conforme as discussões e o debate entre os protagonistas da citação acima, foram fatores religiosos, como a crença que Javé lhes daria a vitória, mesmo com desvantagem numérica, de estatura, força, treinamento militar e proteção das fortificações que os inimigos tinham. Temos como exemplo os muros da cidade de Jericó, que segundo a arqueologia, tinham dez metros de altura, por quatro metros de largura.

A crença no sobrenatural, na divindade, sistematizada pelos ritos religiosos, comporiam a força moral que os homens precisam diante das adversidades do combate. Nessa chave interpretativa, os homens a buscam, esperando escapar da morte iminente e obter a vitória.

O povo hebreu é singular no monoteísmo ético da antiguidade oriental, mesmo assim, a fórmula para uma bem sucedida guerra podia se repetir entre os povos politeístas.

Assim, entre várias religiões politeístas, era comum a existência de um deus responsável pela guerra. É o caso de Ares ou Atena, na mitologia grega; também de Marte para os romanos. E de Hórus entre os egípcios; Odin ou Tyr para os nórdicos; Ogum na mitologia iorubá; entre muitos outros que seria possível enumerar. E, tanto entre

---

<sup>163</sup> **BÍBLIA Sagrada.** AT. Tradução de José Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Vida, 2000. Nm.13:1-33 Nova versão Internacional, p. 188.

monoteístas como politeístas, consultava-se o Além para indagar sobre o sucesso ou fracasso em atividades bélicas. Recorde-se o rei Saul, que consultou a pitonisa de En-Dor, para invocar o profeta Samuel e saber sobre a batalha onde enfrentaria os filisteus. Ou o general Leônidas de Esparta, por ocasião das guerras Médicas, que consultou o Oráculo de Delfos, para saber se conseguiria derrotar os persas com apenas 300 homens.

Ainda sobre o entrelaçamento entre ações bélicas concretas e a consulta aos desígnios do Alto, cabe recordar que

O formalismo romano é a expressão mais conhecida dessas obrigações que tinham por finalidade garantir a assistência dos deuses tutelares da cidade. Para dar início a uma ação, os chefes solicitavam o conselho dos augúrios sobre a vontade dos deuses. Platão declarava: “É bom que o adivinho dê ordens ao general, e não o general ao adivinho”. Já em Plateias, Pausânias acatara a ordem da deusa Hera, como Josué e Gideão tinham obedecido às ordens de Javé. Dá mesma forma, a paz era concluída em nome dos deuses.<sup>164</sup>

Não apenas para entrar na guerra ou saber sobre seu desfecho, a religião celebrava os resultados das atividades bélicas: rituais eram conduzidos para agradecer vitórias em batalhas. Jefté, juiz sobre Israel, prometeu a Javé um sacrifício de adoração se vencesse a guerra contra os amonitas. A vitória foi alcançada e o sacrifício cumprido.<sup>165</sup> As histórias narradas pela Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, são ricas ao mostrar o apelo dos hebreus a Deus, como falou Corvisier “Nada impede o Eterno de dar a vitória ao pequeno ou ao grande. A invocação ao poder de Deus era constante nos combates narrados pela Bíblia. A derrota era considerada como um castigo pelas faltas cometidas.”<sup>166</sup>

Constantino, após derrotar Magêncio, que imperava em Roma, entrou vitorioso na cidade, mas recusou-se a adorar o deus Júpiter, no Capitólio, como era de costume dos imperadores, porque atribuía sua vitória a Cristo. Conta-se que, nas vésperas da batalha decisiva contra Magêncio, Constantino teve uma revelação ou um sonho em que recebeu a ordem de pôr um símbolo sobre o escudo dos soldados. Euzébio de Cesareia detalhou o relato, que se tornou tradicional e muito discutido entre historiadores, dizendo que Constantino tivera uma visão, imagem acompanhada da voz que dizia “vence nisso”. O símbolo que Constantino deveria adotar era chamado de *labarum* e consistia nas duas letras, “X” e “P”, iniciais gregas do nome de Cristo (XPISTOS), colocadas sobrepostas nos

<sup>164</sup> CORVISIER, *A Guerra...* p. 276.

<sup>165</sup> BÍBLIA Sagrada... Jz Cap. 11. p. 362.

<sup>166</sup> CORVISIER, *A Guerra...* 277.

escudos.<sup>167</sup>

Segundo o relato de Gregório de Tours, no final do século V, Clóvis, liderando os francos e em desespero, prometeu se converter ao cristianismo caso vencesse a batalha contra os alamanos, o que de fato ocorreu. Ao perceber sua força, a Igreja romana aproveitou para tornar os carolíngios seu braço armado.

A partir do século XI, as Cruzadas ilustram outro marco entre as relações da religião com a guerra. Os fiéis se lançaram em uma grande marcha, vindos de variadas regiões da Europa, para retomar Jerusalém dos muçulmanos. Obedeciam ao chamado papal, acreditando ter seus pecados perdoados e uma vida no Céu, caso morressem na peleja. O primeiro grupo, em 1096, na chamada Cruzada popular ou dos mendigos, foi constituído de homens pobres, sem experiência de combate e armados com ferramentas agrícolas. Estavam movidos pela fé porque sua missão era lutar contra os “inimigos de Deus” pela Terra Santa. Mesmo nas demais Cruzadas, excetuando-se as conhecidas motivações econômicas e políticas que envolvem o movimento cruzadista, em essência, o episódio se assemelha às crenças das guerras antigas em que os deuses de ambos os lados dariam a vitória a determinado povo.

A relação entre religião e guerra se estende ao longo da história como vimos nestas sumárias considerações introdutórias. Mesmo com as transformações dos últimos séculos, com o avanço do discurso científico e da dessacralização crescente da sociedade moderna, os homens da guerra continuam a ter a fé como referencial para manter seu equilíbrio emocional. Mesmo aqueles que não são adeptos do cristianismo, mas foram educados em regiões tradicionalmente cristãs, caso principalmente do mundo ocidental, manifestam a fé como elemento de sustento moral nos momentos mais difíceis e de desespero.

Uma mudança de postura, adquirida em relação aos tempos antigos ou ao medievo, está na preocupação em garantir a sobrevivência. No desespero da luta é isso que interessaria mais. Assim, pedidos por vitórias continuam ocorrendo por parte dos comandantes e comandados, conforme Corvisier registrou em relação à Segunda Guerra Mundial:

Em maio de 1944, o General Clark, comandante do V Exército americano diante de Roma, dirigiu esta mensagem às suas tropas: “Com a ajuda de Deus e inspirados por Ele, marchareis para vitórias tão grandes quanto decisivas”. E durante a ofensiva das Ardenas, o General Patton pediu ao capelão militar que fizesse uma oração para obter de Deus a volta de um tempo favorável. Essa oração, recitada pelos combatentes, foi atendida, e Patton condecorou o capelão.<sup>168</sup>

---

<sup>167</sup> EUSÉBIO, de Cesareia. *História Eclesiástica*. Barueri: Editora Novo Século, 2002.

<sup>168</sup> CORVISIER, *A Guerra...* p. 277.

Em suma, apesar das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, transformações essas acentuadas na modernidade, continua existindo uma ligação entre guerra e religião. Porém, nas guerras contemporâneas, observadas a diluição e particularização da prática religiosa, com número crescente de pessoas se desvinculando de laços com igrejas tradicionais, o militar enviado em combate, mesmo que de forma muito individualizada, apela à religião para lidar com a experiência-limite de lutar na guerra.

Neste sentido, e não muito distante de épocas anteriores, os exércitos contemporâneos continuam mantendo líderes religiosos que animam os homens, agindo sobre seu moral. Nas palavras de Corvisier, “Os capelães militares dão prosseguimento a essa missão, sob formas compatíveis com o Cristianismo.”<sup>169</sup>

### **2.3 MORAL – Combustível humano, força emocional para o combate e suas deficiências**

Para o historiador militar é uma aventura pesquisar a alma do soldado e o espírito das instituições militares. Mas há que arriscar-se. Porque é no comportamento individual e coletivo, em tempo de paz e na guerra que se encontrará a origem da vitória e da derrota.<sup>170</sup>

Ao historiador, não é exatamente trivial investigar aspectos da vida interior dos homens. Nesse estudo, que se insere no campo que Jean Delumeau classificou como das “sensibilidades religiosas” (seja em seus aspectos coletivos como individuais), muitas das vezes, tratar-se-á daquilo que, comumente, convencionou-se chamar de “alma” dos homens. Mas é preciso esclarecer que a alma não está ligada apenas à religiosidade. Ela seria a sede do pensamento e das emoções humanas. Também seria na alma que se encontram o moral do homem e do soldado, já que este, antes de ser militar, é um cidadão comum.

Esse moral é de singular relevância para conduzir e manter o homem no combate. Ele conserva as virtudes do caráter cívico e militar, que auxiliam o espírito de corpo e o trabalho em conjunto do grupo de combatentes. São elas as noções de lealdade, fidelidade, respeito, justiça, camaradagem, disciplina, coragem e obediência às autoridades superiores. Essas virtudes são cultivadas, com grande ênfase, nas escolas militares porque fundamentam o moral do soldado na paz e na guerra. O moral precisa ser forjado e acompanhado nos combatentes porque influenciará na vitória ou na derrota de um exército. Tais qualidades se relacionam com a ética, mas são também influenciadas pela religião. O moral para a guerra

---

<sup>169</sup> Ibid. p. 284.

<sup>170</sup> PAULA, Luiz Carlos Carneiro de. & et. al. *Tópicos Especiais: Memória e Representações Militares*. Palhoça: Unisul, 2010, p. 31.

também atinge um outro nível. O moral se traduz em uma força interior, no ânimo que deveria ser inabalável, para, após ver e sofrer o terror no teatro de operações, permanecer no combate em condições de agir e se defender.

Identificamos a relevância no estudo sobre esse moral para o combate quando, na II Guerra Mundial, Boris Schnaiderman relatou que um dos ataques a Montese, na Itália, planejado pelo comando norte-americano e que contava com a participação da FEB, foi adiado devido ao abatimento moral da tropa. A causa foi a notícia da morte do presidente Roosevelt,<sup>171</sup> líder que, desde o ataque nipônico a Pearl Harbour, evento que levou os EUA à guerra, personificou o esforço bélico em seu país. O cancelamento do ataque não se tratou apenas de medida de precaução, pois no relato de Schnaiderman, havia soldados americanos “cabisbaixos”, emocionalmente abalados, devido à divulgação da notícia. Assim, o comando das tropas americanas, no teatro de operações italiano, reconhecia a necessidade de um moral preparado para o combate, fruto de estudos e aplicação da História Militar nos Estados Unidos.

O moral também aponta para a motivação que os homens têm para o combate. Recentemente, o debate de história militar sobre o comportamento humano nas batalhas levou à conclusão de que esta motivação para o combate é um importante fator para que o soldado continue na luta, empenhando-se tanto por sua sobrevivência, quanto pela do grupo. A esse argumento está aliado a ideia tradicional da disciplina, que continua constando como o fator regente do comportamento nas situações críticas do enfrentamento no campo de batalha.<sup>172</sup>

Segundo Ardant Du Picq, o moral para o combate começou ainda na Antiguidade, quando se organizou a tática e a disciplina nos grupos direcionados à guerra. Para ter um moral elevado, o soldado precisa estar devotado ao mesmo objetivo dos companheiros que, no ápice do combate, reforçará a solidariedade com o chefe e com os demais, ou seja, construindo especial espírito de corpo, que precisa estar formado com antecedência nos homens que irão à guerra.<sup>173</sup>

Mas a inteligência se rebela contra a força. Ninguém pode enfrentar um Aquiles, mas nenhum Aquiles resistirá a dez inimigos que unam forças, que ajam em concerto. Nasce daí a tática, que prescreve com antecedência os meios de organização e de ação próprios para consertar esforços, e a disciplina, que procura assegurar a união de forças contra o esmorecimento dos combatentes. Comandar a solidariedade no combate, tomar disposições táticas para torná-la praticamente possível é contar com o devotamento de todos, é elevar todos os combatentes ao nível dos

---

<sup>171</sup> SCHNAIDERMAN, *Guerra em...* p. 191.

<sup>172</sup> KEEGAN, John. *A Face da Batalha*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000, p. 52.

<sup>173</sup> DU PICQ, Ardant. *Estudos sobre o combate*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000, p. 60 e 121.

valentes dos combates primitivos. Aparece o ponto de honra, a fuga é uma vergonha, porque não mais se está sozinho no combate contra o forte.<sup>174</sup>

A expressão “espírito de corpo” remete à coesão do grupo, refere-se ao trabalho da coletividade dos combatentes, ao quanto os homens em armas interagem, se protegem e operam as ações juntos. Para Corvisier, “O termo ‘corpo’, tomado de empréstimo ao passado exprime bem a solidariedade indispensável a todos os membros.”<sup>175</sup> Na Antiguidade, existia, nos grupos de combate dos hoplitas, entre os gregos e, depois, nos legionários romanos, uma confiança baseada no espírito coletivo, assim cada um dos combatentes era responsável em guardar a retaguarda e o flanco dos companheiros de luta. Para o mesmo autor, esta coesão de grupo, suscita “resistência nas provas”.<sup>176</sup>

Ter um moral preparado para a guerra significa que o soldado precisa lutar por um objetivo que justifique seu esforço, antes mesmo de entrar em combate. Corvisier, ao comentar sobre as guerras antigas, especificamente do povo hebreu, cita o relato bíblico, no Deuteronômio, que aqueles homens que se ocupavam em construir suas casas, dedicavam-se em suas plantações ou eram recém-casados podiam ficar fora da guerra. Inclusive, deveriam se retirar do exército aqueles que provocassem desânimo nos demais companheiros. Esse era um mecanismo para não enfraquecer o exército com homens sem motivação para a guerra.<sup>177</sup>

Os oficiais dirão ao exército: "Há alguém que construiu uma casa e ainda não a dedicou? Volte ele para sua casa, para que não morra na guerra e outro a dedique. Há alguém que plantou uma vinha e ainda não desfrutou dela? Volte ele para sua casa, para que não morra na guerra e outro desfrute da vinha. Há alguém comprometido para casar-se que ainda não recebeu sua mulher? Volte ele para sua casa, para que não morra na guerra e outro case-se com ela". Por fim os oficiais acrescentarão: "Alguém está com medo e não tem coragem? Volte ele para sua casa, para que os seus irmãos Israelitas também não fiquem desanimados".<sup>178</sup>

Mecanismos semelhantes são adotados em vários exércitos. Como foi identificado no recrutamento da FEB, os homens mobilizados, que sustentavam famílias no campo e os recém-casados foram dispensados de seguir para o teatro de operações na Itália, apesar do benefício não atingir a todos.

Ao chegar na era moderna, Napoleão registrou que a disciplina da tropa francesa a fazia superior às inimigas. Du Picq, ao interpretar registros napoleônicos, explicou que muitas

<sup>174</sup> Ibid. p. 60.

<sup>175</sup> CORVISIER, *A Guerra*. p. 313.

<sup>176</sup> Ibid. p. 314.

<sup>177</sup> Ibid. p. 298.

<sup>178</sup> BÍBLIA. Sagrada... Dt. 20.5-8. p. 280.

tropas orientais fanatizadas, como os chineses, tártaros e mongóis, consideravam a morte no campo de combate uma glória, mas no ápice do combate, diante de um inimigo disciplinado, coeso, com alta moral, desistiam porque o instinto de sobrevivência falava mais alto.<sup>179</sup>

Já segundo Keegan, se considerarmos as guerras do século XX, observa-se que o soldado mergulha em um ambiente que o leva ao extremo de sua capacidade, em situações que seriam ainda piores que das épocas anteriores, como na Antiguidade ou Idade Média. Um rodaminho de pensamentos confusos invade sua mente, levando-o a ter medo, raiva, exultação, entre outros sentimentos. Nesse momento, ele luta, em princípio, por sua sobrevivência, pois importa ficar vivo e não vencer ou perder como em uma competição, ou como o comando planejou.<sup>180</sup>

Mas apesar de lutar para salvar-se, o soldado também identifica que sua vida depende do companheiro ao seu lado e do grupo onde está inserido. Ele necessita dessa comunhão, sentir que a vida do seu companheiro depende de suas ações em combate. Para Keegan, “nesse momento só o círculo dos seus camaradas mais próximos terá assumido para ele alguma identidade extra pessoal e só pela sobrevivência deles, tão intimamente ligada à sua própria, teria certamente lutado.”<sup>181</sup>

A coesão do grupo, o espírito de corpo, são elementos que mantinham os homens vivos. O moral se reduzia quando os combatentes tratavam os problemas provocados pela guerra no individual e, não, no coletivo. Por isso, alguns ex-combatentes falam que os laços que unem os companheiros na guerra, seriam mais fortes que os de marido e mulher:

Pode parecer muito estranho, mas existe uma relação de amor nascida durante o combate, porque o bem mais precioso que você possui, a sua vida, dependendo homem ao seu lado; se for abandonado por ele, você será ferido ou morto. Se você falhar, o mesmo pode lhe acontecer, de modo que os laços de confiança precisam ser extremamente fortes. Mais fortes, diria eu, do que quase tudo, com exceção dos laços que unem pais e filhos. São infinitamente mais fortes do que os vínculos entre marido e mulher: a sua vida está nas mãos dele, você confia àquela pessoa o bem mais valioso que você possui.<sup>182</sup>

O major Coste, citado por Michel Goya, ao falar sobre o soldado de infantaria em combate durante a I Guerra Mundial, diz que “Sua habilidade pessoal não mais lhe garante a sobrevivência. Sua própria proteção precisa ser confiada a outros, pois na maioria das vezes não tem possibilidade de reagir aos golpes que recebe”.<sup>183</sup>

<sup>179</sup> DU PICQ, *Estudos sobre...* p. 120.

<sup>180</sup> KEEGAN, *A Face da...* p. 46.

<sup>181</sup> *Ibid.* p. 47.

<sup>182</sup> GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 139.

<sup>183</sup> GOYA, Michel. *A Invenção da Guerra Moderna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018, p. 295.

Sobre o espírito de corpo, formando o moral de uma tropa, Michel Goya expressou:

Quem não participou de uma campanha, não compreende com que emoção um homem de tropa diz: meu regimento, minha companhia, meu grupo. Todos pensamos em termos idealísticos: o regimento consiste em todos os homens que trazem o mesmo número de brasão, são três mil soldados (...) que participaram das mesmas ações, suportaram os mesmos sofrimentos, compartilharam os mesmos entusiasmos. A companhia, como diz o capitão, “é a grande família da qual ele é o pai”. São duas centenas de bons companheiros que conhecem o seu chefe e que seu chefe os conhece pelo nome. O grupo são os íntimos, a pequena sociedade compartilhada.<sup>184</sup>

Para o mesmo autor, os homens se sentiam moralmente obrigados no apoio recíproco quando se conheciam. E, mesmo sentindo medo, preferiam enfrentá-lo do que fugir, sendo considerados covardes diante dos companheiros com quem conviviam há muito tempo. Assim, “a obrigação moral aumentava com o grau de conhecimento mútuo.”<sup>185</sup>

Por isso, Du Picq afirmava que negligenciar o moral, que chamou de “coeficiente essencial”, seria um engano e resultaria em prejuízo para o combate.<sup>186</sup>

## 2.4 Problemas que corroem o moral em combate

Se a guerra é o estado do guerreiro, o combate, não obstante, continua sendo excepcional. Exige a tensão de todas as faculdades humanas: força, agilidade, habilidade, discernimento, reflexão e domínio de si, constância no esforço e luta contra o medo (...) seja por necessidade de defesa ou ataque.<sup>187</sup>

Porque o ato de coragem compelia à utilização de toda a reserva de força moral que existia num homem (...)<sup>188</sup>

Segundo A. M. Rosenthal, a saúde dos homens não está relacionada apenas aos sintomas físicos e aparentes, mas também às chamadas doenças da alma e principalmente à rapidez com que são tratadas.<sup>189</sup> Isso significa dizer que uma mente perturbada e sem apoio na guerra corre maior risco de morte, além de arriscar todo o seu grupo de combate.

O fenômeno da guerra impõe condicionantes que afetam o moral dos homens e abalam sua estrutura psicológica. O Marechal-de-Campo Lorde Wavell, em carta escrita a Liddel Hart, explicava que as “realidades da guerra” eram o cansaço, a fome, a falta de sono,

<sup>184</sup> GOYA, *A Invenção da...* p. 308.

<sup>185</sup> Ibid.

<sup>186</sup> DU PICQ, *Estudos sobre...* p. 121.

<sup>187</sup> CORVISIER, *A Guerra...* p. 310.

<sup>188</sup> KEEGAN, *A Face da...* p. 258.

<sup>189</sup> Apud. GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 35.

o medo e as condições meteorológicas que os homens sofriam.<sup>190</sup> A esses elementos, some-se o que Corvisier, pesquisou em relatos a partir do Séc. XVIII:

(...) A nostalgia, a saudade da terra natal, igualmente contagioso. O homem torna-se incapaz de qualquer ação. Algumas autoridades militares compreendem que se trata de uma espécie de doença e dispensam os homens por ela atacados.<sup>191</sup>

Todos esses elementos, segundo Wavell<sup>192</sup>, se tornavam a parte realmente complexa da guerra em oposição aos princípios da estratégia, da tática e da logística, cujo planejamento seria mais simples. Enfim, para o citado autor, era mais difícil saber como os homens reagiriam diante das exigências do combate do que diante de provações subjetivas. Além do treinamento físico do combatente, era preciso que sua mente, seu bem-estar psicológico e seu moral também estivessem preparados para as provações do campo de batalha e, diante da experiência traumática da guerra, estar em constante recuperação.

Apesar do treinamento e da disciplina, o medo permanece no coração dos homens porque faz parte do instinto para conservar sua vida. Nesse sentido, propõe Du Picq: “Os soldados têm emoções, medo mesmo. O sentimento do dever, a disciplina, o amor próprio, o exemplo dos chefes, sobretudo seu sangue frio os sustentam e impedem que o medo se faça terror.”<sup>193</sup>

O medo não pode se transformar em terror ou em pânico, sob risco de provocar abatimento, fuga da realidade e baixa psicológica. O pânico se traduz no descontrole provocado pelo medo de uma surpresa ameaçadora e, algumas vezes, não identificada pela tropa. Quando o próprio medo ainda não contaminou os demais homens, pode ser controlado pela coesão do grupo.<sup>194</sup>

As razões para o pânico são múltiplas, além do genérico medo da morte, ele pode ser deflagrado por motivos bem específicos como um bombardeio, ataque surpresa de tropa inimiga ou a visão dos companheiros morrendo mutilados. Segundo Corvisier, tropas cansadas, malnutridas e com falhas perceptíveis de comando são mais suscetíveis ao fenômeno.<sup>195</sup>

Homens apresentando tais sintomas dentro do grupo de combate afetam o moral de todos. Sua permanência, nesta situação, poderia levar outros ao abalo emocional. Tentativas

---

<sup>190</sup> Ibid, p. 96.

<sup>191</sup> CORVISIER, *A Guerra...* p. 309.

<sup>192</sup> Apud. GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 35.

<sup>193</sup> DU PICQ, *Estudos sobre...* p.119.

<sup>194</sup> CORVISIER, *A Guerra...* p.78.

<sup>195</sup> Ibid, p. 370.

para atenuar o surgimento de casos de pânico são realizadas por meio do preparo da disciplina das tropas e com o trabalho sobre seu moral. Outra alternativa usada pelo comando eram os planos de repouso e recuperação. Consistiam na evacuação dos combatentes com licenças para áreas específicas, distantes dos fogos por alguns dias. Para operacionalizar essa ação era necessário um rodízio de tropas. Tal operação, por vezes, se tornava inviável ou muito adiada devido às condições do combate, a movimentação de tropas no terreno ou sua geografia, condições climáticas e, ainda, a ação do inimigo. Caso esses fatores limitantes para o rodízio de combatentes não sejam contornados, o pânico e o medo podem se generalizar, podendo provocar, entre outros eventos negativos para os combatentes, a debandada da tropa.

## **2.5 O esgotamento do moral provocado pelo medo de matar e de morrer: agentes provocadores de baixas psiquiátricas**

Normalmente, calculam-se os prejuízos materiais de uma guerra. As vidas perdidas são mensuradas em estatísticas, mas é costume ignorar o sofrimento humano que constituiu a pior das consequências de uma guerra.

Alfred de Vigny, abordado por John Keegan, em *Soldiers*<sup>196</sup>, entendeu que os militares sofriam duas vezes, como vítimas e como carrascos. Os combatentes correm o risco de serem feridos ou de morrer e também ferem e matam.

### **2.5.1 O medo de matar**

Para Dave Grossman, oficial do Exército norte-americano e professor de Psicologia da Academia Militar de West Point, a maior parte das baixas ocorre porque os soldados se sentem responsáveis pela vida dos demais companheiros e, principalmente, pelo peso do ato de matar. Para o autor, uma das lições a ter claro é que “matar é a própria essência da guerra, e o ato de matar em combate, por sua própria natureza, causa profundas feridas de dor e culpa.”<sup>197</sup>

Mesmo sob diversas justificativas, como o matar institucional, autorizado pelo Estado e pela sociedade, ou sob a alegação de que se mata para não morrer, o ato de matar continua sendo contrário à essência humana. Em sua obra, Grossman relatou vários casos de ex-combatentes que sofriam de problemas psiquiátricos em decorrência do ato de matar em combate. A baixa psiquiátrica consiste no combatente “ficar debilitado durante algum tempo,

---

<sup>196</sup> KEEGAN, John. *Soldiers: A history of Men in Battle*. Nova York: Viking Press, 1986.

<sup>197</sup> GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 143.

em consequência das agruras da vida em campanha.”<sup>198</sup> As agruras citadas pelo autor são as mesmas que, antes, levam ao esgotamento do moral e que serão exploradas a seguir.

Para se ter um exemplo da dimensão do problema, Grossman explica que:

Durante a Segunda Guerra, mais de 800 mil homens receberam a classificação 4-F (incapaz para o serviço) por motivos de ordem psiquiátrica. Apesar dos esforços em eliminar os incapazes do ponto de vista mental e emocional, as Forças Armadas norte-americanas sofreram 504 mil baixas adicionais em razão de colapsos nervosos – efetivo suficiente para formar 50 Divisões! Em determinado momento durante o conflito, as baixas psiquiátricas chegaram a ultrapassar o número de recrutas convocados.”<sup>199</sup>

Como os combatentes chegam ao esgotamento do moral e a baixa psiquiátrica? Existem entradas e saídas morais, como em um gasto e reabastecimento. Uma derrota ou uma vitória destroem e constroem, respectivamente, o moral dos homens. Porém, em uma guerra, as saídas de moral são mais numerosas que as entradas e, por isso, os homens sofrem o desgaste e se tornam doentes. Nessa, digamos, “contabilidade psicológica” entre triunfos alentadores e traumas decorrentes da violência intrínseca do conflito, o tempo de exposição à guerra é de grande importância. Segundo os estudos de Grossman, o problema está no tempo em que o homem permanece diretamente no combate<sup>200</sup> e, portanto, no envolvimento de suas consequências. Na Segunda Guerra, era comum que essa permanência se estendesse por oitenta dias no Exército norte-americano. As pesquisas, no entanto, revelam que 60 dias são suficientes para transformar 98% dos combatentes em baixas psiquiátricas. Os 2% restantes eram propensos a serem doentes psiquiátricos antes mesmo de entrarem no combate.<sup>201</sup>

A fadiga em combate, quando chega ao extremo, é chamada de peso da exaustão. A falta de sono e as condições climáticas já foram abordadas no primeiro capítulo deste estudo. Falta ainda a contribuição de dois graves elementos: a excitação da atividade fisiológica e a fome.

O corpo, para garantir a sobrevivência, canaliza toda a sua energia para escapar do perigo, inclusive as necessárias para os sistemas digestivo e excretor. Por isso, é comum o combatente urinar e, dependendo da situação, até defecar sem controle nos momentos mais críticos do combate. Quando se recupera ou sai do ápice, o preço a pagar por toda essa descarga de energia apresenta-se sob a forma de um cansaço e sono incontroláveis.<sup>202</sup>

Comida fria, inapropriada, falta de apetite e, no extremo oposto, a fome, principalmente devido ao desabastecimento das tropas, também contribuem diretamente para a fraqueza e o

---

<sup>198</sup> Richard A. Gabriel, citado por Grossman, p. 88.

<sup>199</sup> Ibid.

<sup>200</sup> GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p 89.

<sup>201</sup> Ibid., p. 95.

<sup>202</sup> Ibid., p. 118.

esgotamento do moral. O general inglês Bernard Fergusson afirmou “que a falta de alimentação constitui, isoladamente, o mais poderoso ataque ao moral (...) Além dos efeitos meramente químicos sobre o corpo, ela acarreta consequências calamitosas para a mente.”<sup>203</sup>

Nesse quadro de exacerbação das dificuldades, várias são as manifestações de doenças psiquiátricas. Para Richard A. Gabriel, os principais sintomas, verificáveis historicamente em várias campanhas bélicas, são a fadiga, a confusão mental, histeria, ansiedade e os distúrbios de personalidade.

Os estados de ansiedade, por exemplo, podem ser caracterizados da seguinte forma:

Sensação de absolutas exaustão e tensão, impossíveis de serem mitigadas pelo sono ou repouso e que degeneram na incapacidade de concentração. Quando consegue dormir, o combatente acorda em meio a terríveis pesadelos. Ao final, ele se torna obcecado pela morte e em meio a terríveis pesadelos. Se torna obcecado pelo medo de fracassar ou de os homens de sua unidade descobrirem sua covardia. A ansiedade generalizada pode facilmente transformar-se em completa histeria. Frequentemente, ela se faz acompanhar de dificuldade de respiração, fraqueza, dores, visão embaçada, vertigens, distúrbios do sistema vasomotor e desmaios.<sup>204</sup>

Para Gabriel, existem variadas combinações de sintomas pelos quais se pode identificar os doentes psiquiátricos. “O principal ensinamento a se retirar dessa cantilena de doenças mentais é a compreensão de que, após alguns meses em ação continuada, quase todos os homens apresentarão alguns sintomas de estresse de combate.”<sup>205</sup>

Grossman concorda com as várias causas que, conjuntamente, corroboram para provocar os problemas psiquiátricos na guerra, mas apresenta, em contribuição, o peso do ato de matar, elemento esperado nos combates, mas nem sempre estudado sob o aspecto de seu prejuízo ao emocional de seus atores.

A resistência ao ato de matar ocorre devido a variados fatores. Em termos evolutivos, matar é algo evitado na natureza e tal interdito pode ser observado na luta daqueles que pertencem a mesma espécie. Trata-se de um mecanismo para permitir a continuação da espécie. Culturalmente, até a religião impede o homem de praticar o assassinato, e seu ensino, enquanto mandamento religioso e moral, está presente em qualquer sociedade. Para William Manchester, ex-combatente, matar, mesmo no combate, é contra tudo o que ele havia aprendido em sua vida. Matar, em síntese, vai contra todos os princípios que aprendemos e interiorizamos desde o nascimento. É um princípio reforçado pelo Cristianismo, princípio ainda válido mesmo entre aqueles que não se dizem cristãos, mas foram educados em seus

---

<sup>203</sup> Ibid., p. 120.

<sup>204</sup> Ibid., p. 92.

<sup>205</sup> Ibid., p. 93.

valores.

Para o pensador italiano Gianni Vattimo,<sup>206</sup> a cultura judaico-cristã é responsável, em grande parcela, pela formação do Ocidente e está profundamente arraigada em seu modo de vida. Os valores cristãos são o amor, a caridade, o perdão, e, entre outros, o repúdio a matar, mesmo na guerra. Os homens aprendem muitos desses princípios na tradição cristã. Novalis, já em 1799, publicou sua obra, sob o título de *O Ocidente ou a cristandade*,<sup>207</sup> afirmando que a Europa é constituída pela tradição cristã, mesmo que, hoje, fale-se num “cristianismo secularizado”, seja no Velho Continente, seja em toda sociedade ocidental.

Não apenas Grossman, mas outros estudiosos observadores da guerra, como William Manchester, S.L.A. Marshall, Milton Mater<sup>208</sup>, e Ardant Du Picq, no século XIX, já citados neste estudo, conviveram nos campos de combate e observaram um fenômeno inusitado – os chamados “não-atiradores”. Para exemplificar o fenômeno dos não-atiradores, Grossman recorda que, na Guerra Civil Americana, em especial na batalha de Gettysburg, foram encontrados 27.574 mosquetes abandonados e carregados. O número equivale a 90% das armas em posse dos soldados. Não é razoável imaginar que todos tenham sido atingidos pelo fogo do inimigo quando estavam carregando, pois teríamos também 90% daquele efetivo morto, número impropriedade e não registrado pela documentação naquele combate. Assim que, se muitos fuzis foram encontrados carregados, no caso de número significativo dessas armas, seus donos não as usaram contra o inimigo.<sup>209</sup>

O fenômeno ficou patente nos relatos de veteranos da Primeira Guerra Mundial. Ao entrevistar um desses ex-combatentes, o coronel Milton Mater relatou o seguinte: “Fiquei admirado ao descobrir que a experiência mais marcante em sua mente era a existência de soldados que não atiravam.”<sup>210</sup> O mesmo coronel ouviu de outro depoente, em aula no Centro de Preparação de Oficiais (CPOR), em 1937, portanto, antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial, que “os não-atiradores seriam um problema em qualquer guerra no futuro.”<sup>211</sup>

De fato, o fenômeno se repetiu na Segunda Guerra, pois as pesquisas de Marshall, feitas por meio de entrevistas com os soldados logo após os combates, revelou que 80 a 85% dos homens não atiraram no inimigo. Qualquer outra atividade era preferível, como ajudar feridos ou remunciar as armas dos companheiros. Quando participou, ainda da Primeira Guerra, Marshall relatou que os homens demonstravam grande alívio das tensões quando saíam da

<sup>206</sup> GIANNI Vattimo. *Depois da Cristandade*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

<sup>207</sup> O Ocidente ou a cristandade. Atualmente está publicado sob o título *A Cristandade ou a Europa*.

<sup>208</sup> Citados e referenciados no capítulo anterior. Suas pesquisas foram usadas na obra de GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 59, 66, 69, 85

<sup>209</sup> GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 66 e 67.

<sup>210</sup> *Ibid.* p. 73.

<sup>211</sup> *Ibid.*

frente de combate, em virtude de suas transferências para setores de menor envolvimento com o combate direto. A razão, para tanto, não estava na sensação de maior segurança, mas em não ter mais a pesada responsabilidade de ter que matar.<sup>212</sup>

Vale acrescentar que os não-atiradores, impossibilitados de combaterem por razões de consciência ou mera impossibilidade de matar, também sofriam as pressões de sua própria consciência por acreditarem que não estavam cumprindo suas responsabilidades com os companheiros, superiores, ou não estarem contribuindo para o sucesso do grupo e da missão que lhes fora destinada.

E o quadro descrito pelos especialistas se complexifica: encontramos homens que encenam no campo de combate. Para Grossman, a dicotomia tradicional de que, na guerra, as opções são apenas lutar ou fugir é redutora ou incompleta, posto que, no teatro de operações, há ainda os casos de encenação e submissão. O autor conduz suas análises a partir da observação do mundo animal. Nele, quando há uma luta entre feras da mesma espécie por território, por exemplo, uma das partes encena agressividade ou se submete e foge. Na guerra, algo semelhante aconteceria, pois, muitos homens atiram propositalmente acima dos alvos. Dessa forma, encenando envolvimento no combate, envolvimento não efetivo, para não matar.

Em 1860, Du Picq distribuiu questionários para os oficiais franceses. Em uma das respostas, um oficial relatou que “bom número de soldados atirava para o ar, a longas distâncias”, enquanto outro dizia que “determinado número de nossos soldados quase atira para o ar, sem fazer pontaria, com a aparente intenção de se auto impressionarem, de se inebriarem com os tiros durante essa avassaladora crise.”<sup>213</sup> Du Picq, portanto, se tornou um dos primeiros a documentar o fenômeno.

A encenação podia chegar a casos-limite, como no de fuzilamento de colegas de farda. Um dos soldados que fazia parte do pelotão de fuzilamento, na Primeira Guerra Mundial, orgulhou-se, durante toda sua vida de ex-combatente, de nunca ter matado um prisioneiro. Sempre que seu grupo recebia a ordem de “fogo”, sua arma estava ligeiramente apontada para longe do alvo humano.<sup>214</sup> Os homens do pelotão de fuzilamento exerciam uma espécie de função de executor que, na era das armas de fogo, possibilitava nossa testemunha encenar para fugir da obrigação de matar.

Keegan nos informa que, na Índia, “os executores públicos constituem uma classe desprezada e marginalizada.”<sup>215</sup> Poderíamos falar de uma cultura exótica aos olhos da cultura

---

<sup>212</sup> Ibid., p. 75.

<sup>213</sup> Ibid., p. 52.

<sup>214</sup> Ibid., p. 57.

<sup>215</sup> KEEGAN, *A Face da...* p. 293.

ocidental? A resposta é não, pois o mesmo autor afirma o seguinte sobre a França e a Inglaterra:

Mesmo na França pré-revolucionária, tal profissão [executor público] tornara-se praticamente hereditária – a família Sanson exerceu-a duramente sete gerações – e os carrascos a quem faltava um refúgio familiar eram alojados em cabanas abomináveis, só se atreviam a entrar nas cidades para realizarem o seu trabalho e mesmo então tinham de ter uma escolta, pois caso contrário a sua segurança correria perigo. Na Inglaterra do século X, tal profissão também foi monopolizada, até sua abolição, por uma única família os Pierrepoints – segundo um deles, monopólio conquistado em árdua competição, disputada entre pessoas da mais baixa condição, conforme declaração da mesma testemunha.”<sup>216</sup>

Vários são os exemplos que Grossman explora em seu trabalho sobre o ato de matar em combate, até que ele chegue à afirmação: “a verdade nua e crua é que, ao enfrentar um oponente vivo, que respira, em vez de defrontar-se com um alvo, uma significativa maioria dos homens lança mão da encenação e dispara sobre as cabeças do inimigo.”<sup>217</sup>

Os soldados que assim procediam faziam parte de tropas com bom treinamento, mas encenar, enganando seus superiores, e buscar refúgio na falsa incompetência militar, garantia-lhes a consciência tranquila. Desta forma, conseguiam evitar o desgaste que, posteriormente, poderia provocar sua baixa psiquiátrica. Nesse sentido, estima-se que combatentes que se esquivavam do ato de matar sofriam menos a incidência de doenças psiquiátricas. Grossman sustenta sua ideia comparando diferentes classes de personagens que atuaram nas guerras, como militares ou civis.

Pouco antes do eclodir da Segunda Guerra Mundial, psicólogos e estrategistas previam que ataques aéreos sobre centros urbanos provocariam uma massa de homens, mulheres e crianças desorientados, inertes como zumbis, devido aos traumas provocados pela chuva de bombas sobre seus lares. A destruição, a morte ou a mutilação de amigos e parentes, provocaria um impacto maior sobre os civis do que nos combatentes, porque estes últimos tinham o treinamento para melhor resistir às provações e não se tornarem facilmente doentes psiquiátricos. As populações na Inglaterra e na Alemanha, mesmo atingidas por grandes bombardeios aéreos, não responderam como esperado e as previsões não se cumpriram, apenas a indignação contra o inimigo aumentou.

Pesquisas posteriores ao fim da guerra comprovaram que não houve surtos psiquiátricos em massa, nem tampouco aumento significativo dos problemas psiquiátricos, com exceção dos predispostos a eles. Por importante, seja frisado: essas populações de civis bombardeados

---

<sup>216</sup> Ibid, p. 294.

<sup>217</sup> GROSSMAN, *Matar, um estudo...* p. 54.

foram vítimas impotentes da guerra e, mesmo considerando-se o natural medo de morrer, tais pessoas não tinham a responsabilidade de matar.

O médico militar Lord Moran percebeu que, nos modernos navios que atuaram na Segunda Guerra Mundial, não havia doentes psiquiátricos. Ao contrário disso, há registros históricos que apontam para a existência de problemas psíquicos entre tripulações de navios de combate mais antigas. Era o tempo no qual os marujos envolviam-se em batalhas navais nas quais se praticava a arpoação, a abordagem e invasão do navio inimigo, seguindo-se, daí, o combate corpo-a-corpo. Já nos navios modernos, o ato de matar não tem a mesma ação emocional e psicológica de antes porque os marinheiros atiram usando novas tecnologias que permitem que o alvo esteja à longa distância, longe dos olhos. Mesmo sabendo que se atinge homens em outro navio, submarino, ou aeronave, esses alvos são como objetos mecânicos. Para a consciência de quem opera o disparo, é outro navio afundado, um avião derrubado, um porto destruído. Assim, os marinheiros ficam psicologicamente protegidos porque não vêm a morte do semelhante. O mesmo se verifica com os pilotos dos modernos aviões de guerra na era a jato.<sup>218</sup>

Militares capturados, ao se tornarem prisioneiros de guerra, não se transformavam em doentes psiquiátricos porque, segundo Grossman, não tinham mais nenhuma responsabilidade de matar, estavam, inclusive, desarmados. Sua subsistência era provida pelo inimigo. Seus guardas, sim, corriam o risco de desenvolverem problemas psiquiátricos devido à tensão a que estavam submetidos, principalmente quando tinham que matar.

Os oficiais dificilmente se expõem aos problemas psiquiátricos, mesmo estando submetidos às tensões e desgaste emocional. Na Primeira Guerra, a probabilidade de um oficial britânico, por exemplo, se tornar doente psiquiátrico correspondia à metade, quando comparado com os praças. Os oficiais emitem as ordens para atirar e matar o inimigo, mas não matam diretamente, com exceção da necessidade da própria defesa.

Com o treinamento, mas sem a experiência real, todos parecem excitados a matar. John Keegan narrou a experiência de um combatente nas seguintes frases:

Muitos oficiais temporários, e alguns de carreira, pelo menos nas primeiras fases da guerra, procuravam não matar. Geenwell descreve a excitação que sentia em ver realmente um soldado alemão o que era raro; quando viu um pela primeira vez ao alcance do seu fuzil de tiro de precisão, entregou a arma a um sargento para realizar a proeza. Nós não queremos ser mortos nem queremos matar.<sup>219</sup>

Celso Furtado, ao recordar sua experiência como oficial de ligação da FEB junto ao 5º

---

<sup>218</sup> Grossman, *Matar, um estudo...* pp. 100-110.

<sup>219</sup> KEEGAN, *A Face da...* p 258.

Exército Americano, contou episódio revelador. Em certa ocasião, durante a campanha no teatro de operações italiano, ele estava instalado em uma casa, dormindo na companhia de outros militares quando percebeu alguém transitando pelo cômodo. Continuou despreocupado, pensando tratar-se de algum dos proprietários do imóvel que os acolhera. Alguns minutos após a saída do transeunte, ouviu um tiro em frente à casa. Todos correram e Furtado descobriu que o visitante, que antes estivera em seu quarto, era um alemão, combatente que, em vez de matar os inimigos adormecidos, preferiu o suicídio.<sup>220</sup> Para Furtado “o pavor é um sentimento tão profundo e tão total que santifica.”<sup>221</sup>

Keegan observou que os oficiais, ao longo da história das batalhas, portam menor capacidade de fogo do que os soldados, enquanto usam uma pistola, os demais combatentes estão com metralhadoras,<sup>222</sup> mostrando que sua responsabilidade no combate não é matar.

O reconhecimento, geralmente em forma de condecorações, que os combatentes recebem dos superiores, da instituição e do Estado, são provas de que suas ações foram as mais corretas possíveis e que não deveriam ter agido diferente. A entrega das medalhas ocorre em grandes formaturas cerimoniais, na presença dos companheiros, porém, normalmente após a guerra. Durante o combate o local de refúgio para a alma dos homens é no divino.

Diferente dos combatentes de armas, outras classes de oficiais como médicos, paramédicos e capelães, não se tornaram doentes psiquiátricos, o que é facilmente compreensível quando atentamos para suas missões no campo de combate: atender aos feridos, levar alento, esperança, e salvar vidas em meio a tantas perdas.

Os horrores da guerra, as pressões impostas pelo combate, juntam-se à obrigação de adotar um comportamento agressivo e mortal contra o inimigo que não se odeia. A resistência ao ato de matar torna-se um mecanismo para fugir do sentimento de culpa. Para Grossman, aqueles que matam ficam expostos a se tornarem doentes psiquiátricos. No entanto, o medo de morrer também precisa ser levado em consideração.

### **2.5.2 O medo de morrer – refletindo sobre a contribuição de Philippe Ariès**

As tropas que chegavam ao teatro de operações sentiam o natural medo de morrer, estando ou não com seu treinamento concluído. A novidade de se expor à realidade do combate os atemorizava. O medo da morte é um relevante ingrediente produtor de desgaste

---

<sup>220</sup> FURTADO, Celso. Org. D’Aguiar, Rosa Freire. Arquivo Celso Furtado: anos de formação, Capítulo 6 - *Os ares do mundo europeu, 1938-1948*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, pag. 26 e 27.

<sup>221</sup> Ibid., p. 52. Acredito que Furtado fala em santificação não pelo suicídio do adversário e, sim, por sua recusa em matar inimigos adormecidos.

<sup>222</sup> KEEGAN, *A Face da...* p. 294.

moral. Quando essa força moral se esgota, em termos anímicos, o homem enfrenta a crise decorrente da exposição ao risco continuado de morrer.

O medo de morrer por ato de violência tornou-se uma impressão fixa, marcada no consciente humano. Existe mais medo de morrer através de agressões nas mãos de um possível inimigo, do que por doenças, quando, na verdade, a proliferação das doenças fatais é uma ocorrência mais comum do que os assassinatos.

Para entender o medo de morrer precisamos considerar a obra de Philippe Ariès, *História da Morte no Ocidente*. Nesta obra, Ariès estudou, no período que se estende da Idade Média ao século XX, as atitudes do homem diante da morte.

Ainda no século XII, a ideia da morte não provocava o terror que atualmente desperta nos homens porque era a extinção física algo esperado e conforme o ciclo da própria vida, uma passagem da qual ninguém poderia escapar. Havia uma “concepção coletiva de destinação”.<sup>223</sup>

Próximo de seus momentos finais, o moribundo geralmente chamava ao leito seus familiares, amigos e vizinhos para, publicamente, se despedir. Narrava um resumo de sua vida, pedia perdão aos presentes e, em ato religioso, suplicava a misericórdia de Deus. Para Ariès, esse processo ocorria e era aceito com serenidade, por isso usa a expressão “morte domada”.

“(…) a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático, ou gestos de emoção excessivos.”<sup>224</sup>

“Não quero dizer com isto que anteriormente a morte tenha sido selvagem, e que tenha deixado de sê-lo. Pelo contrário, quero dizer que hoje ela se tornou selvagem.”<sup>225</sup>

“Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la, nem em exaltá-la. Simplesmente a aceitava, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor.”<sup>226</sup>

As transformações começaram a ocorrer, de forma lenta e gradual, a partir do século XIII. Em se tratando das crenças cristãs primitivas, aquele que morria aguardava o retorno do Messias. Na nova concepção, mais para o final da Idade Média, o moribundo se aproximava do julgamento final.

O movimento de mudança da concepção coletiva em relação ao morrer foi ainda estimulado pelo desenvolvimento, na Baixa Idade Média, da ideia de indivíduo, introduzindo-

<sup>223</sup> ARIÈS, *História da...* p. 29

<sup>224</sup> Ibid., p. 21.

<sup>225</sup> ARIÈS, *História da...* p. 22.

<sup>226</sup> Ibid., p. 29.

se diferenciação, inclusive social, entre os homens. Durante os primeiros séculos do período medieval, a prática funerária comum estabelecia que os restos mortais deveriam ser colocados o mais próximo possível dos ossos dos santos ou de uma igreja. A ênfase era na proximidade desejada a local sacralizado, não se registrando a individualização dos jazigos. Tal ocorre a partir do século XIII, quando as pessoas mais ricas começaram a construir seus túmulos com placas de identificação. Através de sua morte, o homem proclamava sua individualidade, conceito até então não elaborado: “Desde meados da Idade Média, o homem ocidental e rico, poderoso ou letrado reconhece a si próprio em sua morte – descobriu a morte de si mesmo.”<sup>227</sup>

No século XVIII, tais transformações se aprofundam. A morte, antes familiar ao ser humano, se torna tensa em um movimento que passa a ser dramático. Ariès trabalha com a ideia de ruptura, pois o homem é retirado da normalidade do seu cotidiano e desenvolve uma aversão, principalmente à morte do outro, porque se torna objeto de lembrança e saudade: “(...) os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro.”<sup>228</sup>

Gradativamente, a morte foi se tornando objeto de interdição. Segundo Ariès, a partir dos anos de 1930, a morte passou a ter lugar nos hospitais onde o moribundo está cercado por técnicos. O que se esconde é a mais forte emoção ou a dramaticidade. A morte passa a ser escondida dos olhos da sociedade ou interdita, como chamou Ariès. Tal concepção tem o objetivo de manter a felicidade coletiva dos vivos, como o próprio autor expressou:

“Uma causalidade imediata aparece prontamente: a necessidade da felicidade, o dever moral e a obrigação social de contribuir para a felicidade coletiva, evitando toda causa de tristeza ou aborrecimento. (...) Demonstrando algum sinal de tristeza, peca-se contra a felicidade, que é posta em questão, e a sociedade arrisca-se, então, a perder sua razão de ser.”<sup>229</sup>

Na modernidade, para Ariès, graças à ideia de progresso contínuo associado aos novos tempos, morrer significa perder algo, privar-se das inovações e comodidades que o futuro pode trazer. Pensamento impossível de ser observado em sociedades onde a mudança tecnológica e as inovações, no espaço de uma geração, eram muito pouco observáveis, como é o caso da Idade Média. Daí, para a sociedade nossa contemporânea, a morte significa, mais que nunca, perda. Perda da promessa de felicidade remetida ao porvir, perda pela negação de futuro àquele que vai morrer.

---

<sup>227</sup> Ibid., p. 38.

<sup>228</sup> Ibid., p. 45.

<sup>229</sup> ARIÈS, *História da...* p. 56.

Isso posto, cumpre retornar a nosso foco principal. As tropas em guerra são como uma representação da comunidade que as enviou. Ela interage e sente profundamente a perda de seus membros.

Se a comunidade temia a passagem da morte e sentia assim a necessidade de se recuperar, era não só porque a perda de um de seus membros a enfraquecia, como também porque a morte, a de um indivíduo ou a repetida, de uma epidemia, abria uma brecha no sistema de proteção erguido contra a natureza e sua selvageria.<sup>230</sup>

A presente abordagem sobre as ideias de Ariès foram para uma maior compreensão de que o medo da morte é um relevante ingrediente produtor de desgaste moral.

No ambiente de guerra, a morte, seja individual ou coletiva, abala, impacta e impõe-se com sua ferocidade de violência física nas vítimas fatais e no emocional dos que permanecem vivos. Os combatentes parecem deixar seus mortos para trás no campo e parecem estar acostumados a ver os corpos sem vida, mas a rápida passagem ocorre devido às manobras para escapar dos bombardeios. Os corpos que ficaram para trás estão apenas distantes de sua visão temporária, pois os efeitos psicológicos já foram gravados e permanecerão carregados no seu íntimo.

No desenrolar da guerra, não há tempo para o luto, que permitiria aos homens descarregarem o emocional e se despedirem dos companheiros. Os ritos religiosos servem como uma forma de recuperação do moral da tropa, abalado pela morte do outro, se nesse momento, ele ocorresse conduzido pela ação da Assistência Religiosa, através do capelão.

A aplicação, no campo de combate, da extrema unção pode apontar para uma tentativa do cristianismo em domar a morte, oferecendo ao moribundo a esperança de uma passagem tranquila para um mundo melhor.

Mesmo encarando a morte diariamente, os homens conseguem manter a fé em um auxílio divino, que os ajuda nos momentos mais difíceis, ou na hora da própria morte. Ariès utilizou pesquisas realizadas entre os anos de 1965 a 1972, que concluíram que, mesmo diante do decréscimo da esperança de sobrevivência, a fé permanece ou, ao menos, resiste mais tempo, principalmente em regiões de populações cristãs e, sobretudo, entre os jovens.<sup>231</sup> Observemos que os jovens são os principais atores da guerra.

As análises feitas revelam elementos que minavam a força moral dos combatentes, até estes ficarem emocionalmente abalados a ponto de se tornarem doentes psiquiátricos. O contato constante e intenso com a morte poderia ser amenizado com as ações do Serviço de

---

<sup>230</sup> Id. *O Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 659.

<sup>231</sup> ARIÈS, *História da...* p. 626.

Assistência Religiosa, que se expressava no trabalho do capelão militar. Esse trabalho tornava-se relevante como reabastecimento do moral dos homens, antes e após os momentos cruciais da guerra. Essa ação de socorrer a tropa, levantando o moral individual e coletivo dos combatentes, ação efetuada pela capelania militar, é o que analisaremos no próximo capítulo.

### CAPÍTULO 3

## O APEGO AO SAGRADO, A DEVOÇÃO DOS MILITARES E O TRABALHO DO CAPELÃO NA GUERRA

Nos momentos que antecedem a guerra, os homens, conscientes das agruras e do terror que irão enfrentar, têm a tendência de recordar do divino como uma opção para retornarem vivos para casa. Seus parentes e amigos, ao enviar seus entes queridos para o teatro de operações, muitas vezes, evocam esse sentimento e o suscitam dentro do soldado. É uma forma de preparação para a singularidade do momento. No combate, contempla-se a todo instante a face da morte e o medo que ela produz, interiorizado pelos sentidos, fica registrado profundamente nos homens. A esperança de sobrevivência é cultivada na fé no divino.

Oh! Deus, fique ao meu lado! A noite é escura  
A noite é fria e minha tênue chama de coragem se apaga.  
A noite é longa.  
Oh! Deus, fique ao meu lado e faça-me forte. <sup>232</sup>

Conforme relato de Junius, veterano da guerra do Vietnã, havia uma expectativa, baseada na fé, de que Deus sustenta os homens quando esses não conseguem mais sustentar-se com suas próprias forças. Essa fé viva e íntima contribui com a preparação anterior que o militar recebeu em sua cultura ou, principalmente, nos trabalhos desenvolvidos pela religião.

Segundo Michael Snape<sup>233</sup>, nos campos de combate, existia uma máxima de que “não existem ateus nas trincheiras”<sup>234</sup>, expressão confirmada por diversos oficiais, principalmente por capelães, tamanho a necessidade do apoio espiritual que os combatentes necessitavam.

Nesse sentido, não se trata de condenar ideologicamente ou justificar as exigências da guerra usando a religião, mas de sustentar o combatente na duração dos eventos que, conforme os relatos já mencionados nas memórias dos ex-combatentes, são extenuantes.

Como dito mais acima, o fenômeno da guerra sempre esteve presente em todas as sociedades atravessando tempo e espaço, provocada por variados motivos. A religião não impediu suas ações, mas ao contrário do que se possa pensar, ela mantém-se presente em todo o tempo, fosse por meio dos deuses antigos, ou nos tempos modernos com o acompanhamento dos serviços de assistência religiosa.

---

<sup>232</sup> Escrito por Junius, veterano da guerra do Vietnã. Apud GROSSMAN, *Matar...* p. 132.

<sup>233</sup> SNAPE, Michael. *God and the British Soldier: Religion and the British Army in the Era of the Two World Wars*. New York: Routledge, 2005.

<sup>234</sup> PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na Guerra*. Curitiba: CRV, 2017, p. 162.

### 3.1 Considerações sobre as experiências do trabalho religioso em guerras

Quando John Keegan escreveu sobre a batalha de Azincourt, ocorrida em 1415, confronto importante para o desenrolar da Guerra dos Cem Anos, expressou que “o apoio da religião, constituía um outro forte incentivo”.<sup>235</sup> Para o mesmo autor, “matar legalmente, por outro lado, era um ato que os preceitos religiosos admitiam especificamente, dentro dos limites da guerra justa”.<sup>236</sup> Tal ideia está confirmada nos relatos bíblicos sobre as guerras de Israel e nas Cruzadas, por exemplo, e já tratadas no capítulo anterior desse estudo. Os eventos deixam claro que, quando necessário, a matança na guerra era permitida, mesmo sob a ótica religiosa.

No entanto, o apoio da religião sobre o moral dos combatentes, fato que nos interessa, é expressada mais uma vez por Keegan quando observou que:

O próprio Henrique assistira três missas sucessivamente antes da batalha, e comungou, tal como devem ter comungado a maior parte dos seus subordinados; havia, aliás, um pequeno exército de padres na expedição. Os soldados invocavam ritualmente a bênção divina antes de sentarem praça, ajoelhando, fazendo o sinal da cruz e levando terra à boca como gesto simbólico da morte e sepultamento que, desse modo, aceitavam.<sup>237</sup>

Três ideias são percebidas: primeiro a presença do próprio rei na guerra se traduz em um fator moral que animava os homens, pois seu chefe maior estava presente; segundo, havia um grande número de capelães para dar assistência à tropa, representavam uma ligação, uma proximidade com o divino; terceiro, encorajados pela religião, naquele caso o cristianismo, os soldados cumpriam um ritual que revelava certo apaziguamento em relação à morte, que aceitavam caso viesse.

O rei Henrique, buscando forças no divino, contribuiu para elevar o moral da tropa inglesa em Azincourt, porque participava do trabalho religioso nas missas, o que fazia seus subordinados o seguirem. Por outro lado, os soldados acabavam por aceitar o risco de morrer no combate, sem que esse medo os atrapalhasse, provavelmente com fé nas crenças cristãs como a salvação e vida além da morte, no paraíso com Deus.

Nas guerras mundiais do século XX, tornou-se mais que improvável a presença de um soberano como Henrique, liderando as tropas diretamente no campo de batalha. No entanto, Keegan ressalta que “os laços pessoais entre o chefe e os subordinados encontram-se na raiz de todas as explicações do que acontece e do que não acontece na batalha (...) sua

---

<sup>235</sup> KEEGAN, *A Face da...* p. 109.

<sup>236</sup> Ibid.

<sup>237</sup> Ibid.

importância não pode ser subestimada.”<sup>238</sup>

Donald Henkey, combatente da Primeira Guerra Mundial, escreveu um ensaio chamado “O capitão de quem todos gostam”<sup>239</sup> caracterizando o oficial, líder que a tropa desejava:

Chegou nos primeiros dias (...), alto, empertigado sorridente (...). Durante alguns dias limitou-se a observar. Depois pôs-se a trabalhar. Pegou alguns dos mais desajeitados (...), os fez se superarem a si mesmos (...). A sua confiança era contagiante (...). A sua simplicidade era notória (...); depressa o grupo de combate dos desajeitados deixou de sê-lo (...). O fato é que ele tinha conseguido conquistar a nossa afeição. Amávamo-lo (...). Se alguém tivesse um pé ferido ele ajoelhava (...) e via o que se passava (...). Se fosse preciso lancetar uma bolha, provavelmente ele o faria (...). Havia algo de quase religioso nos cuidados dispensados aos nossos pés. Algo que fazia pensar no Cristo.

O ponto a que Hankey conduz o leitor pela listagem das virtudes do oficial íntegro, mas com mais arte do que este extrato mostra, é a revelação do capitão amado como o próprio Cristo. “Sabíamos que o podíamos perder (...). Mas como iria a companhia sobreviver sem ele? Vê-lo era esquecer as nossas ansiedades pessoais e pensar apenas (...) no regimento e na honra.” Ele está morto. “Mas ele continua vivo (...) e nós que o conhecemos não o esquecemos. E creio que aqueles que morreram o viram. Quando chegaram ao outro mundo creio que o encontraram (...). E ao ajoelharem-se perante aquela graciosa figura trespassada, aposto que reconheceram claramente o sorriso do capitão. Seja como for, deixem-me morrer nessa fé, se a morte me colher.”<sup>240</sup>

Em uma análise superficial, pode parecer exagero de Hankey, mas era sua visão do ideal, compartilhada por seus comandados.

Guardadas as devidas proporções entre o imaginário e a realidade do combate, existe o líder que consegue atrair a admiração e o respeito de sua tropa, de forma a conduzi-la nos momentos mais difíceis. Um dos exemplos, no Brasil, veio da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), especificamente na primeira batalha de Tuiuti. As tropas aliadas estavam descansando no acampamento, que foi subitamente atacado pelas forças paraguaias. No meio do pânico e desordem, os soldados começaram a fugir, abandonando suas posições. O general Manuel Luís Osório, ao contemplar a cena, reordenava a tropa, chamando cada um ao seu lugar para combater o inimigo. Apesar de muitas mortes, a tropa brasileira conseguiu rechaçar os paraguaios sem perder a posição. O fato foi possível devido à ligação que o comandante imediato tinha com os subordinados.

Poeticamente, Sir Philip Sidney escreveu que “Um bravo capitão assemelha-se a uma

<sup>238</sup> KEEGAN, *A Face da...* p. 109.

<sup>239</sup> HANKEY, Donald. *A student in Arms*. New York: E.P.Dutton & Co., 1917, apud Keegan, p. 258.

<sup>240</sup> KEEGAN, *A Face da...* p. 259.

raiz, a partir da qual brotam, como ramos, a coragem e a bravura de seus subordinados.”<sup>241</sup> Para Grossman, alguns líderes militares parecem possuir em seu interior uma fonte própria de moral, onde se auto abastecem e conseguem transmitir vigor aos soldados em combate. A respeito desses, Lorde Moran disse que “(...) eram como botes salva-vidas aos quais o restante se agarrava em busca de apoio e esperança”.<sup>242</sup>

Tanto a visão de Hankey, como a forma de liderança de Osório, provavelmente são menos possíveis nas guerras com tecnologias mais recentes devido à distância, dispersão da tropa e ruído da artilharia. A figura do bravo que se torna herói, arrastando seus soldados para o combate, encorajando a tropa e, ao mesmo tempo, servindo como uma espécie de salvador nos piores momentos, tornou-se cada vez mais difícil. Todavia, em certo sentido, um capelão encorajava a tropa porque transmitia ou renovava suas esperanças, fazendo os homens recordarem o divino e recuperarem parte do seu ânimo, como veremos mais adiante.

Muitos exércitos perceberam a relevância que a religião tem na guerra e por isso criaram os quadros de assistência religiosa com a convocação de capelães militares. Como já mencionado, muitos padres compunham o exército inglês na batalha de Azincourt, durante a Guerra dos Cem Anos. Mas para citarmos as guerras da contemporaneidade, os britânicos iniciaram a Primeira Guerra Mundial dispondo, em 1914, de 117 capelães distribuídos em anglicanos, presbiterianos e católicos. Em 1918, esse número cresceu para um total de 2.882. No exército francês, durante a 2ª Guerra Mundial, além da capelania católica e protestante, ainda existiam capelães para judeus e, posteriormente, em 1943, foi criado um serviço de capelania muçulmana, principalmente para atender as tropas recrutadas das colônias francesas do Norte da África.<sup>243</sup>

Adriane Piovezan esclarece que a quantidade de capelães era fruto das pressões que partiam dos militares em combate. Os dados também reafirmam as conclusões de que o apego ao divino cresce na guerra devido às exigências imperiosas sofridas pelos militares.

As religiosidades num momento de incertezas em que o medo é presente transformavam as angústias em fé. A espiritualidade e o medo de morrer na guerra estão intimamente ligados. A negação da morte provavelmente estimula uma série de comportamentos e ações que privilegiam os aspectos das crenças populares. Este maior espiritualismo religioso individual pode ser demonstrando com as devoções dos soldados no *front*.<sup>244</sup>

---

<sup>241</sup> GROSSMAN, *Matar...* p. 134.

<sup>242</sup> *Ibid.*

<sup>243</sup> PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 50, notas 93 e 96.

<sup>244</sup> *Ibid.*, p. 157.

Para a autora, tal ideia ficou confirmada nos objetos encontrados junto aos corpos dos militares mortos em combate e encontrados pelo pelotão de sepultamento da FEB, que passaremos a analisar.

### **3.2 A proximidade com o divino concretizada nos objetos sagrados**

Para estudar o fenômeno da morte na guerra, Adriane Piovezan utilizou os Relatórios Individuais do Pelotão de Sepultamento da FEB. O objetivo era perceber as devoções pessoais através dos objetos colhidos nos corpos encontrados no campo de combate. Sobre essas fontes, a autora ressalta a seguinte crítica:

Conforme comentado anteriormente, um dos principais problemas revelados pelo exame dos Relatórios Individuais do PS [Pelotão de Sepultamento] diz respeito ao seu caráter extremamente sintético, breve, conciso. Os objetos encontrados com os mortos são listados, mas não descritos. Ainda que a diversidade de objetos seja relevante, os RI [Relatórios Individuais] se atém a listá-los de forma a mais simples e direta possível.<sup>245</sup>

Parte dos objetos religiosos encontrados com os pracinhas foram de distribuição institucional, como era o caso do Manual de Orações do Soldado Brasileiro, que neste estudo designaremos apenas como Manual de Orações. Outros objetos eram adquiridos em algum tipo de comércio quando os soldados tinham repouso e viajavam para lugares como Roma. O objetivo era produzir conforto, proteção espiritual e reafirmação da fé, fundamental na contribuição para a certeza da vitória. Esses sentimentos elevavam o moral do combatente. Em último caso, também contribuía para se entender e aceitar a possibilidade ou mesmo a proximidade da morte. De acordo com a autora:

Na sede do catolicismo, a religiosidade preexistente foi intensificada tanto pela proximidade com as relíquias, locais de peregrinação e arquitetura religiosa, como pelo medo da morte e a crença na salvação por intermédio da exteriorização dessa fé.<sup>246</sup>

Apesar de muitos pertences dos mortos serem retirados dos locais originais ou destruídos por explosões e estilhaços de granadas, aqueles que foram recuperados constam nos relatórios individuais do Pelotão de Sepultamento, analisados por Piovezan. Tais objetos mostram que as devoções pessoais dos pracinhas foram concretizadas nos objetos sagrados que carregavam todo o tempo. Cerca de 1/3 dos mortos portava algum tipo de objeto religioso de origem cristã. O quadro abaixo revela a diversidade dos artefatos encontrados:

---

<sup>245</sup> Ibid. p. 135.

<sup>246</sup> PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 202.

**Tabela 3:** Objetos encontrados com os mortos da FEB

Nº	Objeto	Ocorrências
1	Chapa de identificação	333
2	Objetos diversos	187
3	Nada	175
4	Dinheiro	144
5	Fotografia	116
6	Medalhas religiosas	84
7	Correspondências	59
8	Carteira	51
9	Estampas de santos	47
10	Cartão de identificação	43
11	Crucifixos	34
12	Orações	32
13	Quadros religiosos	31
14	Anel	30
15	Manual de orações do Soldado Brasileiro	27
16	Relógio	27
17	Recibo Banco do Brasil	24
18	Rosários	23
19	Corrente	21
20	Registro de vacina	20
21	Caneta	19
22	Canivete	15
23	Imagens religiosas	11
24	Telegrama	10
25	Relíquias religiosas	9

Fonte: Relatórios individuais do Pelotão de Sepultamento da FEB<sup>247</sup>

Entre os objetos encontrados pelo Pelotão de Sepultamento, havia variados tipos que indicavam essência religiosa, como nos itens 6, 9, 11, 12, 13, 15, 18, 23 e 25 destacados na tabela. A frequência e a quantidade de tais objetos podem aumentar ao se somar o item “outros” dos relatórios examinados por Piovezan. Essa classificação corresponde a diversos objetos encontrados com pouca frequência, muitas vezes considerados banais, mas que também poderiam revelar alguma essência religiosa.

O item 3, que corresponde aos corpos encontrados sem nenhum objeto, tem uma explicação relevante, já que todos deveriam portar, ao menos, a chapa de identificação de uso obrigatório e permanente. O problema está relacionado com o tempo decorrido entre a morte e o achado do corpo pelo Pelotão de Sepultamento. Para Piovezan, quanto mais tempo demorava para se resgatar o cadáver, maior a probabilidade de roubo ou extravio de seus objetos pessoais. Ao contrário, se rapidamente encontrado, as chances de preservação de tais objetos eram maiores.<sup>248</sup>

<sup>247</sup> Ibid, p. 137.

<sup>248</sup> Ibid, p. 138.

Um exemplo claro desse problema foi narrado por Rubem Braga<sup>249</sup> quando se referiu à morte do oficial Amaro Felicissimo de Oliveira. O corpo levou cinco meses para ser encontrado e não portava nada, segundo o relatório individual do Pelotão de Sepultamento. Não apenas o tempo, mas a violência da morte deve ser levada em consideração. Quando sofrida com explosões que quase desintegravam os corpos, os objetos portados pela vítima também eram destruídos.

O tempo para localizar os cadáveres justificava-se pelas características do terreno onde desapareceram, a geografia e as intempéries próprias da região, ou se estavam atrás das linhas inimigas. Há, no entanto, alguns casos em que os objetos pessoais realmente não estavam com os corpos, mas foram relacionados nos inventários e entregues à família porque estavam no saco B<sup>250</sup> que ficava no acampamento.

Dos objetos religiosos que os combatentes portavam é possível pensar que alguns servissem como amuletos. Esse poderia ser o caso dos crucifixos, santinhos, medalhas religiosas, entre outras relíquias. Porém, na doutrina cristã, esses objetos não têm poder em si mesmos para salvar, mas apontam para aquele que pode fazê-lo. Assim, em uma explicação teológica sem aprofundamentos, os santinhos, enquanto objetos, não salvam, nem fazem mediação, mas tais relíquias recordam em quem a fé deve se firmar.

Dentre os objetos que revelam o apego ao sagrado, o Manual de Orações tem prioridade para este estudo. Primeiro porque era de distribuição institucional e trazia o brasão da república do Brasil na capa, mostrando a preocupação do Exército com os aspectos religiosos e morais do combatente. Segundo porque continha mensagens escritas que poderiam ser lidas e lembradas em qualquer momento, principalmente na intimidade e solidão do soldado. Somando-se a esses fatores, o capelão militar poderia invocar o manual em missas, reuniões ou qualquer diálogo com os combatentes.

A importância do Manual era reconhecida por outros exércitos, como no americano que também o distribuía. Alguns soldados brasileiros, descendentes de imigrantes, portavam manuais em outras línguas. Foi encontrado um manual em polonês com o soldado Estanislau Wojcik, morto em combate em janeiro de 1945.<sup>251</sup>

As mensagens do Manual de Orações, distribuído à todos os expedicionários, independente do credo religioso, traziam instruções sobre o comportamento moral do militar em combate e orientavam seu procedimento para enfrentar a morte iminente.

Segundo as análises de Piovezan, o livro era compacto, de 78 páginas, menor do que o

---

<sup>249</sup> BRAGA, Rubem. *Crônicas de Guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 218.

<sup>250</sup> Os expedicionários recebiam dois sacos, com fardas, calçados e demais objetos de uso pessoal: o “Saco A” era levado para o combate, enquanto o “saco B” permanecia para uso na retaguarda.

<sup>251</sup> PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 192.

Orae<sup>252</sup>, manual religioso mais completo que na mesma época continha 432 páginas. Dessa forma, reconhecia-se que o soldado, estando em situação singular, não dispunha de tempo para leitura e reflexão prolongadas.

Alguns exemplos das orações do manual eram as “orações diárias”, começando pela Oração da Manhã, Oração do Soldado, Oração da Noite, Oração do Pai Nosso, Ave Maria, Oração do Creio, Glória, entre outras. Tais orações tinham o objetivo de manter a fé do soldado e a esperança por meio da comunhão com um Deus onipotente. Piovezan registrou que, no fim do Manual, está registrada a seguinte frase: “Pede a Deus pelo Brasil, pela esposa, pais, filhos, pela vitória, pela paz com justiça e pela Igreja”<sup>253</sup>. Dessa forma, incentivava-se a oração espontânea e uma contínua ligação do homem com Deus, manifestada por meio de sua fé.

Há páginas dedicadas à ética cristã, enfatizando a catequese, como encontrado na seção “Verdades principais a crer”. Tais ensinamentos recordavam aos católicos de suas obrigações religiosas e serviam principalmente para ensinar àqueles que não tiveram contato com esses ensinamentos no Brasil. Por isso, o Manual usava um tom didático.

É preciso entender que, apesar da população brasileira ser declarada de maioria católica, como indicado no censo de 1940, que apontava 95% de católicos e 2,4% de protestantes, os números não eram fiéis e apontavam mais para uma pertença formal que propriamente de prática cotidiana. Não se contavam, por exemplo, os espíritas e os de religião afro-descendente. Muitos daqueles que estavam na guerra, apesar de declarados católicos, não eram praticantes da religião. O Manual de Oração era seu primeiro contato com a catequese. Vale lembrar que o Pelotão de Sepultamento enterrava os mortos sempre como católicos.

Nesse ínterim, o Manual trazia os mandamentos escritos no Pentateuco, especificamente no livro de Êxodo capítulo 20. Entre as ordenanças do capítulo, no versículo 6 lê-se: “(...) e uso de misericórdia com milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.” É um chamado do Deus bíblico à sua regra como condição de misericórdia.

Ainda no Manual, Piovezan destacou as seções “Novíssimos do homem”, “Algumas outras verdades” e “Regra do bem viver”. No primeiro, explicita-se que em algum dia todos morrerão.<sup>254</sup> Ensina-se implicitamente sobre a resignação e as recompensas que um dia o homem receberá ao cumprir acertadamente sua missão cristã. Em sequência, as próximas linhas falavam sobre o céu, paraíso e inferno.

Há uma seção sob o título “Ato de Aceitação da Morte”. De forma sucinta, em relação a

<sup>252</sup> ORAE, *manual completo de orações e instruções religiosas*. Lisboa: J Steinbrener, 1939. Apud Piovezan, p. 291, nota 184.

<sup>253</sup> PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 187.

<sup>254</sup> *Ibid.* p. 186.

outros manuais católicos, expressa “aceito desde já de vossa mão, com todos os sofrimentos, penas e dores, o gênero de morte que vos aprouver me reservar”<sup>255</sup>. Para o Papa Pio X, parte da oração do ato de Aceitação da Morte, podia substituir o sacramento da Extrema Unção e os capelães explicavam isso aos soldados.

Nessa seção também se ensina o tratamento cristão aos feridos fatais, inclusive no trato com os inimigos. Observemos o texto:

“Em primeiro lugar cumpre com o dever de soldado, vence o inimigo.” Após o combate, num momento de calma, segundo o Manual, aí sim entra em cena a figura do cristão. “Junto ao ferido, procura aliviá-lo dos males, consola-o e conforta-o”.<sup>256</sup>

Após derrotar o inimigo e neutralizar suas forças, o soldado deveria falar de Cristo para o ferido e, se possível, conduzi-lo à conversão e até ao batismo.

O Manual continua com mensagens éticas contra os vícios, inveja e preguiça, por exemplo. Nos mandamentos bíblicos também há proibições contra matar, roubar, cobiçar, adulterar, entre outras. Todas as regras tentam moldar o comportamento ético do soldado na guerra, junto aos companheiros, populações civis inocentes e até com os inimigos.

Mas como explicar e justificar a imposição que o cristão precisa matar, mesmo na guerra, se “não matarás” consta na lista dos Dez Mandamentos? Apesar do Manual não se dedicar ao assunto, dizia o seguinte, com interpelações de Piovezan:

“Tiveste a desgraça de pecar gravemente”: afinal que soldado não matou outro numa guerra? Mas o texto continua: “Faze logo o ato de contrição, pede perdão e logo que possas, corre a um Padre e confessa-te. Louvado seja Deus” Percebemos que a necessidade da assistência dos religiosos é enfatizada no Manual, como auxiliar indispensável para que tais preceitos do catolicismo sejam devidamente cumpridos num contexto de guerra.<sup>257</sup>

A mesma autora explica que a Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer<sup>258</sup> traz referências de que o morrer na guerra é traduzido pelo termo “tombar”, e usa-se o “vocábulo ‘sacrifício’ sempre no contexto em que os homens foram enviados para se sacrificarem e não matarem outros homens”.<sup>259</sup> Para os diversos manuais religiosos, morrer na guerra é também ter uma boa morte. Isso é enfatizado no Manual de Orações, principalmente na Oração pela morte gloriosa, porque essa morte é um sacrifício pela Pátria, pelo Brasil.

---

<sup>255</sup> Ibid. p. 188.

<sup>256</sup> Ibid. p. 189.

<sup>257</sup> Ibid. p. 187.

<sup>258</sup> Ibid. p. 188, nota 296.

<sup>259</sup> Ibid.

É interessante ainda observar que entre os objetos encontrados com os mortos e já citados neste trabalho, o terço e o crucifixo eram importantes para o momento da morte. O Manual ensinava que, nessa hora, o terço deveria ser segurado pelo ferido, que deveria beijar o crucifixo. Foi o que fez o capelão Frei Orlando, morto em plena função no teatro de operações. Caso não se tenha os objetos sagrados em mãos, dever-se-ia pronunciar o nome de Jesus, que “dito com amor e contrição [pode] salvar qualquer pecador arrependido e contrito”.<sup>260</sup>

Outro livro encontrado com os soldados mortos foi o Novo Testamento Bíblico. O Pelotão de Sepultamento da FEB encontrou o exemplar em três mortos que estavam na frente de combate, todos evangélicos. Um deles foi atestado pelo próprio capelão protestante João Filson Soren, em ofício de 20 de março de 1945, sobre o soldado Eleaquim Batista. Os protestantes ou evangélicos representavam cerca de 600 pessoas em um universo febianco de pouco mais de 25.000 homens. Soren, pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, foi o primeiro capelão protestante a se apresentar voluntariamente para compor o Quadro de Assistência Religiosa na FEB, por isso ficou responsável por organizar o trabalho desse credo.

Para a FEB, foram distribuídos cerca de 500 exemplares do Novo Testamento, inserido o livro poético dos Salmos, em formato livro de bolso. Os exemplares foram cedidos pela Sociedade Bíblica do Brasil, por meio do capelão Soren. Segundo o capelão, vários soldados, demais praças e oficiais, mesmo sem serem do credo protestante, queriam um exemplar, o que fez o capelão solicitar a encomenda de mais livros.

De início, tive um favorecimento muito útil que foi a contribuição de Bíblias pela Sociedade Bíblica do Brasil, na forma de novos testamentos com Salmos, um volume pequeno, de bolso, que teve uma receptividade extraordinária, não somente entre os soldados crentes, mas os que não o eram, e oficiais superiores da minha corporação que eu só atendia no seu desejo de possuírem se fossem pedidas, porque eu não dispunha de quantidade ilimitada. Se não me engano, foram 500 os exemplares que recebi da Sociedade Bíblica do Brasil e que foi algo muito útil no meu ministério na FEB.<sup>261</sup>

Já discutimos sobre o uso de amuletos na guerra. A Bíblia incorria no mesmo risco. Piovezan trouxe um relato ocorrido em Gallipoli, durante a Primeira Guerra Mundial, que fortalece a crença supersticiosa de que o livro sagrado poderia livrar seu portador da morte:

---

<sup>260</sup> Ibid. p. 190.

<sup>261</sup> AZEVEDO, Israel Belo (org). *João Filson Soren, o combatente de Cristo*. Rio de Janeiro: Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, 1995, p. 71.

Uma bala turca tinha lavrado o seu caminho para a direita através do livro, mas não chegou a atingir seu lado. Ele me mostrou a bala, e onde ela tinha se alojado inofensivamente dentro de seu cinto. Sentia-se, disse ele, como se tivesse sido atingido por um martelo; Ele foi, no entanto, só ‘fôlego’ para o momento. Não há dúvida de que o Testamento salvou sua vida.<sup>262</sup>

Mesmo fora da guerra, é comum o uso da Bíblia aberta nas estantes dos lares brasileiros como objeto abençoador. Essa prática, que não incomoda os católicos, é evitada teologicamente por evangélicos.

O Novo Testamento foi distribuído durante a Segunda Guerra Mundial por vários exércitos, como o americano, o alemão e o britânico. Mesmo considerando seu uso apenas como objeto sagrado por muitos combatentes, não se pode negligenciar que vários outros, principalmente de credo protestante, liam o livro para sustentar o moral, enfrentar as adversidades da guerra e o risco de morte. O uso do Novo Testamento ficou evidenciado quando a Grã-Bretanha, em 1942, tentou fazer uma nova tiragem especial do livro para tornar possível sua leitura a noite pelo soldado sem chamar a atenção do inimigo.<sup>263</sup>

É preciso considerar que os protestantes, desde a Reforma Religiosa no século XVI, consideram a Bíblia como livro de regra e de fé cotidiana, por isso ficou comum sua tradução para as línguas vernáculas. Outro esforço protestante era abrir escolas a fim de alfabetizar o povo para tornar possível a leitura e interpretação do livro sagrado.

Michael Snape conta que foi encontrada uma Bíblia aberta com passagens grifadas de azul e vermelho junto com um soldado morto no campo de combate.<sup>264</sup> Ernest Junger relatou que, quando foi atendido em um hospital de campanha, observou que ao lado de sua cama estava um sargento que morria devido a uma septicemia. Entre as febres e os momentos de lucidez dizia:

Foi estranho que ele, que nos últimos dias na verdade já estivera ausente, na hora de sua morte tenha reencontrado a clareza absoluta e ainda encaminhado alguns preparativos. Assim, fez com que a enfermeira lhe lesse seu capítulo predileto da Bíblia, depois se despediu de nós todos, pedindo desculpas por nos ter perturbado o sono tantas vezes com seus ataques de febre. Por fim, ele sussurrou, com uma voz à qual ainda tentou imprimir um tom chistoso: tem mais, não, um tiquinho de pão aí Fritz? E poucos minutos depois estava morto.<sup>265</sup>

Se considerarmos que muitos soldados do *front* perdem a fé devido à banalização da

<sup>262</sup> PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 195.

<sup>263</sup> Ibid.

<sup>264</sup> Ibid. p. 197.

<sup>265</sup> Ibid. p. 198.

morte, para Piovezan, tantos outros demonstram considerável religiosidade, como nas orações ao lado de companheiros mortos ou lendo a Bíblia, como no relato de Keegan:

Os feridos que não tinha sido possível evacuar alojavam-se nas crateras das granadas, enrolavam-se nos seus lençóis à prova de água, pegavam nas suas Bíblias e assim morriam.<sup>266</sup>

A mensagem bíblica básica é a morte voluntária e sacrificial de Cristo para salvar a humanidade e uni-la a Deus. Transferindo para a situação de guerra na qual os soldados estavam envolvidos, significava a entrega, também voluntária e com sacrifício da vida, pela pátria e, indiretamente, por seus entes queridos que estavam distantes.

Porém, especificamente, quais textos e ensinamentos seriam lidos pelos soldados no *front* para fortalecer seu moral? Alguns pesquisadores, inclusive Piovezan, acreditam que o livro era aberto aleatoriamente pelos soldados. Entretanto, sabemos que há cristãos, principalmente do credo protestante, que manuseiam a Bíblia com conhecimento, sabendo a localização dos textos que lhe interessam ler. Além disso, havia os capelães que podiam citar e indicar as passagens selecionadas para alimentar o moral e a esperança dos combatentes.

No caso do Novo Testamento de bolso, com o livro de Salmos que os militares da FEB tinham, os textos dos Salmos 23 e 91 podiam ser utilizados para alimentar o ânimo dos homens:

O Senhor é o meu pastor; de nada terei falta. Em verdes pastagens me faz repousar e me conduz a águas tranquilas; restaura-me o vigor. Guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome. Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem. Preparas um banquete para mim à vista dos meus inimigos. Tu me honras, unguindo a minha cabeça com óleo e fazendo transbordar o meu cálice. Sei que a bondade e a fidelidade me acompanharão todos os dias da minha vida, e voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver.<sup>267</sup>

Palavras e expressões chaves como “restaura-me o vigor” e andar pelo “vale de trevas e morte”, amenizavam o medo daquele que depositava sua fé no sagrado e no divino. O triunfo e a honra contra os inimigos são garantias para o fiel que lê as Escrituras no Salmo 23.

Mensagem semelhante é transmitida no Salmo 91 que garante abrigo, livramento, refúgio, força, proteção, inclusive dos anjos àqueles que crêem e buscam a Deus.

---

<sup>266</sup> KEEGAN, *A Face da...* Apud Piovezan, p. 198.

<sup>267</sup> BÍBLIA Sagrada. Novo Testamento, Salmo 23: 1-6. Tradução de José Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Vida, 2000.

Aquele que habita no abrigo do Altíssimo e descansa à sombra do Todo poderoso pode dizer ao Senhor: Tu és o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio. Ele o livrará do laço do caçador e do veneno mortal. Ele o cobrirá com as suas penas, e sob as suas asas você encontrará refúgio; a fidelidade dele será o seu escudo protetor. Você não temerá o pavor da noite, nem a flecha que voa de dia, nem a peste que se move sorrateira nas trevas, nem a praga que devasta ao meio-dia. Mil poderão cair ao seu lado, dez mil à sua direita, mas nada o atingirá. Você simplesmente olhará, e verá o castigo dos ímpios. Se você fizer do Altíssimo o seu refúgio, nenhum mal o atingirá, desgraça alguma chegará à sua tenda. Porque a seus anjos ele dará ordens a seu respeito, para que o protejam em todos os seus caminhos; com as mãos eles o segurarão, para que você não tropece em alguma pedra. Você pisará o leão e a cobra; pisoteará o leão forte e a serpente. Porque ele me ama, eu o resgatarei; eu o protegerei, pois conhece o meu nome. Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta, e na adversidade estarei com ele; vou livrá-lo e cobri-lo de honra. Vida longa eu lhe darei, e lhe mostrarei a minha salvação.<sup>268</sup>

Enquanto o livro dos Salmos eleva o moral, os Evangelhos falam sobre o cuidado com os companheiros, prática expressada na mensagem de Jesus, que ensinava ao povo fazendo uma síntese dos Mandamentos:

Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Respondeu Jesus: Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo.<sup>269</sup>

Jesus ilustrou o texto acima com a parábola do Bom Samaritano, transcrita no livro de Lucas, quando ensinou a não abandonar os feridos pelo caminho.<sup>270</sup> Mais adiante, na sequência dos textos bíblicos, o apóstolo Paulo, escrevendo sua carta para os gálatas, disse: “Toda a lei se resume num só mandamento: Ame o seu próximo como a si mesmo”<sup>271</sup>. Esse tipo de mensagem, quando lida ou exposta pelo capelão, ajudava a cimentar a coesão do grupo de combate, o cuidado com os companheiros, com aqueles que estavam feridos ou com transtornos emocionais.

Enquanto essas mensagens revelam aspectos éticos e comportamentais que o combatente precisava ter, um texto específico do apóstolo Paulo, ao escrever para Timóteo falando sobre sua própria sorte, diz “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”.<sup>272</sup> Nesse trecho, Paulo se compara metaforicamente com um soldado que terminou sua guerra de forma apta, honrosa e ainda cheio de esperança.

<sup>268</sup> BÍBLIA, Sagrada... Salmo 91: 1-16.

<sup>269</sup> Ibid. Mateus 22: 36-39.

<sup>270</sup> Ibid. Lucas 10: 25-37.

<sup>271</sup> Ibid. Galátas 5.14.

<sup>272</sup> Ibid. II Timóteo 4: 7.

Tais textos bíblicos do Novo Testamento não foram escritos com direcionamento à guerra. Apesar de usar palavras como “combate”, o fazem como referências metafóricas. Os textos são ensinamentos doutrinários para os discípulos de Cristo e para as igrejas que nasciam. No entanto, os homens, conforme o momento que vivem, adaptam suas mensagens segundo o contexto e a realidade que passam. Esse era o caso do combatente em guerra.

### **3.3 Criação do Serviço de Assistência Religiosa**

O Serviço de Assistência Religiosa no Exército Brasileiro teve sua origem através do Decreto nº 747, de 24 de dezembro de 1850. Era denominado como Repartição Eclesiástica do Exército, formada por sacerdotes militares e civis divididos em cinco categorias: ativa, avulsos, agregados, reformados e contratados. Preenchiam os postos de alferes até coronel e sua responsabilidade era de atuar nos presídios, fortalezas de fronteiras e na catequização de indígenas em época de paz.

A principal atuação da Repartição Eclesiástica foi na Guerra do Paraguai. Nas memórias do Visconde de Taunay e na Ordem do Dia nº 272, de Luiz Alves de Lima e Silva, quando deixava o comando das Armas Brasileiras, encontramos referências elogiosas para a Repartição. O que precisou ser percebido foi que as referências eram mais dirigidas para sacerdotes do que ao Quadro Religioso como um todo. Taunay registrou que a assistência não faltou em situações difíceis.

Caxias, ao fazer seu relatório no término da Guerra do Paraguai, fez observações sobre o que deveria ser corrigido no Exército Imperial. Havia um quesito destinado à Repartição Eclesiástica, onde esclareceu que os capelães deveriam ter uma chefia que concentrasse suas ações.

A Repartição Eclesiástica, por meio do Decreto nº 5.679, de 27 de junho de 1874, teve seu nome alterado e passou a denominar-se Corpo Eclesiástico do Exército. Sua extinção chegou com o advento da proclamação da República, devido aos princípios liberais e positivistas reinantes na época e que pregavam a separação entre Igreja e Estado.

A organização da FEB obedecia ao modelo norte-americano. Segundo a historiadora Maria de Lourdes Pereira Lins,<sup>273</sup> ao analisar a portaria nº 47-44, de 09 de agosto de 1943, o Serviço Religioso estava incluído na organização da Primeira Divisão de Infantaria (1ª DIE), mas ignorado até os últimos momentos. De fato, a reorganização do Serviço de Assistência Religiosa para a FEB não estava em andamento, mesmo que o Exército estivesse seguindo o

---

<sup>273</sup> LINS, M.L.P. *A Força Expedicionária Brasileira, uma tentativa de interpretação*. São Paulo: Editoras Unidas, 1975, p. 264. Apud. PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 50.

padrão americano.

Entre os motivos que causaram o atraso na reorganização da Assistência Religiosa, podemos destacar que o Brasil tinha pouca experiência em conflitos externos de grande magnitude e não pretendia se envolver com os eventos da II Guerra Mundial, que arrasava a Europa. A organização de uma força só foi iniciada após a declaração de guerra contra o Eixo e o apoio norte-americano. Em meio aos preparativos, como o recrutamento e a logística, fundamentais e apressados pelo andamento da guerra, não houve tempo para se pensar nos quadros religiosos, relevantes para manter o moral dos homens em combate, mas relegados ao segundo plano.

Outra causa era a laicização que o país e, especificamente o Exército, mantinha desde a proclamação da república. Depois de passar todo o século XIX como um Império oficialmente católico, como outorgava a Constituição de 1824 e a herança portuguesa deixada no Brasil, em 1889, a República chegava inspirada pela filosofia positivista que fez uma abrupta separação entre a religião e o Estado. Durante a fase imperial, cerca de 50 padres faziam parte do Corpo Eclesiástico do Exército. Os soldados rezavam o terço todos dias às 21:00h e participavam das missas de domingo e dias santos, práticas repentinamente abandonadas após o 15 de novembro.

A laicização consiste em uma das consequências do fenômeno da secularização, que pode ser amenizada pela fé e religiosidade individual. Segundo Peter Berger:

A secularização a nível social não está necessariamente vinculada à secularização a nível da consciência individual. Algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso.<sup>274</sup>

Se aplicarmos a reflexão de Berger ao Brasil, podemos perceber que “a sociedade brasileira jamais se secularizou totalmente.”<sup>275</sup> Dentro do Exército, instituição influenciada pelo Positivismo e laicização, isso ficou evidente. Durante a primeira República, alguns capelães, mesmo que informalmente, eram usados por guarnições militares no Rio de Janeiro. Em 1917, um grupo de oficiais do Exército tentava a reintrodução do catolicismo no meio militar.<sup>276</sup> O fenômeno se aplicou também em diferentes sociedades internacionais, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial.

---

<sup>274</sup> BERGER, P.A. *Dessecularização do Mundo, uma visão global*. Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: v.21, nº 1, p. 9-24, 200. Apud. PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 49, nota 86.

<sup>275</sup> PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 49, nota 86.

<sup>276</sup> *Ibid.* p. 89, nota 84.

A virada contra os efeitos da laicização dentro do Exército pode ser enxergada com a Revolução de 1930 e em 1932. Na primeira, Getúlio Vargas era apoiado pela Igreja Católica no Rio Grande do Sul, inclusive em sermões públicos. Uma tropa composta por 52 padres foi organizada para acompanhar o movimento. Na Revolução Constitucionalista de 1932, tanto tropas paulistas quanto as legalistas tinham padres desenvolvendo serviço de capelania, auxiliando os feridos e promovendo os sacramentos aos soldados, inclusive os feridos gravemente.

O Serviço de Assistência Religiosa só foi oficialmente reorganizado no Brasil devido a Segunda Guerra Mundial. Em 25 de maio de 1944, a Força Expedicionária Brasileira desfilava na Avenida Rio Branco, centro do Distrito Federal da época. Era observada pelo presidente Getúlio Vargas e pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara. Após o desfile, o sacerdote conversou com o presidente sobre a criação da capelania, o que resultou no Decreto nº 5.573, de 26 de maio de 1944.

Antes mesmo do Decreto, já se tencionava acelerar a criação da Assistência Religiosa para acompanhar a FEB. Dom Jaime afirmara que:

Dois coronéis gaúchos, profundamente religiosos sentiram a responsabilidade de se perderem eternamente as almas dos que tombassem nos campos de batalha e, eventualmente, não estivessem em estado de graça perante Deus. Procuraram-me para estudarmos o assunto e levá-lo ao então Ministro da Guerra, o Exmo. General Eurico Gaspar Dutra, que, aceitando as razões alegadas, autorizou verbalmente o prosseguimento dos estudos.<sup>277</sup>

A criação do Quadro dos Capelães foi despertada a pedido do próprio arcebispo quando a tropa já estava pronta para o embarque. Dom Jaime deixou registrado o desenvolver dos fatos e sua conversa com o presidente Vargas:

Chegou o dia do último desfile antes do embarque. No palanque oficial, achava-me na última fila, pois fora o derradeiro a chegar. A gentileza das autoridades civis e militares colocaram-me entre o Sr. Presidente e o Almirante Aristides Guilhen, Ministro da Marinha. Ao passar a tropa, voltei-me para o Exmo. Sr. Presidente e arrisquei-me a observar: “Ex<sup>a</sup>., está faltando uma força no desfile, vejo médicos, enfermeiras, mas nenhum capelão.” Sua Ex<sup>a</sup> baixou os olhos. E eu, Receando haver tocado em ponto delicado, voltei-me para o Ex<sup>o</sup> Sr. Ministro da Marinha, que então me contou já haver marinheiros do Brasil em combate na Europa. Com surpresa minha, dois minutos após, o Sr. Presidente Getúlio Vargas me fala: “Depois de amanhã, sairá o decreto”. Admirado, olhei sua Ex<sup>a</sup> que percebeu não haver eu atinado com o sentido de sua frase. E por isso, continuou: “Sim, o decreto das Capelarias Militares.” Imagine-se o meu agradecimento à imediata

---

<sup>277</sup> Jaime de Barros Câmara, Apud PALHARES, *Frei Orlando...* p.201.

solução de tão importante caso. Logo procurei os coronéis José Bina Machado e Raul Silveira de Melo, os organizadores das Capelarias Militares do Brasil, cabendo ao então Ministro da Guerra, Marechal Eurico Gaspar Dutra, torná-las permanentes pelo Decreto nº 6.535, de 26 de maio de 1944.<sup>278</sup>

Não foi apenas Dom Jaime que registrou o ocorrido, o caso também foi posteriormente lembrado e transcrito no Relatório da Assistência Religiosa, pelo Coronel Padre João Pheeny Silva, chefe dos capelães militares, não deixando dúvidas sobre o episódio.

O Decreto de criação da Assistência Religiosa conciliava os interesses da religião com as necessidades subjetivas dos militares. Para Dom Jaime, era o estado espiritual daqueles que tombassem nos campos de batalha que preocupava. No entanto, os militares criaram a capelania para o suporte moral de suas Unidades, investindo no fortalecimento da disciplina, confiança, otimismo e serenidade. Isso significava dizer que a fé do homem estava sendo reconhecida como necessária à sua preparação moral.

O Serviço de Assistência Religiosa foi composto por 27 capelães. Eram vinte e cinco sacerdotes católicos e dois reverendos protestantes. Alguns desses apresentaram-se voluntariamente, enquanto outros foram convidados pelo comando da FEB, após indicação de superiores eclesiásticos. Somente os respaldados por instituição religiosa de autoridade competente poderiam compor a Força. Os reverendos protestantes Arlindo Rodrigues de Oliveira e Alberico Antunes de Oliveira foram rejeitados porque se apresentaram sem indicação.<sup>279</sup>

João Pheeny Silva, em seu relatório, datado de 24 de março de 1945, quando ainda estava na região de Pavana, fez questão de registrar o nome, origem e datas das nomeações de seus capelães subordinados. Ao consultar esse relatório no Arquivo Histórico do Exército e relacionar suas informações, foi possível montar a seguinte tabela:

---

<sup>278</sup> Ibid. p. 202.

<sup>279</sup> Conforme as Instruções para o Serviço de Assistência Religiosa e Carta do Ministério da Guerra – Gabinete do Ministro, de 5 de setembro de 1944, justificando a resposta negativa aos reverendos.

**Tabela 4 – Relação dos capelães**

<b>Origem</b>	<b>Posto</b>	<b>Nome</b>	<b>Data nomeação</b>
Arquidiocese de São Paulo	TC	Pe. João Pheaney Silva	29-06-44
	Cap	Pe. Aquiles Silvestre	04-07-44
	1º Ten	Pe. Manuel Inocencio Lacerda Santos	18-01-45
	1º Ten	Pe. Francisco Freire de Moura Filho	29-01-45
	1º Ten	Pe. Enzo de Campos Gusso	31-01-45
Arquidiocese de Belo Horizonte	1º Ten	Pe. Francisco Eloy de Oliveira	13-07-44
	1º Ten	Pe. Olavo Ferreira de Araujo	13-07-44
Arquidiocese de Recife	1º Ten	Pe. João B. Uchôa Cavalcante Sobrinho	13-07-44
	1º Ten	Pe. Hipolito de Almeida Pedrosa	13-07-44
Arquidiocese do Rio de Janeiro	Cap	Pe. João Batista Cavalcante	04-07-44
	1º Ten	Pe. Noé Pereira	29-06-44
Arquidiocese de Porto Alegre	1º Ten	Pe. Nillo Kolet	28-07-44
Arquidiocese de Maceió	1º Ten	Pe. Alberto da Costa Reis	29-06-44
Arquidiocese de São Luis	1º Ten	Pe. Joaquim de Jesus Dourado	03-10-44
Diocese de Santa Maria	1º Ten	Pe. Jorge Ferreira de Brito	04-07-44
	1º Ten	Pe. Gregorio Pelegrino Comasseto	02-08-44
Ordem de São Bento	Cap	Pe. Amarilio da Silva Leite (D. Francisco)	13-07-44
Companhia de Jesus	1º Ten	Pe. Helio Abranches Vioti	03-10-44
	1º Ten	Pe. Urbano Rausch	28-07-44
	1º Ten	Pe. Jacob Emilio Shneider	28-07-44
	1º Ten	Pe. Nicoláu Vendelino Junges	28-07-44
Ordem dos Frades Menores (Franciscanos)	Maj	Pe. Jonas Wanderlei Lima (Frei Gil Maria)	28-07-44
	Cap	Pe. Antonio Alvares da Silva (Frei Orlando)	13-07-44
	Cap	Pe. Waldemar Setaro (Frei Alfredo)	28-07-44
Salesianos	1º Ten	Pe. Alcionilio Bruzzi Alves da Silva	31-01-45
Evangélico Batista	1º Ten	Rev. João Filson Sorem	13-07-44
Evangélico Presbiteriano	1º Ten	Rev. Juvenal Ernesto da Silva	13-07-44

(Relatório da Assistência Religiosa da FEB, AHEx, caixeta nº 155, pasta nº 6, subpasta nº 3, pp. 39-43).

Enquanto a FEB contava com vinte e sete capelães, os norte-americanos tinham 10.000 sacerdotes a serviço da tropa. Faz-se necessário considerar a diferença no número dos efetivos entre as tropas brasileiras e americanas.

Entre os norte-americanos, havia separação no trabalho de capelania entre os cultos católicos e protestantes. Apesar da FEB ter dois capelães protestantes, o Quadro era único. Todavia, os capelães dos diferentes ofícios religiosos, quando possível, interagiam com boa relação.

O trabalho do Serviço de Assistência Religiosa foi exercido diretamente por seus capelães que, como oficiais, aprimoraram, durante o esforço de guerra, o apoio religioso com o objetivo de prover o sustento e o equilíbrio do moral das tropas. Essa experiência foi confirmada logo após o conflito no Decreto-Lei nº 8.921, de 26 de janeiro de 1946, que dizia:

(...) a instrução religiosa aprimora as energias morais e os bons costumes, contribuindo, por via de consequência, para o fortalecimento da disciplina militar.

- que a educação religiosa tem inegável influência na formação moral e cívica do soldado, com favoráveis reflexos sobre o seu caráter e virtudes militares, convindo incentivá-la por todos os meios nas Forças Armadas”.<sup>280</sup>

Através desse Decreto, o Serviço de Assistência Religiosa ficou instituído permanentemente nas Forças Armadas Brasileiras como se conhece atualmente.

Segundo Monsenhor Alberto da Costa Reis, coronel capelão chefe do Serviço de Assistência Religiosa em 1982, “o interesse dos chefes de ontem são os mesmos dos chefes atuais e que o Exército de Caxias continua imutável nas suas tradições religiosas.”<sup>281</sup> Para Monsenhor Alberto, a tarefa dos capelães não mudava, sendo as mesmas tanto na Guerra do Paraguai quanto na II Guerra Mundial e até seus dias, na década de 1980.

Enquanto as instituições religiosas no Brasil visavam o aspecto intrínseco, ou seja, o estado espiritual do homem, para a FEB e sua Assistência Religiosa, ela significou a consolidação das virtudes militares e do moral do homem-soldado, princípios subjetivos por natureza, mas essenciais à função militar.

### 3.4 O Trabalho do Capelão

O expedicionário brasileiro ficou menos tempo no *front* do que os combatentes norte-americanos ou alemães. Embora as atividades da FEB tenham sido de menor duração, foram relevantes na contribuição para expulsar os alemães da Itália. Passados os primeiros reveses, as vitórias começaram a chegar, mas todas as operações de guerra possuem um preço moral, psicológico e emocional, cobrado daqueles que sobrevivem. Como amenizar os problemas decorrentes dos combates e manter os homens equilibrados e capazes de responder à exaustão?

A Assistência Religiosa da FEB não possuía um programa específico para cuidar dos fatores que prejudicavam o moral do expedicionário. Nos EUA, havia uma Escola de Capelães organizada como os demais quadros militares. No Brasil, não havia essa estrutura organizacional e a Assistência Religiosa dependeu mais das iniciativas dos próprios capelães. Não havia nem mesmo contato satisfatório entre os sacerdotes, devido ao seu pequeno número em relação ao tamanho da tropa brasileira. Suas reuniões ocorriam apenas uma vez por mês, com poucos planos ou trabalho em conjunto. Os relatórios foram a principal forma de comunicar à chefia sobre suas ações junto à tropa. São esses documentos, guardados no

<sup>280</sup> Decreto-Lei nº 8.921, de 26 de janeiro de 1946.

<sup>281</sup> Boletim Informativo do SAREx, nº 037 de junho de 1982.

Arquivo Histórico do Exército, que analisaremos mais à frente.

Os capelães trabalhavam de forma independente contando com a autonomia dada por seus comandantes. O capelão Pe. Noé Pereira, lembrando o acampamento de Tarquinia, dizia em seu relatório: “De começo devo logo salientar a acolhida respeitosa e o prestígio que o senhor Cel Cmt e demais oficiais me prodigalizaram, facilitando na medida do possível conforme as circunstâncias, o meu ministério na tropa.”<sup>282</sup> Sobre essa acolhida dos oficiais aos capelães, Pe. Jorge Brito registrou em seu relatório que “As relações com os senhores oficiais são as melhores possíveis. Contamos todos no número de nossos amigos. Os capelães têm recebido contínuo apoio do Comando.”<sup>283</sup> Da mesma forma, o capelão João Filson Soren relatou as suas relações com o comando:

Nas Forças Armadas, por exemplo, o Evangelho é muito bem recebido. Os comandos são todos muito receptivos, mesmo os que são católicos e praticantes. O meu comandante, Coronel Caiado de Castro, depois General e Marechal, era católico praticante, mas nunca houve comandante que desse tanto apoio e prestígio ao trabalho de um oficial.<sup>284</sup>

Apesar de bem recebidos junto ao comando e demais oficiais, havia dificuldades para enfrentar. A primeira dificuldade que o capelão enfrentava era de ordem pessoal. Como o próprio Pe. Noé Pereira relatou:

Dificuldades inúmeras não podiam faltar a mim, que viera de um ambiente calmo, como é a vida paroquial, e começava a vida militar, completamente nova, cheia de incertezas, de apreensões angustiosas e de peripécias as mais diversas...<sup>285</sup>

Vencida a primeira dificuldade de ambientação à caserna, outras se impõem com respeito à logística. Como exemplo, assinale-se a falta de uma viatura militar para transportar o capelão. Alguns comandantes emprestaram sua própria viatura, como o Coronel Caiado de Castro, comandante do Regimento Sampaio.

O Coronel me chamou e disse: - Olha, Capelão, quero te dizer uma coisa. Ele já me chamava de Soren. O comandante tem um jipe e um motorista. Esse jipe está à sua disposição quando o Sr. precisar. Em qualquer dia, qualquer hora, em qualquer circunstância, se precisar. Tenho uma porção de jipes aí que posso usar. O Sr. não tem. O meu está à sua disposição.<sup>286</sup>

<sup>282</sup> Relatório da Assistência Religiosa da FEB, Arquivo Histórico do Exército, Livro 151, p. 4.

<sup>283</sup> Ibid.

<sup>284</sup> AZEVEDO, *O combatente de Cristo...* p. 69.

<sup>285</sup> Relatório da Assistência Religiosa da FEB, Arquivo Histórico do Exército, Livro 151, p. 4.

<sup>286</sup> AZEVEDO, *O combatente de Cristo...* p. 70.

No que trata da circulação desses sacerdotes, havia uma recomendação do comando para não se exporem sem necessidade nos combates. Não era fácil acatar tal recomendação e os capelães sempre estavam envolvidos em momentos críticos do combate, o que veremos mais adiante conforme suas próprias narrativas.

Cada capelão tinha seu próprio material e até um altar portátil, caso dos católicos, para celebrar as missas. Em alguns casos e quando possível, faziam visitas nas cidades próximas para conseguir, junto às igrejas locais, algumas hóstias para a eucaristia.

Uma das primeiras necessidades para o sacerdote trabalhar sobre o moral dos expedicionários era conquistar sua confiança. Esse importante atributo era uma das virtudes militares que cimentava a coesão e o espírito de corpo das tropas, sendo fundamental para a lealdade entre os homens. Para os chefes militares em qualquer nível, comandar em combate não era apenas dar ordens, mas era preciso conquistar a confiança dos subordinados, respeitando-os e compreendendo-os.<sup>287</sup> Noé Pereira, ao iniciar a capelania, relatou:

(...) o meu primeiro objetivo foi o de ambientação; de fato, preliminarmente para nós capelães era de suma importância preparar o ambiente, cativar a simpatia dos militares para a nossa missão, que pela primeira vez ia ser exercida oficialmente na república...<sup>288</sup>

Pe. João Batista Cavalcante registrou que “estando os sacerdotes durante todo o expediente do quartel, ora em contato com os oficiais, ora com as praças, a fim de adquirir de ambos aquilo que eles precisavam, - a confiança em seu capelão.”<sup>289</sup>

Continuando, Noé Pereira deixa claro o objetivo da Assistência Religiosa e do trabalho do capelão ao dizer que “a permanência do capelão na tropa é uma fonte ininterrupta de conforto ao soldado.”<sup>290</sup>

Para os capelães, a relação com os pracinhas não foi difícil porque a religião os ajudava. Os sacerdotes receberam postos de oficiais, mas não exerciam o comando. Para o padre Manuel Inocêncio L. Santos, que fazia parte das unidades de repletamento da FEB, o capelão tinha que ser oficial para estar resguardado, caso encontrasse alguém que não o respeitasse como sacerdote.<sup>291</sup> Isso, porém, não acontecia do *front*. Ocorreu que o capelão era duplamente respeitado, uma vez por ser oficial e outra por sua condição de sacerdote.

Gentil Palhares, biografando a vida do capelão frei Orlando, narrou que quando o

<sup>287</sup> SOUSA, Túlio C. Campelo de *et al. Instantâneos de um tenente em campanha*. In: *et al, Depoimentos de...* p. 186.

<sup>288</sup> Relatório da Assistência Religiosa da FEB, Arquivo Histórico do Exército, Livro 151, p. 4.

<sup>289</sup> *Ibid.*

<sup>290</sup> *Ibid.*

<sup>291</sup> SANTOS, Manuel Inocêncio *et. al. Recordações de um capelão da FEB*. In *et. al, Depoimentos de...* p 362.

sacerdote foi apresentado à tropa, na Vila Militar do Rio de Janeiro, ficou cercado pelos soldados por ainda estar de batina. No dia seguinte, vestido com a farda de 1º tenente, era observado com seriedade, mostrando o grau de disciplina militar que tinham. Frei Orlando foi classificado no 11º Regimento de Infantaria (11º RI), que já visitava desde sua sede em Minas Gerais.

Apesar de sacerdotes e oficiais, os capelães se integraram à tropa. Isso aconteceu quando acompanhavam os soldados nos treinamentos, aprendendo junto com eles e desenvolvendo espírito de corpo para depois exercerem suas funções no combate real na Itália. O capelão se aproximou do expedicionário fazendo mais do que o pracinha esperava que um sacerdote fizesse na vida em caserna. Na prática, Noé Pereira, ao explicitar sua experiência falando em nome dos capelães, disse:

(...) convive intimamente com todos, participando dos mesmos alimentos, padecendo com eles as incidências do tempo, arrostando iguais perigos de vida; no seu ofício de pai e pastor perscruta as suas consciências para aconselhar e guiar, alegrando-se com todos nos momentos de prazer e consolando-os e reanimando-os nas horas de dor e tristeza.<sup>292</sup>

Próximo do embarque do 2º Escalão da FEB para o Teatro de Operações Italiano, a disciplina na Vila Militar havia sido reforçada. Qualquer atraso no horário de regresso das visitas à família era motivo de punição disciplinar e cadeia. No dia 25 de agosto, dia do soldado e do Duque de Caxias, havia 120 homens presos. Os capelães Pe. Urbano e Pe. Jacob Schneider solicitaram ao Comandante, coronel Caiado, uma anistia. O próprio coronel foi à cadeia com os capelães para falar com os detidos:

- os capelães me pediram para eu perdoar a punição. Perguntei, que garantia me davam. 'Mas aí, levantou-se um clamor geral': nós garantimos, Sr. Coronel'. - E não vão desmoralizar os nossos capelães? 'Um não uníssonos foi a resposta e saíram 120 presos, soltos e fiéis ao compromisso.'<sup>293</sup>

O capelão era também aquele que sempre trazia uma boa notícia para a tropa. Na gíria militar dos expedicionários essa notícia chamava-se "*peixe*". J.J. Dourado registrou o fenômeno, mostrando como ele era importante para o moral da tropa. Quando o padre chegava no meio dos pracinhas a pergunta era:

---

<sup>292</sup> Relatório da Assistência Religiosa da FEB, Arquivo Histórico do Exército, Livro 151, p. 4.

<sup>293</sup> SCHNEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um Ex-Capelão da FEB*. Curitiba: Rosário, 1983, p. 15.

Padre, qual é o 'peixe'? Dizem que o 6º vai repousar? Falam que seremos substituídos? Que os alemães vão entregar os pontos? Que ... Era preciso levar-lhes sempre algum 'peixe' bem condimentados. Bem pescados. E, para ressaltar o cunho da verdade (o padre não pode mentir), dava eu invariavelmente a origem da notícia. Assim, não me arriscava a uma desilusão. Que era necessário carregar qualquer uru de 'peixe', isso não padece dúvida. Quanto bem não fizeram os 'peixes' ao moral da tropa.<sup>294</sup>

A boa notícia podia ser qualquer coisa, inclusive a confirmação de um rumor espalhado no seio da tropa. Quando trazida pelo capelão era digna de ser verdade, que se confirmaria posteriormente. Eram vários os meios usados para elevar o moral da tropa.

No combate, como já relatado anteriormente, foi observado que muitos capelães não permaneceram nas bases de operações, mas partiram para onde as tropas estavam combatendo na linha de frente. Foi em uma dessas ações que Frei Orlando morreu, vítima de um italiano aliado, que disparou seu fuzil acidentalmente quando tentava desatolar o jipe onde o capelão estava.

A operação que Frei Orlando acompanhava era a mais violenta que a FEB enfrentava. Tratava-se do último assalto a Monte Castelo quando os alemães foram derrotados na região, em fevereiro de 1945.

Frei Orlando, ao falecer, estava na missão de apoiar os pracinhas mais adiantados na tomada do Monte. Palhares relatou que o sacerdote estava sempre desejoso de ficar entre os soldados mais adiantados no terreno. Em certa ocasião, pediu para compor uma patrulha, no que foi impedido pelo oficial comandante do grupamento.

No meio do inverno, quando a frente estava estabilizada, Jacob Schneider, um dos capelães do 1º RI (Regimento Sampaio), visitava todas as tardes as trincheiras dos expedicionários em torno de Monte Castelo. De seu livro extraíram-se as seguintes linhas nessas ocasiões:

(...) O estalo da partida do petardo e o terrível assobio da granada deixavam uma mínima fração de tempinho para me esconder, atrás duma rocha, tronco ou qualquer abrigo. Com a cabeça e os braços entre os joelhos, acorradinho, oferecia o mínimo de alvo possível. Deixava estourar e seguia viagem. Pior era a volta lá pelas cinco horas da tarde, quando vinha uma série duns quinze a vinte morteiros. Estes, porém, já não me atingiam, pois, normalmente me refugiava, momentos antes, junto ao comando do capitão da respectiva companhia de fuzileiros.

(...) pulei arame farpado, cipós, minas, rochas e escondendo-me entre as raízes seculares das enormes castanheiras, em oito lances consecutivos, me considerei fora da vista e da perseguição. Deitei de costas no chão, morto de susto, mas ainda vivo de verdade, sem um ferimento.<sup>295</sup>

<sup>294</sup> DOURADO, J.J. *Estou Ferido*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1945, p. 197.

<sup>295</sup> SCHNEIDER, *Vivência de um...* p. 97 e 98.

Os capelães estavam constantemente nas linhas de frente. Sua presença para o moral dos homens também os faziam sofrer as consequências do combate. Além das peripécias para escapar com vida da artilharia inimiga, Jacob Schneider relatou que passara três dias sem dormir, tal como ocorria com os infantes de maneira geral. Na quarta noite, o cansaço fizera o oficial adormecer embaixo de uma tábua em uma área castigada por fogos de morteiros alemães que destruíram o bosque a sua volta.

O capelão Rev. Soren, ao saber da necessidade de um voluntário para levar as ordens até o PC de comando em Monte Castelo, se ofereceu e foi aceito para a missão. Em entrevista ao seu biógrafo, contou o seguinte:

Havia um problema num dos batalhões de linha de frente, bem à frente do Monte Castelo, que necessitava de uma intervenção. Então, eu me prontifiquei para levar o material. Havia caído muita neve, estava muito frio. Embora estranhando o meu oferecimento, o tenente-coronel, chefe de operações da Divisão, reuniu os documentos e pôs no meu porta-cartas e levei. Caminhando sobre a neve, era muito fácil o inimigo ver alguém caminhando, por causa da roupa escura. Eu não estava com o traje branco dos esquiadores e, a certa altura, atiraram uma granada de morteiro, mas o alvo foi muito errado, caiu a cerca de 50 metros de onde eu estava. Apertei o passo e continuei andando. Aí, veio a segunda granada, talvez mais perto, a uns 30 metros, eu vi quando caiu e estourou. Fez muito barulho. Prossegui. Achei que os meus inimigos estavam esbanjando munição, num indivíduo, porque era uma granada muito dispendiosa, boa para uma tropa, não para um indivíduo. Aí, veio a terceira granada, que chegou a uns três metros de onde estava, e não explodiu. Se explodisse, aí haveria pedaços de João Soren voando para uns 50 metros. Não explodiu. Havia nevado bastante. A neve é fofa como o algodão; ela não é sólida, a menos que depois se congele. A neve amorteceu o choque da espoleta e ela não explodiu. Aí, desistiram. Foi quando, então eu cheguei até o PC do batalhão e entreguei as ordens. Esperei escurecer e voltei para minha base. Chegando lá, os meus companheiros diziam: - Aí, capelão, tem o corpo fechado, heim! disse que tinha corpo fechado porque eu tenho Deus comigo. Eles ficaram muito sérios - O Sr. acredita nisso mesmo? - Disse: Acredito; tenho certeza disso. Não ficar lá, amanhã, sem acreditar em Deus, para vocês verem. Essa é uma série de episódios que marcaram a vida e a experiência dos soldados. Esses soldados tiveram episódios, inclusive o capelão, que os aproximaram muito de Deus, tornaram a sua fé em Deus alguma coisa muito viva, e o seu Deus muito real, muito poderoso, que afetou a existência deles para sempre e para o resto da vida.<sup>296</sup>

Eram essas experiências do capelão, junto com a tropa e, algumas vezes, misturado com os demais oficiais e praças graduados, que aumentava sua estima por todos os combatentes, aproximando-os da Assistência Religiosa.

---

<sup>296</sup> AZEVEDO, *O combatente de Cristo...* p. 64 e 65.

O prestígio junto à tropa permitiu ao capelão uma ação direta, interferindo até mesmo no combate. Em um momento difícil descrito pelo Chefe do Estado-Maior da FEB, observa-se a intensidade da coesão dos capelães com a tropa. Tais elementos se transformaram em laços tão úteis que conseguiram atuar na recuperação de um grupamento que entrou em pânico por ocasião de um contra-ataque alemão. O coronel Lima Brayner, na revista “O ECO”, em 1945, relatou o seguinte:

De outra feita, num dia de azar para nós, um contra-ataque alemão atropelou com tal violência uma de nossas unidades avançadas, que começou a estabelecer-se a desordem em nossas linhas. Mas o nosso Capelão-Chefe, advertido do sinistro, partiu célere para o local da luta, desarmado e a peito descoberto; gesticulou e animou de tal forma a tropa, que, tenho por certo, não fosse ele, os soldados teriam voltado as costas ao inimigo. Você sabe, o que é um pânico em combate. Pois, meu amigo, o Capelão-Chefe sozinho salvou neste dia a tropa dessa ignomínia.<sup>297</sup>

O Capelão-Chefe a que o texto se referiu era o Monsenhor João Pheeny de Camargo.

Em outro evento o capelão Soren recolheu, por iniciativa própria, os corpos dos pracinhas tombados em combate. Auxiliou ainda no seu reconhecimento em terreno perigoso, possivelmente minado ou passível de contra-ataque alemão. Por isso foi elogiado pelo próprio comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes.<sup>2</sup> Além da publicação em boletim interno, o elogio foi transcrito na íntegra, com detalhes da perigosa atividade do Rev. Soren, pelo chefe da Assistência Religiosa em seu relatório.

Em investigação procedida pelo Inspetor Geral da Divisão foram confirmadas as informações chegadas a este Cmdo sobre o Capelão Militar Evangélico João Filson Soren.

Esse admirável espírito de sacerdote que, pela incansável dedicação e assistência que vem prestando as praças, já havia conquistado o respeito, a admiração e a amizade dos oficiais e praças do Regimento Sampaio, assim com o de outras pessoas não pertencentes aquele regimento, porém, sabedoras de seu proceder, tão logo soube da existência de corpos insepultos de praças nossas que o estado adiantado de decomposição indicava haverem tomado em combates anteriores, foi, tocado em seus elevados sentimentos de humanidade de caridade cristã, procurá-los e localizá-los, (...)

Durante três dias e meio, o capelão SOREN, sempre incansável e extraordinariamente dedicado nessa nobilitante missão, vasculhou os terrenos de Viteline e Abetaia, ainda semeados de minas e sujeitos ao bombardeio inimigo, tendo recolhido os corpos de 33 companheiros tombados bravamente nos ataques de 29-XI e 12-XII-44 e, talvez, em algumas ações de patrulha.

Trinta e três famílias brasileiras deverão a esse sacerdote, pela nítida compreensão de seus deveres e exemplar cumprimento dos mesmos, o saberem onde jazem os corpos desses entes queridos.

<sup>297</sup> Revista “O ECO”, 1945, apud. SCHNEIDER, *Vivência de um...* p. 83.

É, pois, com grande satisfação que elogio o Capelão SOREN e lhe dou o meu muito obrigado.  
Ass. JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAIS – Gen de Divisão –  
Cmt do 1º Esc da FEB e da 1ª DIE<sup>298</sup>

Os capelães alcançaram êxito nesse envolvimento com a tropa. No caso do capelão Soren, os comandantes do Regimento Sampaio lhe solicitavam nomes de soldados de confiança para missões especiais e de grande importância. Sabiam que o capelão conhecia a tropa mais intimamente do que outros oficiais devido às conversas e aconselhamentos.

Frequentemente, os comandantes de Companhias e de Batalhões, necessitando de elementos de confiança e qualificação excepcionais para encargos de muita responsabilidade e até riscos, pediam-me sugestão de algum nome, tendo verificado que eu tinha conhecimento direto dos soldados, vivia com eles nas linhas de frente, nas trincheiras e outras circunstâncias, e sabiam que eu podia escolher alguém com as qualidades que eles desejavam.<sup>299</sup>

Foi se envolvendo com as atividades da guerra que o capelão conquistou um relacionamento próximo com o pracinha a ponto de, junto com a religião, poder influenciar favoravelmente elevando o moral dos que lutavam. Segundo o relato do tenente Gentil Palhares, na ocasião da morte de um soldado em manobras de instruções, frei Orlando conseguia agir sobre o estado psicológico da tropa, animando-a ainda na concentração da FEB, na Vila Militar.<sup>300</sup>

A responsabilidade dos capelães com a força moral dos combatentes não foi somente alcançada com as visitas ao *front*, mas também através das missas, conselhos, cartas, conversas individuais ou com grupos e visitas aos hospitais de campanha.

### **3.4.1 As Missas e os cultos, orações e cânticos – o reconhecimento das práticas litúrgicas na guerra para elevar o moral dos combatentes**

As missas eram as principais atividades realizadas no coletivo, com grandes ou pequenos grupos. Congregavam bom número de expedicionários em todas as fases da guerra dependendo a situação.

Ainda no Brasil, na Vila Militar, as missas eram celebradas em local nem sempre apropriado, porém, quando escolhido, era respeitado por todos. Não havia uma capela

<sup>298</sup> Elogio publicado no Boletim Interno nº 59, de 28 de fevereiro de 1945, do 1º Escalão da FEB, p. 423 e 424. Transcrito no Relatório do capelão-chefe em 19 de abril de 1945, AHEx, caixa 155, pasta 6, subpasta 3, p. 59.

<sup>299</sup> AZEVEDO, *O combatente de Cristo...* p. 71.

<sup>300</sup> PALHARES, *Frei Orlando...* p. 96.

edificada, mas um altar improvisado. “Tosco tablado, coberto e protegido aos lados com panos de lona. Era a 'igreja', na linguagem ingênua do pracinha.”<sup>301</sup>

O respeito e a reverência do pracinha ficaram registrados em um protesto ocorrido na hora do almoço, devido à tentativa de um soldado usar o altar para comer, conforme observou o padre capelão Manoel Inocêncio L. Santos,

Era de se ouvir a algazarra de protestos que ergueram certo dia os gaúchos, ainda em forma pra o rancho, quando um irreverente, já de posse da “bóia”, ousou aboletar-se na “igreja”, manifestando a sacrílega intenção de profaná-la, transformada em restaurante.<sup>302</sup>

Todas as manhãs, antes da revista, havia a celebração da missa. No fim do dia, frei Orlando dava um “toque de reunir” com sua gaita que anunciava a hora do terço, conseguindo congregar à sua volta aqueles que trabalharam nas manobras de instrução durante todo o dia. A presença não era obrigatória, respeitando-se as minorias de diferentes credos, mas o número de frequentadores era sempre elevado, conforme registraram os capelães.

As minorias eram formadas principalmente por protestantes e oficiais, que também atendiam ao chamado dos capelães. Após as reuniões noturnas, alguns oficiais permaneciam conversando com frei Orlando, ocasião em que expunham suas concepções religiosas chamando-se a si próprios de “espiritualistas” que “seguiram estradas opostas, embora visando ao mesmo alvo.”<sup>303</sup>

Schneider relatou que celebrou uma missa campal no dia da festa de Assunção, com a participação de todo o Regimento Sampaio, cerca de 3.700 homens. Em outras ocasiões, quando reuniões eram fixadas aos domingos, havia a presença de 400 pessoas, naturalmente excetuando-se os que saíam de licença para visitar a família.

As missas continuaram a ser celebradas no deslocamento para a Itália no navio transporte. Segundo o relatório do Serviço de Assistência Religiosa, expedido pelo Major Pascoal Librelotto, em 7 de dezembro de 1944, as missas no mar chagaram a ser celebradas três vezes ao dia, sendo que entre os dias 22 de novembro a 02 de dezembro, foram dadas 300 comunhões, ouvidas 300 confissões, 1 batizado e 12 primeiras comunhões.<sup>304</sup> O número não fora maior por falta de espaço e disponibilidade de horário. O navio a que o major se referia era o USS Gen M.C. Meigs, que fez o transporte do contingente brasileiro.

O capelão Pe. Nilo Kollat disse que “todas as noites no compartimento das praças do 9º B.E [9º Batalhão de Engenharia] recitávamos os terços, a ladainha, sempre acompanhada de

<sup>301</sup> SANTOS, Manuel Inocêncio *et. al. Recordações de um ...* In *et. al, Depoimentos de...* p. 363.

<sup>302</sup> *Ibid.*

<sup>303</sup> PALHARES, *Frei Orlando...* p. 99.

<sup>304</sup> Relatórios da Assistência Religiosa, AHEx, caixa 155, pasta 6, subpasta 3, pp. 7-24.

pequena doutrinação, o comparecimento era quase total.”<sup>305</sup>

Ao avistar Nápoles, também foram celebradas missas simultâneas por todo o navio em agradecimento a chegada na Itália, sem torpedeamento dos submarinos alemães. Todavia foi nos campos da Itália que se sentiu sua necessidade maior de se elevar o moral dos soldados.

No *front*, alguns capelães continuaram a celebrar missas de manhã, antes da alvorada, e às 18:00h, quando não havia manobras previstas nesses horários. Pe. João P. Cavalcante acreditava que todo o contato próximo dos capelães com a tropa e o trabalho que a Assistência Religiosa estava realizando, tanto na concentração, no transporte marítimo, quanto no *front*, elevaria o moral da tropa.

Nosso convívio diário, junto aos soldados em catequese quase que individual, foi para nós o ponto de vista inicial e principal de todo o nosso trabalho no Exército. Agora, no campo de batalha, este fruto se fará sentir não só no valor de nossos homens, mas na resignação em suportarem as desgraças da guerra e intempéries do tempo.<sup>306</sup>

Havia missas de grande porte como a ocorrida na catedral de Pisa. Frei Orlando foi designado, poucos dias depois de seu desembarque, para celebrá-la sendo acompanhado por mais oito sacerdotes locais. Houve concentração de mais de quatro mil pessoas, evidentemente mesclando população civil e militares. O Hino Nacional Brasileiro foi entoado pela primeira vez no solo italiano em guerra.

No dia 6 de dezembro de 1944, também foi celebrada uma missa pelo capelão-chefe, Padre João Pheney Camargo. No altar havia a Bandeira Brasileira. Para Palhares, essa missa recobrou o ânimo dos soldados que retomaram as posições anteriores em Abetaia, Bombiana e Gaggio Montano.

Numerosas missas foram celebradas até os últimos dias da guerra. Os relatórios individuais dos capelães revelam o quantitativo de missas, confissões e de comunhões distribuídas, porém, foram encontrados apenas relatórios de meses específicos, e não de todos os meses de guerra nos quais a tropa brasileira participou. É provável que o ambiente de guerra, com falta de materiais e as condições nem sempre favoráveis, impedissem os capelães de produzir mais relatórios. Tais fontes são complementadas pelo relatório final do capelão chefe e com os demais escritos em diários e memórias produzidas pelos capelães.

Alguns exemplos já foram descritos nas linhas acima. Outros se seguem, longe de serem singulares, como do capelão Pe Nilo Kollet, que registrou, em seu relatório, 32 missas e 123

---

<sup>305</sup> Ibid.

<sup>306</sup> Ibid.

comunhões em fevereiro de 1945.<sup>307</sup> Dourado também registrou 8 missas, entre os dias 11 e 18 de fevereiro do mesmo ano, só na localidade de Sila.<sup>308</sup> A explicação estava na preparação do moral da tropa nos momentos finais das operações que resultaram na tomada do Monte Castelo. Nas missas, os capelães sempre instigavam os soldados à sua responsabilidade com a pátria.

O capelão do 1º Batalhão do 2º Regimento de Infantaria registrou 36 missas, 246 confissões e 369 comunhões.<sup>309</sup> O capelão do Depósito da FEB registrou que, em março de 1945, realizou 77 missas, mais de mil confissões e 1.333 comunhões.<sup>310</sup> Outros capelães, em seus relatórios, só afirmam ter celebrado várias missas ao longo do mês em capelas improvisadas ou mesmo em diferentes lugares, o que nos impede de montar um quadro com quantitativos exatos. Esses são alguns dos exemplos que se multiplicaram durante a guerra e são arrolados ao longo deste trabalho.

O trabalho do capelão evangélico tinha o mesmo objetivo do católico, ou seja, atuar sobre o moral da tropa. O método apenas se diferenciava na prática, por substituir a missa por culto, que também continham orações espontâneas e hinos. Soren também conseguiu fundar um coral com os integrantes da FEB.

No livro *Soren, o combatente de Cristo*, o capelão registrou que diariamente fazia uma reunião de oração e, aos domingos, cultos, cujo comparecimento, além dos evangélicos, atraía vários outros interessados. Não há referência do lugar exato, mas Soren diz que eram realizados no acampamento, em um galpão improvisado do 1º Regimento de Infantaria.

O Rev. Soren registrou em seu relatório do mês de março de 1945:

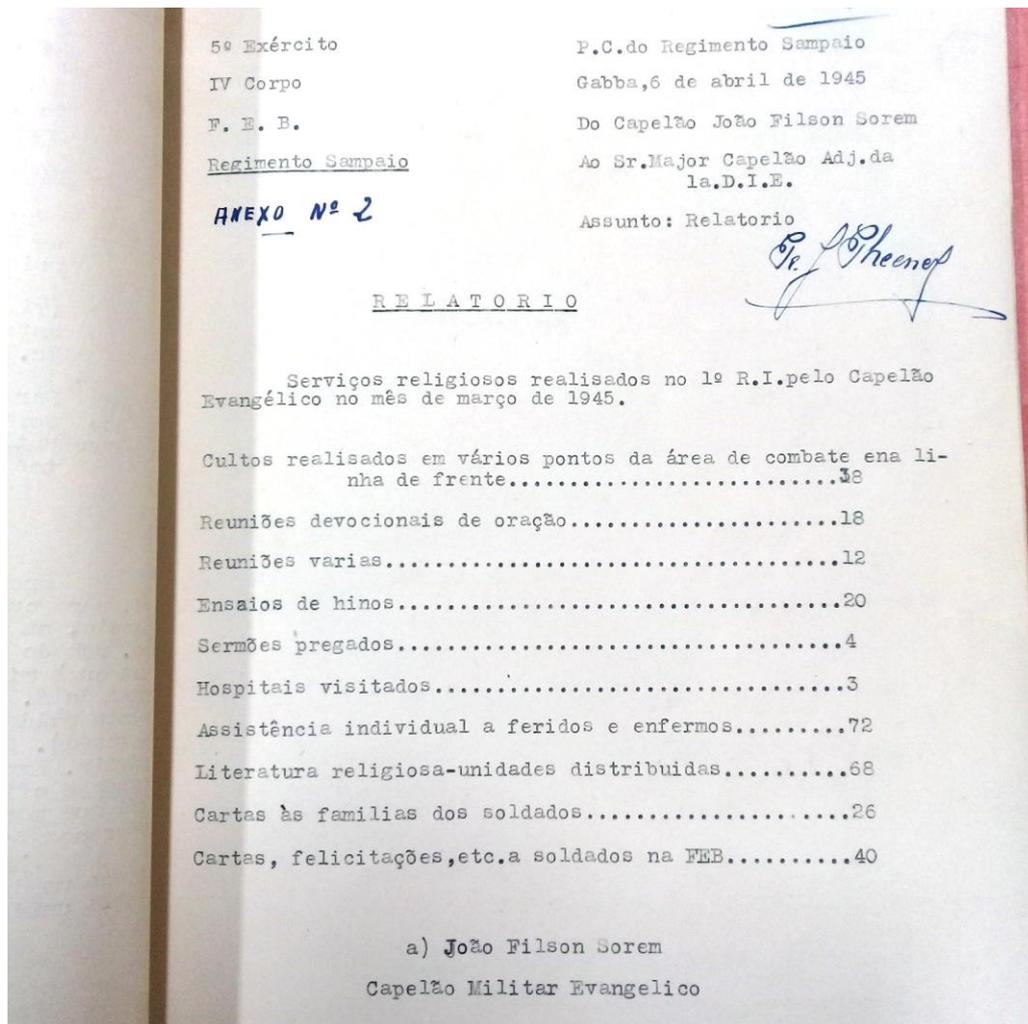
---

<sup>307</sup> Relatórios da Assistência Religiosa, AHEx, caixa 155, pasta 6, subpasta 3, pp. 7-24.

<sup>308</sup> Ibid.

<sup>309</sup> Ibid.

<sup>310</sup> Ibid.



(Fonte: Relatórios da Assistência Religiosa, AHEX, caixeta 355, pasta 2, subpasta 9, p. 6.)

No relatório reproduzido na imagem acima, há referência a “ensaio de hinos”, devido ao coral que o capelão organizou. Dentre os materiais de instituições protestantes recebidos pela Assistência Religiosa da FEB, por intermédio de Soren, estava um hinário organizado pela Casa Publicadora Batista, com 100 hinos especialmente selecionados para a ocasião de guerra, reunião intitulada *Cantor do Soldado Cristão*. O material foi exposto à apreciação do próprio capelão Soren antes de ser impresso.

Para o chefe do Serviço de Assistência religiosa, capelão Padre João Pheneuf Camargo, as missas ou cultos tinham o propósito de elevar o moral da tropa, conforme registrou em seu relatório final:

Se consideramos a Capelania Militar em toda a expressão de sua vitalidade, na procura não tanto do bem estar do soldado, mas na elevação moral da tropa, os atos religiosos tem a maior influência, pois atraem as bênçãos de Deus e refazem o coração do homem, dando-lhe a possibilidade de confiar em Deus, cuja presença não temem, ainda nas ocasiões mais difíceis. Por isto, sem descuidar de outras obrigações de nosso ministério sacerdotal entre os soldados, pomos isto em primeiro plano.<sup>311</sup>

<sup>311</sup> Relatório do capelão-chefe em 19 de abril de 1945, AHEX, caixeta 155, pasta 6, subpasta 3.

As missas não eram apenas celebradas fora das manobras. Em alguns casos, ocorriam em meio a situações difíceis. Schneider relatou que, em seus últimos dias de combate, faltando cerca de um mês para o fim da guerra, foi transferido do 1º RI para o Depósito da FEB, em Stáffoli, onde havia oito mil combatentes. Antes disso, celebrou uma missa em Quercíola, nas ruínas de uma capela para vinte soldados, experiência que quase custou sua vida e dos participantes.

De repente nos sacudiu o terrificante assobio dum morteiro oitenta e oito. Direitinho por cima de nós deu o impacto nas telhas, mas trancou no gelo, quieto ali. Dei ligeiro uma benção no terrível projétil e avisei os assistentes para fugirem. Se for para morrer, vamos morrer na missa, foi a costumeira resposta. E nada aconteceu...<sup>312</sup>

A missa foi uma das poucas que contou com baixa participação, provavelmente em decorrência de não estar prevista, mas ter sido celebrada a pedido do grupo de combate.

Em carta para familiares, datada do dia 2 de fevereiro de 1945, frei Orlando escreveu que celebrava missa em qualquer lugar e hora. Celebrava, inclusive, em igrejas locais, algumas vezes em ruínas devido aos bombardeios.

Dourado também celebrou missa para grupos avançados no terreno inimigo, precisando atravessar campos sob mira de atiradores alemães. Nessa ocasião, foi admirado pelos soldados por atravessar um terreno perigoso sem estar armado. A celebração foi feita com cânticos em baixa voz devido à proximidade com o inimigo.

As missas não eram de presença obrigatória, por isso sua assistência indicava o apego religioso do pracinha. Muitas eram a pedido dos soldados que estavam internados nos hospitais de campanha, em favor dos companheiros mortos em combate ou por familiares. Outras eram a pedido dos comandantes de companhias para elevar o moral das tropas, reconhecendo a influência que o capelão e a Assistência Religiosa tinham sobre o soldado.

As mensagens eram simples para fácil assimilação. No entanto, foram diretas para persuadir e convencer os combatentes, preparando-os para enfrentar longas marchas e exaustão, mantendo o equilíbrio e as virtudes militares. Explorava-se assim o sentimento de cumprimento do dever.

O teor das mensagens nas missas e cultos são reveladas no relatório do capelão chefe Pe João Pheney Camargo, que afirmou:

---

<sup>312</sup> SCHENEIDER, *Vivência de um...* p. 111.

O S.A.R [Serviço de Assistência Religiosa], com bem sabe V. Excia, não se limita à parte propriamente religiosa. Sendo o verdadeiro religioso um homem completo, física e moralmente, os capelães trabalharam pelo aumento da vida moral e cívica.

Diz-se geralmente que um sacerdote que não prega é um cão mudo. Sei que os capelães tem levado a sério a obrigação de falar aos soldados. Os assuntos escolhidos não são apenas de ordem estritamente religiosa, mas todo qualquer motivo que possa servir PARA LEVANTAMENTO MORAL DA TROPA.

Segue alguns assuntos que um dos capelães desenvolveu e que servem de modelo a muitos outros:

“Tanto para se conservar o moral como a boa moral da tropa tenho abordado nas minhas preleções os seguintes temas:

- a) Colaboração com os superiores para o êxito da missão que devemos cumprir;
- b) O espírito de sacrifício que gera o verdadeiro cumprimento do dever de cada um no seu setor;
- c) O sentimento de abnegação para com a Pátria, para a qual todo o sacrifício é pouco;
- d) a lealdade para com a família distante;
- e) O respeito para com a população italiana;
- f) Não abusar da miséria da população civil; respeitar os bens das mesmas.”<sup>313</sup>

Não é possível saber sobre todas as mensagens feitas por cada capelão porque não constam em seus relatórios. Os temas genéricos expostos acima foram exemplificadores, mas também norteiam a temática dos sermões.

Contudo, um dos relatos de Dourado, quando celebrou missa em uma casa italiana, onde um grupo de guarda permanecia por longo tempo próximo ao inimigo, exemplificou como eram as mensagens.

O tempo naquela frente e o perigo ao qual todos estavam expostos marcavam a fisionomia dos militares descritos por Dourado. Os homens estavam barbudos, com olhos encovados, o que denunciava o desgaste coletivo.

A mensagem da missa celebrada naquela ocasião teve como fonte principal o exemplo do centurião de Cafarnaum. No texto bíblico, o chefe militar romano pediu a Jesus que curasse seu subordinado que se encontrava doente, mas que o Mestre apenas desse a ordem de cura sem precisar ir ao local.

E o centurião, respondendo, disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado há de sarar.

Pois também eu sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu criado: faze isto, e ele o faz.<sup>314</sup>

<sup>313</sup> Relatório final da Assistência Religiosa, Arquivo Histórico do Exército, Livro nº 151, p. 2.

<sup>314</sup> BÍBLIA, Sagrada... Mateus 8: 8-9.

O capelão ressaltou a organização do exército romano. As ordens eram cumpridas independentes do lugar, tempo e situação. Os homens não precisavam ser vigiados, mas cumpriam as ordens demonstrando disciplina. Havia entre os militares laços de confiança e lealdade. O comandante também estava preocupado com a saúde de seus subordinados, não os deixando para trás em caso de ferimento ou doença. O capelão relacionava o exemplo bíblico com a vida dos soldados no *front*. No final do episódio o servo do centurião foi curado:

E, ouvindo isto Jesus, maravilhou-se dele, e voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé. E, voltando para casa os que foram enviados, acharam são o servo enfermo.<sup>315</sup>

A mensagem do capelão ressaltou a fé que o combatente precisava ter em Deus para superar a tensão que o grupo de combate vivia. Era uma situação que não tinha prazo para terminar. Os homens passavam por um inverno rigoroso, os alimentos eram racionados, e ainda passavam por momentos agravados pela violência do inimigo e o risco da própria vida. Apesar disso, os capelães acreditavam que o soldado cristão tinha a capacidade de manter-se menos “selvagem” e mais ético no combate por mais tempo.<sup>316</sup>

Além das mensagens em missas e cultos, os combatentes contavam com as reflexões escritas no Manual de Orações e no Novo Testamento bíblico, distribuídos pela Assistência Religiosa. Assim, os textos podiam ser lidos e interpretados pelo combatente em qualquer lugar, como já abordados anteriormente neste capítulo.

Entre os protestantes, nos momentos de culto, o capelão Soren solicitava que os participantes entoassem um hino que considerava especial, o *Minha Pátria para Cristo*. Muitas vezes diziam “Vamos cantar os hinos do Soren.”<sup>317</sup> Segundo o capelão, “os nossos hinos se popularizaram.”<sup>318</sup> Normalmente, eram entoados com o acompanhamento de um órgão portátil.

Minha Pátria para Cristo!  
Eis a minha petição.  
Minha Pátria tão querida,  
Eu te dei meu coração.

Lar prezado, lar formoso,  
É por ti o meu amor.  
Que o meu Deus de excelsa graça  
Te dispense seu favor!

<sup>315</sup> Ibid, Lucas 7: 9-10.

<sup>316</sup> AZEVEDO, *O combatente de Cristo...* p. 65, 72.

<sup>317</sup> Ibid. p. 155.

<sup>318</sup> Ibid. p. 68.

Salve Deus a minha Pátria,  
Minha Pátria varonil!  
Salve Deus a minha terra,  
Esta terra do Brasil!

Quero, pois, com alegria,  
Ver feliz a mãe gentil,  
por vencer Seu Evangelho  
Esta terra do Brasil.

"Brava gente brasileira,  
Longe vá temor servil."  
Ou ficar a Pátria salva,  
Ou morrer pelo Brasil.<sup>319</sup>

Após os pedidos das bênçãos de Deus em favor do Brasil, os dois últimos versos fazem referência ao hino da Independência “ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil”<sup>320</sup>. Dessa forma, procurava-se elevar o moral do soldado relacionando sua luta, que seria abençoada por Deus, com a vitória e a obtenção da liberdade ameaçada pelos regimes ditatoriais que imperavam na Europa. A ideia subjacente era a salvação do próprio Brasil, terra natal onde estavam seus entes queridos e sua família. Se necessário, a própria vida dos combatentes precisava estar à disposição do sacrifício.

Antes das operações era comum, quando possível, o sacerdote dar a bênção à tropa por pequenas turmas. Padre Schneider, por exemplo, abençoou o 1º Batalhão do 1º RI e o 3ª Batalhão do 11º RI, no dia 28 de novembro de 1944, por ocasião dos preparativos para o terceiro assalto ao Monte Castelo. No dia do combate, a tropa partiu às 19:00h de Gagio Montano, marchando durante toda a noite por estradas íngremes e prolongadas encostas para se colocar defronte ao Monte. A cerca de 500 metros do inimigo, as tropas sentiam o efeito da artilharia através dos morteiros causadores de pesadas baixas. Sobretudo o capelão registrou que a tropa tinha moral elevado.

Durante os preparativos para a tomada de Soprassasso, a surpresa do assalto havia sido denunciada pelo movimento das viaturas aliadas ou por espões de Riola, segundo o relato de prisioneiros alemães. Os homens de um pelotão de expedicionários, sabendo que sua missão os levaria ao contato direto com os alemães, solicitaram ao capelão a celebração de uma missa. Frei Orlando observou que o pracinha sentia falta da Assistência Religiosa e por isso se aproximava do capelão e das missas ou cultos. Em algumas ocasiões, os soldados usavam residências de camponeses italianos como base de apoio. Nesses eventos os pracinhas rezavam junto com o proprietário da casa.

<sup>319</sup> Oração pela Pátria, Cantor Cristão, hino 439.

<sup>320</sup> Hino da Independência, letra de Evaristo Ferreira da Veiga.

Em pesquisas realizadas por A. S. Stouffer, em 1949, as orações representavam um importante ingrediente para o conforto moral dos homens em combate. A prática das orações auxiliava a reduzir o nível de estresse daqueles que estavam mais próximos da frente de combate. Ao mostrar seus resultados, Stouffer dizia que: “Tanto na Itália quanto no Pacífico, em épocas distintas, as orações auxiliavam mais o pessoal a se ajustar ao combate do que outras filosofias relacionadas nos questionários.”<sup>321</sup>

O mesmo autor constatou que as orações eram feitas em qualquer nível cultural, principalmente entre os praças. Mesmo assim, os oficiais consideravam que a religião era um importante apoio para os homens na guerra. Para Anthony Kellet, não existem ateus em abrigos individuais de combate, o que significa dizer que, dentro das trincheiras, os homens estão constantemente buscando contato com o divino, para encontrar coragem e conforto a fim de se sustentarem no combate.

A religião estava interiorizada nos pracinhas que demonstravam proximidade com o divino, estivessem na máxima exposição à morte ou não. J.J. Dourado registrou em seu livro que “um soldado na graça de Deus é um homem que tudo enfrenta.”<sup>322</sup> O capelão se referia ao poder que, segundo sua crença, a fé possui em adicionar moral em qualquer tipo de luta na qual o soldado se envolvesse.

Dourado exemplificou o dito acima ao citar a conduta do cabo Marcílio Luís Pinto. Em uma missa, o cabo solava os hinos com entusiasmo, no que era acompanhado por outros companheiros. Outros cânticos também eram ouvidos na hora da comunhão com músicas escolhidas pelo mesmo cabo. Segundo o capelão, os ecos das melodias entoadas por todos os soldados faziam parecer que estavam em uma igreja no Brasil e não no *front*.

Dias depois, o mesmo militar, católico convicto, estava em combate contra os alemães, conseguindo fazer prisioneiros e repudiar uma patrulha inimiga. Um jornal registrava a operação ressaltando a medalha que o cabo recebera por ato de bravura do Comando Americano:

Marcílio Luís Pinto, cabo, Força Expedicionária Brasileira: - Por bravura em ação, em oito de novembro de 1944, na Itália. Quando membro de uma patrulha em missão de reconhecimento nas vizinhanças do monte da Torre de Nerone, Itália, o cabo Pinto participou de um ataque de surpresa a uma posição inimiga. Sem se preocupar com sua segurança pessoal, avançou sobre um ponto forte inimigo e capturou vários prisioneiros, bem como o seu respectivo equipamento. Demonstrando sangue frio sob o fogo, o cabo Pinto fez recuar uma patrulha que tentou libertar os prisioneiros, e durante a ação matou vários inimigos. Com outros membros da patrulha, trouxe os prisioneiros e o equipamento capturado para as linhas amigas. O cabo Pinto,

<sup>321</sup> KELLET, Anthony. *Motivação para o Combate*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1987, p. 219.

<sup>322</sup> DOURADO, *Estou Ferido...* p. 81.

pela sua ação de bravura, reflete a confiança em si próprio e está de acordo com as altas tradições dos exércitos aliados.  
 Marc W. Clark, Tte. -General do Exército dos Estados Unidos, comandante.”<sup>323</sup>

O cabo Marcílio Pinto recebeu, no total, duas medalhas por ato de bravura. Em conversa com o capelão, relatou que fizera promessa, em conjunto com outros componentes do seu grupo, que se voltassem vivos ao Brasil visitariam o santuário da santa (provavelmente se referia a Nossa Senhora Aparecida). Todos retornaram vivos.

Outro exemplo extraído de Dourado foi sobre um pracinha soterrado após as explosões de granadas próximas de seu abrigo. O soldado ficou preso em túneis cavados por ele próprio. Sem material e luz para tentar sair daquela situação, começou a rezar até que conseguiram retirá-lo do subsolo.

O apego ao divino diante da morte sempre foi comum aos homens, mas o soldado brasileiro tinha variados traços que demonstravam a intensidade de sua religiosidade.

Como analisado, o Manual de Orações era comum nos bolsos dos combatentes. Houve caso, relatado por Dourado, que estilhaços de granada atingiram um pracinha, perfurando apenas o livro que estava em seu bolso, salvando-o do ferimento e da morte. Esses manuais apresentavam desgaste, demonstrando o uso contínuo do mesmo por seu portador.

O pracinha trazia o hábito das orações da religiosidade familiar e das raízes culturais brasileiras. O soldado Marcelino morreu quando atingido por uma explosão da artilharia inimiga. Suas últimas palavras clamavam por Deus, ato *in extremis* que era repetido por muitos outros na hora da morte. Marcelino contava aos companheiros que, ao deixar o Brasil, a recomendação recebida de sua mãe era que pensasse sempre em Deus, principalmente se o pior acontecesse. Pediu ela ainda que não esquecesse das preces de cada dia e de carregar consigo a imagem de Cristo.

Outro caso foi presenciado por Schneider, em dezembro de 1944. Era relativo a um soldado ferido por estilhaços de granada no estomago e na coxa, vindo de Giardino. Este, na ocasião, orava espontaneamente a Deus, mas sem pedir por sua vida. Sua preocupação estava com a reação de familiares que deixara no Brasil. “Que vai dizer agora minha mãe se eu morrer aqui tão longe. Coitada, ela me adorava.” Quando enxergou a presença do capelão disse “Meu capelão, agora que eu acabei de rezar.”<sup>324</sup>

Os clamores pela Assistência Religiosa, expressados no trabalho do capelão, não vinham apenas dos soldados, mas também de seus chefes militares que reconheciam a

---

<sup>323</sup> Ibid. p. 83, 84.

<sup>324</sup> SCHNEIDER, *Vivência de um...*, p. 80.

relevância do trabalho religioso para influenciar o moral da tropa. Depois dos reveses em Monte Castelo, antes do inverno no final do ano de 1944, o impacto psicológico do combate afetava o equilíbrio emocional dos homens. A tropa, no geral, ficou em desalento e os comandantes de companhias pediam para que os capelães celebrassem missas a fim de elevar o moral. Reconhecia-se, assim, que a prática da fé produzia um efeito de paz e calma nos expedicionários, além de recuperar seu ânimo e suas esperanças para um novo dia.

### **3.4.2 Visita aos Hospitais – o diálogo e o aconselhamento**

O trabalho da Assistência Religiosa, por meio do capelão, também foi observado nos hospitais de campanha entre os feridos. Havia natural dificuldade para o combatente manter seu moral elevado quando se encontrava ferido ou mutilado em algum hospital. Pe. Olavo Ferreira de Araújo, por exemplo, ao visitar o hospital de Nápoles, verificou o abatimento moral dos feridos.

Nesses casos, a metodologia adotada pelos capelães era o diálogo, efetuado no constante contato com os feridos, seja nos hospitais ou no primeiro atendimento ainda no *front*.

Há relatos de práticas que ocorriam em hospitais que contribuía para piorar o moral daqueles que estavam em tratamento. No 38º Hospital, as enfermeiras brasileiras relataram a existência da “cama da morte.” Consistia em um local separado com uma cama para os feridos desenganados, com o objetivo de esconder sua morte dos demais e evitar o impacto psicológico. Entretanto, quando morriam, um toque de clarim simbolizando silêncio era tocado, gerando abatimento moral nos internados. O problema fez com que o comandante abolisse o cerimonial.

Nos hospitais que os capelães brasileiros visitavam, o ânimo dos feridos era mais elevado. Pe. Nilo Kollet relatou, em 20 de dezembro de 1944, a confiança que o soldado tinha no encontro com o capelão. Alguns pediam seu acompanhamento no tratamento dos ferimentos do combate.

O caso não ocorreu somente com Pe. Kollet. O Chefe do Estado-Maior do Comando da FEB na Itália, coronel Lima Brayner, relatou que estando em um posto médico avançado, logo após um ataque, os feridos graves, que não poderiam esperar remoção para os hospitais, só aceitavam a cirurgia imediata se um capelão estivesse ao seu lado.

Tais casos não eram raros. Outro ocorrido diz respeito a um soldado do 11º RI, (Regimento Tiradentes), que após ser atingido por uma mina e sabendo de sua provável morte, solicitou a presença de um capelão disponível no momento, como se segue no relato do

Rev. Soren:

Vítima de explosão de uma mina, pernas esfaqueadas, todo ferido, pedia para confessar-se. Dirigi-me ao Posto de Triagem, de onde saem os feridos em estado grave para os hospitais. Junto ao leito, perguntei ao soldado: - Por que quer confessar-se? - Sei que vou morrer - respondeu ele - e quero dizer a alguém o quanto eu errei, mas desde que ouvi os hinos fiquei impressionado com a extensão dos meus pecados e senti-me mudar, interiormente. E depois de ouvir as minhas palavras, segurando a minha mão, que foi o seu último gesto, disse: - Estou vendo Jesus Cristo. E partiu para perto dele.<sup>325</sup>

Note-se que o moribundo solicitou, primeiramente, a presença de um padre, pois desejava se confessar. Mas, na ausência do sacerdote católico, a pacificação interior do soldado se deu pela presença do capelão protestante, que não poderia prover sacramentos católicos como a confissão ou a extrema-unção. Assim, a consolação espiritual provida pelo capelão, independentemente de sua particular pertença religiosa, fica evidenciada.

Nos hospitais de campanha, o capelão levava conforto aos feridos. Um pracinha internado pediu à enfermeira que chamasse o padre porque precisava conversar com ele. Quando o padre chegou, o pracinha lhe disse:

Fique um instante comigo sua presença me conforta. Quero, mais uma vez, dizer-lhe os meus segredos. (...) olhe aqui, padre, amanhã o senhor vai escrever uma carta à minha tia contando que me confessei, que me deu bons conselhos, que estou ferido, mas sem perigo de vida e que voltarei para abraçá-la.<sup>326</sup>

A religiosidade do pracinha não arrefecia nos hospitais. Dourado observou que um soldado, vítima de estilhaços de uma explosão, tinha o corpo com vários ferimentos marcados de sangue. O capelão, consternado, falou que seus ferimentos assemelhavam-se com as chagas de Cristo. O soldado prontamente respondeu que suas feridas não eram nada comparadas com as de Cristo. Enquanto o ferido dialogava com o capelão, seu moral se elevava.<sup>327</sup>

Os soldados ficavam ansiosos por saber notícias dos companheiros que permaneciam no *front*. Muitos desejavam retornar para a luta, como acontecia no Hospital de Livorno, atendido pelo capelão Pe. Gregório Comassetto.<sup>328</sup> Informação confirmada por Dourado quando esteve visitando o hospital de Pistóia. O capelão dizia em relatório, enviado ao chefe da Assistência

<sup>325</sup> AZEVEDO, *O combatente de Cristo...* p. 155.

<sup>326</sup> DOURADO, *Estou Ferido...* p. 41 e 42.

<sup>327</sup> *Ibid.* p. 43.

<sup>328</sup> Relatório final da Assistência Religiosa, Arquivo Histórico do Exército, Livro nº 151, p. 6 e 7.

Religiosa, “As nossas praças do 16º Hospital em Pistóia, vão bem e todos desejosos de voltar a seus postos na linha de frente.”<sup>329</sup>

A religiosidade era também partilhada pelas enfermeiras da FEB. Berta Moraes relatou que uma de suas colegas, no 38º Hospital, era profundamente religiosa e nem sempre compreendida pelas enfermeiras americanas, conforme seu relato:

Uma colega nossa, profundamente religiosa, filha de Maria, não se conformava, conservando sempre, durante o banho que era comum e na mesma hora, uma peça de roupa. As americanas intrigadas comentavam o fato, até que um dia a enfermeira-chefe entrou a indagar se a moça não estava escondendo alguma doença. A pobre não teve outra alternativa senão concordar.<sup>330</sup>

A própria enfermeira Berta rezava constantemente pelos feridos que chegavam, “creio nunca ter rezado com mais sinceridade e fervor: Senhor! Fazei que se acabe esta guerra. Poupei-nos desse sofrimento sem par!”<sup>331</sup>

Alguns dos internados nos hospitais não eram apenas de feridos físicos, mas também os relacionados a baixas psicológicas ligadas ao ato de matar e ao medo de morrer, como as pesquisas de Grossman e as análises de Ariès relataram no capítulo anterior.

O Serviço de Assistência Religiosa enfrentou baixas psicológicas de pracinhas na tentativa de auxiliá-los a se recuperar. Dourado contou sobre um soldado que vivia perturbado porque matou com golpe de mão um nazista. Seu grupo atacou, em combate aproximado, uma patrulha alemã. Quando acabou a munição de sua arma, o pracinha matou seu inimigo a golpes de faca, conforme relatou ao capelão:

- Meu caso é um caso (...) vivo atormentado, dia e noite. Quem resolvesse o meu caso seria um grande amigo meu. Os olhos se encheram de espanto (...) Nesse passo, o rapaz fechou-se novamente em silêncio, para logo depois prosseguir, na voz algo de trágico.

- eu já havia descarregado toda munição da minha arma quando, a frente de mim, surgiu armado um nazista de rosto medonho. Era um gigante! Numa fração de tempo, o instinto me soprou a cabeça uma idéia feliz. Tomei, com as duas mãos, o meu fuzil e com toda a força dos braços atirei-o contra o rosto do tedesco. Ele levantou o fuzil para aparar o golpe, enquanto, não sei em que instante, eu mergulhava, como um bicho enterrando-se na boca do estômago, a faca resistente. Ele deu um urro de dor e foi caindo, porque lhe dei uma outra facada, enterrando-a, desta vez, até o cabo! (...) dei-lhe outros golpes. Já me fazia mal aquilo, mas era preciso ficar ali mesmo até que o perigo passasse. Granadas de mão explodiam em volta. A cada estampido, o moribundo agitava o corpo e abria os olhos num espasmo. A meus ouvidos, chegava o ronco da sua boca escancarada, por onde saltavam jatos de

<sup>329</sup> Relatório final da Assistência Religiosa, Arquivo Histórico do Exército, Livro nº 151, p. 8.

<sup>330</sup> MORAIS, Berta. *Testemunho de uma enfermeira*. In *et al*, *Depoimentos de...* p. 382.

<sup>331</sup> *Ibid.*

sangue, que lhe tingiam a barba crescida e suja. Foi a impressão que me ficou! Nunca mais pude dormir. A cada instante, ouço o resfolegar pavoroso do homem, e seus olhos terríveis me enchem de medo. É uma assombração! E, por isso essa gente, aí do hospital me chama de doido.<sup>332</sup>

O capelão ouvia pacientemente esses homens, que dividiam com ele sua dor, embora existisse um posto avançado de neuropsiquiatria em Ponte Della Venturina. Nesse posto, tentava-se, por intermédio da medicina, tratar problemas relacionados com o estado psicológico dos pracinhas.

No caso dos diálogos e aconselhamentos, mesmo fora dos hospitais, o reverendo Soren relatou que fora a uma das companhias do 1º RI, onde havia um sargento perturbado com algo que não relatava a ninguém. Após conversar com o pracinha em sofrimento, o capelão descobriu que o problema era devido ao recebimento de uma carta do Brasil e a notícia do fim do seu noivado.

Cheguei lá e o sargento estava acabrunhado e ele não era desse jeito. Era alegre, expansivo, animado.

- O que há?

- O senhor não imagina.

- O que é, alguém morreu?

- Não.

Então mostrou uma carta. Uma carta da noiva dele, dizendo que tinha se apaixonado por outro e que dava o noivado com ele por encerrado. É difícil imaginar o que isso significa para um soldado na guerra. Pedi a Deus que me desse uma palavra para aquele rapaz.

Após o dialogo do capelão com o sargento:

No dia seguinte, o major me telefonou:

- O que foi que aconteceu capelão, o que o Sr. fez com ele?

- Ah! Eu disse só umas coisas que ele precisava ouvir. Palavra de capelão mesmo.

- Ah! Mas isso foi uma maravilha.<sup>333</sup>

A Assistência Religiosa contribuía para aliviar as dores dos combatentes feridos em hospitais. Encorajava-os no momento de recuperação e aliviava os sentimentos de culpa pelo ato de matar, conseguindo elevar seu nível moral ou ainda auxiliando a recuperação psicológica desses soldados.

<sup>332</sup> DOURADO, *Estou Ferido...* pp. 42-45.

<sup>333</sup> AZEVEDO, *O combatente de Cristo...* p. 66 e 67.

### 3.4.3 Correspondências

Como já visto, o apego religioso do pracinha, além de espécie de “combustível moral”, auxiliava no enfrentamento do medo de não retornar vivo ao Brasil e à família. O trabalho religioso mitigava o sofrimento e a saudade que os militares sentiam de casa. E, também como já exposto, o apostolado do corpo religioso da FEB ia além das atividades estritamente litúrgicas, ligadas a missas e cultos, abrangendo, como abordado no tópico anterior, visitas a hospitais. E outro importante instrumento de auxílio aos combatentes era a correspondência postal que os pracinhas mantinham com os seus entes queridos no Brasil. Atividade epistolar essa na qual os capelães exerceram importante função.

A carta era uma eficiente aliada dos capelães militares da FEB na aproximação para com seu público-alvo. Os sacerdotes escreviam as correspondências daqueles soldados que eram analfabetos, pouco alfabetizados ou que preferiam que as mesmas fossem redigidas pelos sacerdotes.

No *front*, essas cartas eram escritas a pedido dos próprios pracinhas que procuravam os capelães, como registrado no relatório do Pe. Nilo Kollet: “Constantemente somos procurados em nossa barraca para redigirmos cartas para aqueles que sentem dificuldades em tal.”<sup>334</sup>

As cartas eram uma via de mão dupla, tanto saíam do teatro de operações para as famílias no Brasil, quanto vinham do Brasil para os combatentes. As notícias que vinham das famílias serviam, normalmente, para renovar o ânimo e o moral daqueles que as recebiam. Apesar de não ser regra, correspondências com teor negativo procuravam ser evitadas pela família, tendo em vista o sofrimento que a guerra já impunha aos homens.

Sempre passo essas missivas às mãos dos soldados para que saibam – isto é importante, que o capelão está em contato com sua família, vindo, indiretamente, daí um auxílio aos muitos que tem o Exército em guerra, para a compostura moral do soldado. Se outras razões não houvesse, essa troca de conhecimentos entre o capelão e a família do combatente presta às famílias distantes um conforto bem significativo, dada a religiosidade da maioria da família brasileira.<sup>335</sup>

As cartas demonstravam a preocupação dos pais, desejosos do retorno de seus filhos. Parentes que lembravam aos pracinhas que, mesmo tão distantes em termos físicos, os acompanhavam nas missões e nas dificuldades do cotidiano bélico. Também, nessas cartas, familiares aconselhavam aos seus que se apegassem ao divino e à religião. Noivas e mães, por

<sup>334</sup> Relatório final da Assistência Religiosa, Arquivo Histórico do Exército, Livro nº 151, p. 3.

<sup>335</sup> Relatório da Assistência Religiosa da FEB, AHEx, Caixeta 155, pasta nº 6, subpasta nº 3, pp. 3-5.

exemplo, escreviam dizendo que estavam constantemente rezando pela integridade física e moral dos seus parentes que estavam na guerra. A maior parte das cartas remetidas do Brasil cobrava, dos pracinhas, que buscassem a Deus por meio de orações, confissões e participação nas missas ou cultos.

Dourado registrou um exemplo das cartas enviadas do Brasil para elevar o ânimo da tropa. Uma das missivistas, a Sra. Miranda Abreu, escreveu em forma de poesia o seguinte:

Estarei contigo em sonho  
e em pensamento ...  
E quando, à noite, na solidão  
do teu acampamento,  
vires no céu estrelas a luzir,  
são meus olhos de mãe que te contemplam  
com ternura, a te seguir...<sup>336</sup>

No teatro de operações, os soldados procuravam os capelães para escreverem:

- Escreva à minha mãe. Sei que ficará contente, quando lhe chegarem às mãos notícias minhas, escritas por um ministro de Deus (...) - Agora escreva à minha mãe, dizendo que me viu, que me confortou, que me ouviu de confissão. Olhe! Ela vai ficar muito contente, porque minha mãe, como a de todos os soldados, é muito piedosa, e por isso não posso calcular o prazer que sentirá com notícias santas.<sup>337</sup>

O soldado chamava-se Soldatelli. Estava perturbado ao falar com o capelão que, percebendo, o inquiriu sobre o que tinha.

Que tem você, Soldatelli? Que coisa lhe preocupa o espírito? Que sente? - Estou disposto a tudo, Que Deus me poupe (...). Amanheci de coração perturbado. Uma saudade (...) uma coisa esquisita (...). Preciso de um desabafo.<sup>338</sup>

Dias depois, esse soldado foi ferido por um estilhaço no peito que lhe perfurou o pulmão. Ao se recuperar, foi enviado de volta ao Brasil.

Muitos ficavam sem receber notícias de casa. Havia dificuldades de se encontrar os parentes, pois moravam no interior do Brasil, sendo, muitas vezes, a comunicação difícil. Os capelães recorriam à Legião Brasileira de Assistência (L.B.A) ou escreviam aos prefeitos das cidades. Esse esforço se fazia necessário pois, como afirmava o capelão responsável ao

---

<sup>336</sup> DOURADO, *Estou Ferido...* p. 62.

<sup>337</sup> Ibid.

<sup>338</sup> Ibid.

prefeito em questão, as cartas com notícias de casa eram de relevante auxílio nos momentos de luta, ou seja, eram ingrediente de incentivo moral.

Dourado revelou que havia contentamento entre os soldados que recebiam cartas ou encomendas de seus familiares, pois ficavam mostrando o material uns aos outros. Há registros de outras cartas de agradecimento das mães aos capelães por receberem notícias de seus filhos. Todo esse trabalho contribuiu para elevar, manter ou recuperar o moral dos homens no *front*.

### 3.5 À guisa de conclusão

Concluimos, neste capítulo, que a Assistência Religiosa, concretizada nas ações do capelão militar, obteve o efeito desejado tanto pelo Comando como pelos capelães, demais oficiais, graduados e soldados. Por intermédio de presbíteros – católicos e protestantes – incorporados à FEB, salvaguardou-se, seja elevando, seja mantendo, o moral da tropa destinada a enfrentar os combates e os difíceis momentos da guerra.

Um dos exemplos da ação benéfica do serviço de capelania da FEB ficou demonstrado na última ofensiva para a tomada de Monte Castelo. Nesse crucial segmento da campanha na Itália, a tropa manteve o moral elevado mesmo após as derrotas sofridas nas tentativas anteriores de assalto ao referido local. Alguns capelães expressaram que, na ocasião do derradeiro ataque, havia um sentimento de certeza do sucesso. Após a vitória, prisioneiros da 232ª DI alemã, responsáveis pela defesa de Monte Castelo, comentaram que a resistência das tropas aliadas provocou uma “verdadeira balbúrdia em seu dispositivo”<sup>339</sup>.

Na ocasião da queda de Monte Castelo, o elevado moral da tropa brasileira contribuiu favoravelmente. Os homens resistiram horas e dias de ofensiva contra os alemães, que estavam em posições estrategicamente privilegiadas. Mesmo quando os norte-americanos não puderam mais avançar sobre La Serra, de forma simultânea em apoio à FEB, esta continuou seu ataque.

Devidos às operações ofensivas, o tenente Emílio Varoli, quando esteve prisioneiro, relatou a forma como os alemães viam os soldados brasileiros:

Francamente vocês brasileiros ou são loucos ou muito bravos. Nunca vi ninguém avançar sobre metralhadoras e posições bem defendidas com tanto desprezo pela vida (...) vocês são verdadeiros diabos. Na minha opinião, depois do soldado alemão que incontestavelmente é o melhor do mundo, os brasileiros e os russos são os melhores lutadores que já vi.<sup>340</sup>

<sup>339</sup> MORAIS, Berta *et al.* *Testemunho de uma enfermeira*. In *et al.*, *Depoimentos de...* p. 137.

<sup>340</sup> VAROLI, Emílio *et. al.* *O Batismo de fogo do I/IIº RI*. In *et.al.*, *Depoimentos de...* p. 408.

Não se tratava de bom armamento ou equipamento, nem de estratégias. O elogio do chefe militar alemão era para o moral da tropa brasileira.

Todos os elementos e métodos da Assistência Religiosa, analisados neste capítulo, aplicados em acampamentos, hospitais e também no contexto de diversos combates diretos, demonstraram a eficácia do trabalho da capelania em elevar o moral dos homens, usando-se a religiosidade como instrumento. Devidamente direcionado, o apoio dado pelos capelães militares transformou-se em recurso moral para o enfrentamento da situação dramática – o drama da guerra – em que se encontravam os expedicionários.

## CONCLUSÃO

A entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial foi súbita, apesar das observações e possibilidades imaginadas antes de 1944, pelo governo e por militares do Brasil. Houve um período de neutralidade, porém, a partir do ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, o Brasil respeitou seu compromisso diplomático com os países americanos e prestou solidariedade aos Estados Unidos. No entanto, a declaração de guerra contra as forças do Eixo só veio após os ataques e afundamentos dos navios mercantes brasileiros pelos submarinos alemães. A partir desse momento, juntando-se às causas políticas, acordos diplomáticos, perigos no litoral, aos prejuízos econômicos e à consternação do povo brasileiro à morte de quase mil compatriotas, foi possível a declaração de guerra contra o Eixo.

O Brasil não estava preparado para uma guerra de dimensões mundiais. Tinha um núcleo militar profissional relativamente pequeno se comparado ao poderio bélico das potências européias e iniciou tardiamente a convocação de reservistas. Houve pouco tempo para o treinamento das tropas.

O país dependeu do apoio norte-americano, mesmo assim, era preciso mover-se internamente com o recrutamento e preparação de uma Força Expedicionária, adequando-a ao modelo militar estadunidense – que á época, em nosso país, pouco se conhecia – para seguir rumo à guerra.

A Força Expedicionária Brasileira foi organizada rapidamente. O recrutamento foi uma fase difícil, com numerosas concessões. O fenômeno dos “escapes” de militares por meio de transferências para quartéis não convocados, os apadrinhamentos e o clientelismo, estudados pelo historiador Ferreira Júnior e abordados no primeiro capítulo deste estudo, somados aos casos de dispensa por variados motivos, inclusive por mau comportamento, desanimavam os convocados que não tinham justificativa para não ir à guerra. Percebeu-se ainda que tais convocados pertenciam às camadas mais pobres da sociedade, enquanto os filhos das classes média e alta conseguiram escapar das obrigações militares com a pátria no esforço de guerra.

Assim, o recrutamento contribuiu negativamente para compor o moral do expedicionário. Apesar de existirem voluntários, grande parcela dos convocados acreditava que seguir para a guerra era um castigo.

Outro problema que dificultou a formação da FEB foram as precárias condições de saúde do brasileiro. Não foi possível atingir o padrão norte-americano de saúde nas inspeções. A solução para alcançar um número mínimo de expedicionários, abaixo da ideia inicial, foi reduzir as exigências sanitárias e médicas. Como consequência, muitos seguiram para o teatro

de operações italiano com doenças venéreas, tuberculose e demais problemas respiratórios, úlceras, cardiopatias, caxumba, hanseníase entre outras. Tais doenças enchiam os hospitais de campanha e causavam má impressão diante dos americanos. A FEB manteve uma média de mil doentes por mês, número alto para a proporção da tropa.

Tal quadro abatia o moral da tropa brasileira. Há narrativas de soldados doentes em trincheiras, dependendo dos companheiros e desestruturando as manobras em que estava envolvido. Os estudos de Grossman evidenciaram que a doenças eram o pior dos inimigos para debilitar o moral de um soldado no *front*.

Nos preparativos para a guerra, o Brasil não tinha material suficiente e o armamento americano chegou tardiamente, atrasando o treinamento das tropas. O curto tempo também atrapalhou o preparo moral e a coesão dos homens. A maior parte do armamento e do material americano só chegou à Itália para uso quase imediato, portanto, sem a instrução adequada para a sua operação. A consequência disso ficou evidente nos reveses dos primeiros combates. A FEB enfrentava tropas alemães profissionais, experientes e com mais tempo no teatro de operações.

O pouco tempo de preparo também permitiu que as ideologias da Quinta Coluna abalasses o moral da tropa, despreparada psicologicamente para a guerra. O convocado do interior do país não tinha formação para acompanhar os eventos, entender a propaganda e a necessidade de lutar na guerra por sua pátria, ofendida em sua soberania. Aliadas às ideologias espalhadas pela Quinta Coluna ainda havia o preconceito que menosprezava a capacidade dos soldados ao afirmar que eram mestiços e, por isso, não podiam derrotar o soldado alemão. A capacidade combativa do soldado brasileiro ainda chegou a ser questionada entre os soldados americanos, que observavam o Brasil como a terra do samba e não compatível com a guerra.

O curto tempo e a falta de instrução moral, que não se realizou dentro do tempo adequado para a FEB, contribui como uma das explicações para a indisciplina e degradação moral no seio da soldadesca.

Na Itália, o expedicionário sofreu com o tempo frio, a geografia montanhosa, com os alemães ocupando as melhores posições, os acidentes, as doenças e demais agruras próprias do combate. Monte Castelo, por exemplo, chegou a ser considerado posição intransponível, pois os americanos também não o conseguiram tomar antes do inverno de 1944.

Tais questões são de ordem prática e contribuíam para prejudicar o moral dos expedicionários. Há, entretanto, problemas subjetivos, relativos ao universo interior dos homens em guerra, levando-os a se tornarem baixas psiquiátricas. Foram elencados

principalmente em duas ordens por Grossman: o medo de matar – como matar aquele que não se odeia – e o medo de morrer, esse último também expresso na obra de Ariès.

As conseqüências de tais temores – de matar e morrer – e do quadro de estresse por si só advindo das provações da guerra podiam ser o desespero, pânico, incapacidade de cumprir responsabilidades próprias do combate, deserção, fuga, afastamento por desequilíbrio, conhecido como baixa psiquiátrica, indisciplina, entre outras.

Para amenizar o sofrimento psicológico e o desgaste do moral das tropas, havia os planos de repouso em áreas fora dos ataques. Porém, as dificuldades das manobras e a quantidade de homens envolvidos dificultavam ou retardavam o mecanismo planejado para o descanso.

Outra forma de elevar o moral dos homens em combate eram as condecorações. No entanto, essas geralmente chegavam tardiamente. Cumpriam o objetivo de enaltecer o ato heróico, mas não tinham alcance para, durante o combate, renovar o moral consumido pelo medo. Os homens na guerra não atuam pensando nas medalhas que podem receber, mas em escapar da morte junto com os companheiros à sua volta, cumprindo a missão. Vitórias e condecorações contribuía para elevar o moral, mas ao final das operações.

Assim, o Serviço de Assistência Religiosa era fundamental porque trabalhava o moral dos soldados ainda no *front*, antes, durante e depois dos combates.

A religião, no caso desse estudo o cristianismo católico romano e o reformado, valeu-se da fé pré-existente dos homens envolvidos na guerra, usando-a como fonte, combustível moral para suavizar o medo, o terror, o pânico e, assim, amenizar os casos de esgotamento emocional e baixa psiquiátrica.

A esperança na sobrevivência era sustentada pela fé do combatente. Não se trata de algo novo ao longo da história humana. Mesmo com pouca produção historiográfica sobre o tema, podemos observar que os homens envolvidos nas atividades bélicas, seja na Antiguidade ou no medievo, depositavam suas aspirações de vitória em seus deuses. Com o advento do cristianismo, a fé e a esperança da vitória passaram a repousar em um único Deus.

Especificamente, na 2ª Guerra Mundial, analisada neste trabalho de pesquisa, a Assistência Religiosa estava organizada em muitos exércitos, como no inglês e no norte-americano. O envio de sacerdotes à guerra, tanto por parte das instituições religiosas que os indicaram ou da própria FEB, objetivou fortalecer o moral dos homens. Apoio esse que ficou evidente nos ensinamentos do Manual de Orações do Soldado Brasileiro, de distribuição institucional, e em outros livros distribuídos por entidades particulares com a permissão do Comando, como o Novo Testamento bíblico.

Por parte dos combatentes, sua fé estava expressada nos objetos religiosos que portavam, conforme confirmaram os relatórios do Pelotão de Sepultamento, nas análises de Piovezan. Outra forma de demonstração de fé estava concretizada nas orações e no comparecimento às missas.

O trabalho da Assistência Religiosa da FEB, não se pautou em uma ação em conjunto, nem em ordens emitidas de uma central estratégica do comando, mas de mecanismos desenvolvidos pelos próprios capelães. Dentre os meios usados estavam as missas e cultos com mensagens próprias para o momento de guerra. Na liturgia, estavam presentes os cânticos e as orações, que também podiam ser recitadas ou entoadas em momentos individuais de sofrimento, como percebidos nos relatos de memória de muitos expedicionários. Adicione-se a formação de um coral, as visitas aos hospitais de campanha, cartas aos familiares, conversas e aconselhamentos individuais, iniciativas que foram apuradas nos relatórios da Assistência Religiosa e nas memórias dos expedicionários.

Os capelães, além da fé e religiosidade particular dos combatentes, contavam com a confiança que os militares em geral depositavam no sacerdote. Essa proximidade facilitava o trabalho de capelania e de sua assistência religiosa. Os capelães foram integrados à tropa como oficiais, conseguindo promover uma interação melhor entre o comando e a tropa. Não se envolveram na operacionalidade dos planos de fogos, mas atuaram facilitando o cumprimento das ordens superiores, no alívio das pressões e na contribuição para o reabastecimento do moral dos combatentes. Assim, desenvolveram a coesão necessária com aqueles que estavam sob sua responsabilidade, principalmente quando se arriscavam em missões no *front* para estarem juntos com os combatentes na exposição máxima ao perigo.

Foram nessas circunstâncias, frente ao inimigo real, que foi possível reconhecer com mais nitidez que a prática da fé, trabalhada e aproveitada pelo capelão, possibilitava o equilíbrio emocional nos expedicionários, além de manter seu moral na duração do combate.

Outros momentos cruciais que envolviam o risco de morte ocorriam nas internações médicas por ferimentos graves. Nos hospitais, a assistência dos capelães contribuía para aliviar as dores, o medo e o sentimento de culpa pelo ato de matar. Os internados, após a visita e conversa com o capelão, confessavam a preocupação com os companheiros que ficaram no *front* e manifestavam o desejo de logo retornar ao combate. Os capelães conseguiam recuperar o moral desses homens, auxiliando, quando fisicamente possível, o retorno dos recuperados às atividades militares.

O uso da religião na guerra foi tão marcante para os combatentes da FEB que, em seu retorno ao Brasil, fundaram, junto com o capelão Soren, uma entidade chamada

Confraternização dos Ex-Combatentes e Veteranos Evangélicos da FEB (Confratex-FEB). Dentre os vários praquinas que retornaram muitos se matricularam em seminários teológicos e se tornaram pastores.

(...) A maioria dos componentes da Confratex, que é composta por praças, foram soldados meus no regimento e que tiveram experiências tão marcantes com Deus na guerra, que voltaram sob a convicção de que deveriam continuar servindo a Deus com uma capacidade ainda maior. Ingressaram em seminários aqui do Rio e em outros lugares; e hoje são pastores. A maioria dos membros da Confratex são pastores nestas circunstâncias.<sup>341</sup>

O Serviço de Assistência Religiosa, por intermédio de seus capelães, contribuiu de forma favorável sobre o moral dos expedicionários. A Assistência Religiosa foi reconhecida pelos chefes militares na preparação dos homens, em suas virtudes e no equilíbrio emocional para as ações de combate, sendo responsável por evitar relativamente um quantitativo maior de baixas por problemas ligados ao desgaste psicológico próprios da guerra.

Pode-se perceber o reconhecimento do Comando da FEB na seguinte referência elogiosa:

Eficiente tem sido a atuação do Serviço Religioso... Acompanhando com desvelo a vida do soldado, fortalecendo-lhe a convicção na dignificante missão que veio executar tão longe da pátria, confortando-o nos momentos de crise com a palavra de amigo ou com os sacramentos da Igreja, esses pastores da alma tem grandemente auxiliado a ação de comando... Alentando os feridos na frente de combate ou nos hospitais, aplicando-lhes os socorros espirituais tão necessários, esses missionários da paz muito tem feito pelo bom êxito da FEB na guerra.<sup>342</sup>

Por último, pode-se destacar que o trabalho da Assistência Religiosa nos eventos da 2ª Guerra Mundial permitiu a reaproximação entre o Exército e Igreja, laço que havia sido rompido desde a Proclamação da República e inauguração do Estado laico.<sup>343</sup> Mesmo após o fim da 2ª Guerra Mundial e a desmobilização das tropas, o Serviço de Assistência Religiosa permaneceu, reforçando a ligação com a Igreja. Esta, concede formação religiosa à seus sacerdotes, enquanto as Forças Armadas os absorvem, segundo suas necessidades, formando o capelão militar para atuar sobre a disciplina e o moral das tropas em tempo de paz ou de guerra.

---

<sup>341</sup> SOREN, *O Combatente...*, p. 63 e 64.

<sup>342</sup> PIOVEZAN, *Morrer na...* p. 53.

<sup>343</sup> *Ibid*, p. 203.

**FONTES**

- Relatório da Assistência Religiosa da FEB, Arquivo Histórico do Exército, caixeta nº 155, 355 e 356.
- Relatório do capelão-chefe de 19 de abril de 1945, Arquivo Histórico do Exército, caixeta 155.
- Relatório da Assistência Religiosa da FEB, Arquivo Histórico do Exército, Livro 151.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Marcelo de Paiva. *A economia brasileira e a segunda guerra mundial: o setor externo*. In : ECONOMIA brasileira: uma visão histórica. Org. por Paulo Neuhaus. Rio de Janeiro : Campus, 1980. p. 357-386.
- ALBERTI, Verena. *A construção da grande siderurgia e o orgulho de ser brasileiro: entrevistas com pioneiros e construtores da CSN*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1999, p. 4.
- ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo*. São Paulo: Edusc, 1998.
- ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- \_\_\_\_\_ ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- ARRUDA, Demócrito C. *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial, 1949.
- AZEVEDO, Israel Belo (org). *João Filson Soren, o combatente de Cristo*. Rio de Janeiro: Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, 1995.
- BELLINTANI, Adriana Iop. *O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)*. Brasília: UnB, 2009.
- BERGER, P.A. *Desseccularização do Mundo, uma visão global*. Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: v.21, nº 1, p. 9-24, 200.
- BÍBLIA Sagrada. AT. Tradução de José Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Vida, 2000.
- Boletim Informativo do SAREx, nº 037 de junho de 1982.
- BRAGA, Rubem. *Crônicas de Guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- CANTOR CRISTÃO. [www.cantorcristaobatista.com.br](http://www.cantorcristaobatista.com.br). Acesso em 08 de julho de 2020.
- CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política, 1930-1945*. In: A Revolução de 30: Seminário Internacional. Brasília: Ed. da UnB, 1980.
- \_\_\_\_\_ *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- \_\_\_\_\_ “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual.” In. Dados, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 40, n. 2, 1997, p. 229-250.
- CASTELO BRANCO, M. T. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.
- CORDEIRO, P. M. N. *Guerra de Palavras: a construção do inimigo “Quinta Coluna” pela imprensa pernambucana durante a Segunda Guerra Mundial*. Revista de História e Estudos Culturais Jan/Fev/Mar 2009 Vol. 6 Ano VI nº 1, p. 2.
- CORVISIER, André. *A Guerra*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1999.

- COSTA, Marcelo Timotheo da. *Caminhando rumo ao céu. Viagens na vida e vida como viagem: peregrinações de Alceu Amoroso Lima*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- CPDOC/FGV, Diretrizes do Estado Novo 1937–1945, Conferências interamericanas.
- DOURADO, J.J. *Estou Ferido*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1945;
- DU PICQ, Ardant, Estudos sobre o combate. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.
- EUSÉBIO, de Cesareia. *História Eclesiástica*. Barueri: Editora Novo Século, 2002.
- FAUSTO, B. *Lembranças da guerra na periferia*. Revista USP, nº 26, 1995, p. 17.
- FERRAZ, Francisco César Alves. *A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. São Paulo: USP, 2003.
- FERREIRA JUNIOR, Alcemar. *Uma visceral rebeldia: clientelismo e isenções no recrutamento da Força Expedicionária Brasileira (1943-1944)*. Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2006.
- FROTA, G. A. *Quinhentos Anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.
- FURTADO, Celso. Org. D'Aguiar, Rosa Freire. Arquivo Celso Furtado: *anos de formação*, Capítulo 6 - *Os ares do mundo europeu, 1938-1948*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- GOYA, Michel. *A Invenção da Guerra Moderna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018.
- GIANNI Vattimo. *Depois da Cristandade*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GONÇALVES, Carlos Paiva. *Seleção Médica do Pessoal da FEB, História, funcionamento e dados estatísticos*. Rio de Janeiro, BIBLIEX, 1951.
- GROSSMAN, Dave. *Matar, Um Estudo Sobre o Ato de Matar*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2007;
- HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KEEGAN, John. *A Face da Batalha*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.
- \_\_\_\_\_ *Soldiers: A history of Men in Battle*. Nova York: Viking Press, 1986.
- KELLETT, Anthony. *Motivação para o Combate*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1987;
- LEGOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

- LINS, M.L.P. *A Força Expedicionária Brasileira, uma tentativa de interpretação*. São Paulo: Editoras Unidas, 1975.
- McCANN, Frank D. *A Nação Armada*. Recife: Guararapes, 1982.
- MENDES, Fabio Farias. *Encargos, privilégios e direitos: o recrutamento militar no Brasil nos séculos XVIII e XIX*. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (Org). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: 2004.
- MORAES, J. B. Mascarenhas de. *A FEB por seu Comandante*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2005;
- \_\_\_\_\_ Relatório Secreto da Campanha da Itália, p. 19. Acervo FEB-AS-AHEX.
- MORAIS, Berta; ARRUDA, Demócrito C.; COLLIER, Eduardo; VAROLI, Emílio; GONÇALVES, José; SANTOS, Manuel Inocêncio; AMARAL, Mário; SOUSA, Túlio C. de. *Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB*. São Paulo: IPÊ – Instituto Progresso Editorial, 1949.
- ORAE, *manual completo de orações e instruções religiosas*. Lisboa: J Steinbrenner, 1939.
- PALHARES, Gentil. *Frei Orlando, O Capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1982.
- PAULA, Luiz C. C. de. (Org) *História Militar Brasileira II: período republicano: livro didático*. Palhoça/SC: UNISUL, 2010.
- \_\_\_\_\_ *Tópicos Especiais: memórias e representações militares*. livro didático. Palhoça/SC: UNISUL, 2010.
- PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na Guerra*. Curitiba: CRV, 2017.
- POLLAK, Michael. *Estudo sobre o Combate*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.
- RODRIGUES, Fernando da Silva. O Posicionamento Militar Brasileiro Durante a Segunda Guerra Mundial: Aproximação com a Alemanha e Alinhamento com os Estados Unidos da América (1934-1942). *Revista da Escola Superior de Guerra*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 46-62, jan./jun. 2012.
- \_\_\_\_\_ *Organização, Preparação e Atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Centro de Estudos Estratégicos do Exército, Vol 12 (2) Mar/Maio 2019, p. 42.
- SACCOMANI, Edda. *Fascismo*. In BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. São Paulo: Editora UnB. 2004.
- SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do bombardeio de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SCHNEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um Ex-Capelão da FEB*. Curitiba: Rosário, 1983;

- SHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em Surdina*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um Soldado*. Rio de Janeiro: BIBLIEx e Editora Expressão Cultural, 2001.
- SNAPE, Michael. *God and the British Soldier: Religion and the British Army in the Era of the Two World Wars*. New York: Routledge, 2005.
- SOARES, Leonércio. *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba, Ed. do autor, 1985.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor, americanização do Brasil na época da 2ª guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A Evolução do Pensamento Estratégico Naval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.
- VIOTTI, Cássio A. *A Conscrição*. In: *Crônicas de Guerra*. A Força Expedicionária Brasileira na Itália. Belo Horizonte: sem editora, 1998.